

Diário de Lisboa

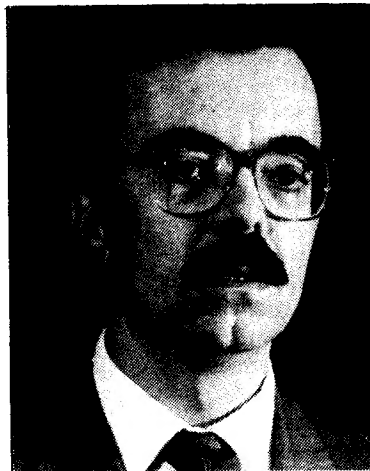
FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23346

DIRECTOR ANTÓNIO RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA 16 OUTUBRO 90 70\$00

Basílio Horta entra na corrida para Belém

E vão quatro



Carlos Marques



Carlos Carvalhas



Mário Soares



Basílio Horta

Basílio Horta vai candidatar-se à Presidência da República. O anúncio está marcado para a próxima quinta-feira no mesmo hotel e na mesma sala em que, há dias, Mário Soares se declarou candidato a Belém.

A candidatura de Basílio Horta vem juntar-se às já confirmadas de Carlos Marques, Carlos Carvalhas e Mário Soares, elevando assim para quatro o número de candidatos à Presidência da República. O actual vice-presidente e secretário-geral do CDS tem vindo a desdobrar-se numa série de contactos tendentes a criar condições para que a sua candidatura

se torne viável. Hoje mesmo, terá um encontro com Freitas do Amaral no sentido de garantir o apoio do líder centrista e do CDS para uma candidatura que pretende ser alternativa à «candidatura republicana e socialista protagonizada por Soares». Certo é também que a sua candidatura aproveitará a oportunidade para lançar um duro ataque ao PSD pela ausência de um candidato de direita.

O CDS vai clarificar a sua posição quanto às eleições presidenciais no próximo sábado num Conselho Nacional marcado para o efeito.

Pág. 5

Alerta contra consumo de peixes do Tejo

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira pediu hoje à população local para evitar o consumo de peixe pescado no rio Tejo (sobretudo tainha e fataça) proveniente da zona do estuário fronteiriço do concelho. Em comunicado assinado pelo seu presidente, Daniel Branco, a edilidade refere que já foram retiradas mais de 100 toneladas de peixe morto do rio, sem que até agora os vários organismos tenham chegado a uma conclusão quanto às causas da morte das espécies piscícolas ribeirinhas. Daniel Branco considera «incompreensível» esta demora e acusa o Ministério e a Secretaria de Estado do Ambiente de não terem «o mínimo controlo sobre a situação».



Rui Pacheco

Temporal O mau tempo que se faz sentir em todo o País, mantém-se. Esta manhã, os Sapadores de Lisboa receberam mais de cem chamadas de auxílio, entre as 8 e 30 e as 10 e 30. O trânsito também tem sofrido (na foto, um aspecto da Marginal, esta manhã) e a situação é particularmente grave na Guarda, onde o mau tempo provocou aluimento de terras, queda de muros e corte de estradas.

Idílio governamental deixa Collor de Mello sem dois ministros

Pág. 7

Burocracia condiciona progresso português

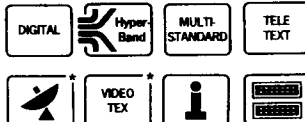
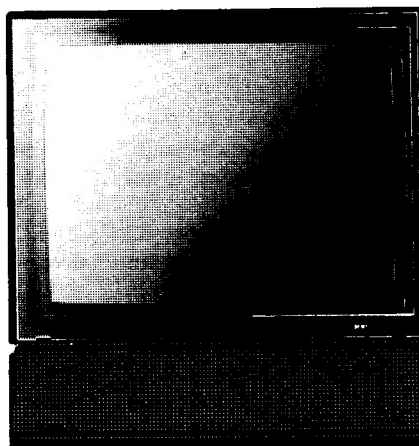
Uma lúcida e polémica visão de um Portugal condicionado pela burocracia e pelo autoritarismo no seu caminho para 1992. Da autoria de Diana Smith e da responsabilidade do *Camões Center*, da Universidade de Columbia fala-nos das realidades e esperanças de um país - o nosso - dominado pelo «interesse

nacional, do qual o povo não tem parte» (ler no Suplemento de Economia).

Realidades que passam também pela fome encoberta e pela pobreza camuflada, nas cidades como nas zonas rurais, conforme se pode verificar pelos textos que publicamos em Grande Angular.

Pág. 2 e 3

A nova geração em tecnologia:
Loewe micro-digital



LOEWE.

Representante em Portugal:

SOC. DE REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto 9515003 • Lisboa 777824



Nobel da Economia
para 3 norte-americanos
Pág. 7

Conselheiro de Gorbachev
diz que a URSS estará
na NATO em 1991
Pág. 7

Operação Holanda
começa hoje no Bessa
Pág. 16

Lotaria Popular
1.º 393 353
2.º 362 073
3.º 484 032
4.º 299 882



PORTE
PAGO

**GRANDE
ANGULAR**

O PCP quer fazer a caracterização da pobreza em Lisboa.
Aliviam-se as consequências, mas não se combatem as causas

Há muita fome encoberta

Tem 25 anos e vive num bairro de lata, em Lisboa. É casado, já com dois filhos. Teve sempre empregos precários que não lhe exigiam qualquer qualificação. Actualmente a receber o subsídio de desemprego, vive à custa de esmolas. Este é um caso típico da pobreza urbana existente em Portugal.

Os seus pais habitam numa barraca ao lado da sua e vieram para a capital em busca de um emprego melhor. Eram trabalhadores agrícolas, numa localidade do distrito de Viseu, e nunca conseguiram o seu objectivo. Um rendimento baixo associado a um elevado número de pessoas no agregado familiar, remeteu esta família para uma situação de pobreza difícil de ultrapassar.

É fácil encontrar outros casos idênticos. As pessoas são constantemente assediadas por pedintes. Por todo o lado, no autocarro, metro, comboio, centros comerciais ou na rua, há sempre alguém que estende a mão. Novos,

velhos, homens, mulheres, deficientes, europeus, africanos, etc., constituem um quadro de um problema de difícil resolução. Aliviam-se as consequências, mas não se combatem as causas.

Por exemplo, numa viagem de metro, entre o Colégio Militar e os Restauradores, chegam a entrar e sair quatro pessoas a pedir esmola, quase uma por carruagem. É a ceguinha que vem acompanhada de uma linda menina loura. É o aleijado que resolve contar histórias e nos obriga a olhá-lo. É aquele rapaz que não fala e emite um ruído estranho para chamar a atenção. É um cego que, com a sua concertina, tenta justificar o pedido.

Um estudo intitulado «Pobreza urbana em Portugal», coordenado por Manuela Silva e Alfredo Bruto da Costa, editado pelo Centro de Reflexão Crística, procurou caracterizar este tipo de situações. O inquérito realizou-se entre Novembro de 1986 e Janeiro de 1987. Posteriormente seleccionaram-

se 612 inquéritos em Lisboa, 210 em Setúbal e 225 no Porto, num total de 1039.

Foram abordados pessoas vivendo em espaços urbanos degradados, idosos de poucos recursos económicos, desalojados das ex-colónias, certas minorias étnicas, grupos particularmente vulneráveis (isolados, famílias monoparentais, deficientes, desempregados de longa duração, alcoólicos, etc.) e «novos pobres».

O aparecimento deste último grupo decorre de factores inerentes à crise económica e às políticas adoptadas para a enfrentar. Por exemplo, situações de desemprego, de precariedade dos esquemas de segurança social, de erosão do poder de compra e da inflação.

«O tipo de pobreza que constitui objecto deste projecto de pesquisa é apenas um caso particular da realidade multifacetada com que se apresenta a pobreza urbana. É a pobreza resultante de um processo de deficiente desenvolvimento sócio-

económico do país, que vai trasladando do campo para a cidade populações em busca de melhores condições de vida, sem que tenham sido criadas as indispensáveis infra-estruturas de acolhimento e de integração no tecido urbano», lê-se na introdução deste livro.

População jovem

O estudo indica que se está diante de uma população bastante jovem, com família de dimensão elevada. Quase metade dos indivíduos têm menos de 20 anos e fazem parte de um agregado na ordem dos 3,9 pessoas/núcleo. No Continente, este valor é de 3,2. Destes, 66,1 por cento são casados.

As famílias inquiridas distribuem-se da seguinte forma: 25 por cento em bairros de lata, 10 por cento em realojamento precário, 49 por cento em realojamento definitivo e 16 por cento em casas velhas.

Mais de metade dos inquiridos, 55 por cento, é de origem citadina. Lisboa, a cidade mais pressionada por

correntes migratórias, é a grande excepção. Na capital, 66 por cento das pessoas nasceram em aldeias ou pequenas vilas.

A população empobrecida de Lisboa tem ainda outra originalidade. A cidade lisboeta concentra a quase totalidade de estrangeiros inquiridos, 83 por cento.

O nível de rendimento dos agregados familiares é extremamente baixo. Em 1987, para cada membro havia uma média de 110 contos por ano. As famílias consideram que recebem apenas 65 por cento do que necessitam.

Embora o nível médio de instrução dos inquiridos seja muito baixo - 50 por cento não tem a 4ª classe, as famílias de menor rendimento são aquelas cujo representante tem um menor grau de instrução.

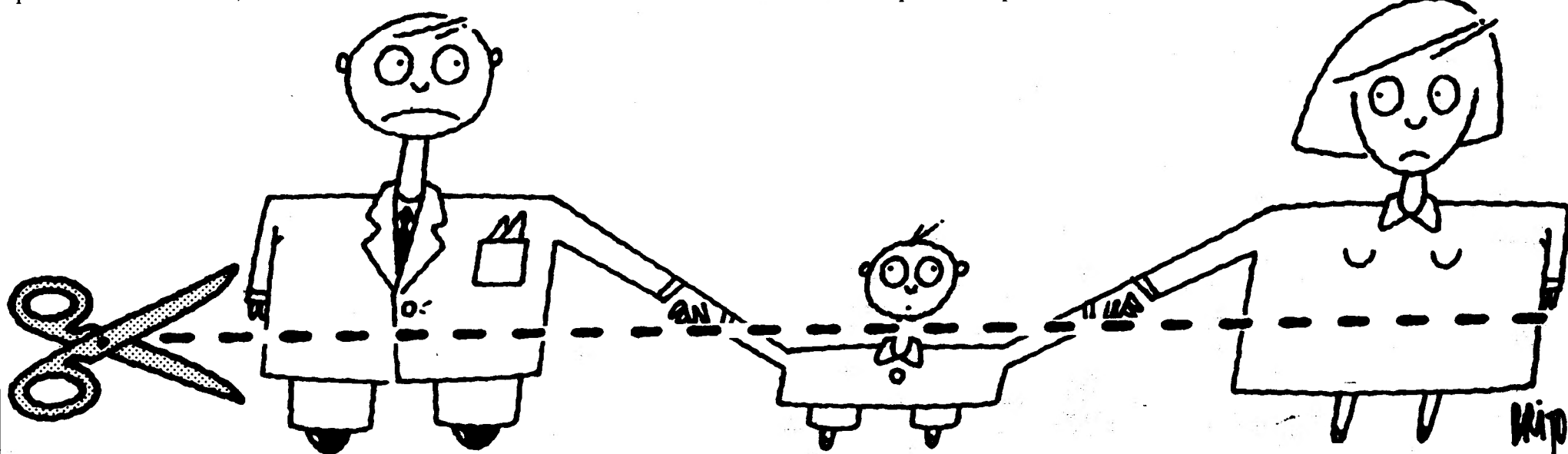
A pobreza é uma herança social. Neste estudo, 79 por cento das pessoas declararam que os seus pais já eram pobres. Tendo em conta o conjunto da população, 73 por cento continuaram na mesma situação em

que os seus ascendentes viveram, enquanto que 11 por cento pioraram. Apenas 16 por cento melhoraram as condições de vida.

Os representantes empobrecidos era filhos de trabalhadores rurais, não continuando, no entanto, a profissão dos progenitores. Vieram para a cidade «para fugir à pobreza do meio rural», na sua maioria, para desempenhar tarefas que não exigem qualificação: serviços domésticos e operários não qualificados.

Neste contexto, importa realçar duas questões. Em primeiro lugar, trata-se de uma situação, em grande parte, resultante dos fluxos migratórios do meio rural para o meio urbano com consequente frustração das expectativas criadas. Em segundo lugar, parece que estas famílias estão destinadas a morrer pobres. Fenómeno que, não sendo uma fatalidade, acaba por assumir carácter de hereditariedade por não existir uma política social adequada.

Céu Neves



A situação de pobreza pode vir a agravar-se em Portugal. Tudo depende da forma

Pobreza camuflada

Não importa a idade. Novos e velhos sobrevivem da mesma forma: com fome, na rua, em barracas, bancos de jardim ou em vãos de escada. Habitaram-se ao isolamento e ao abandono da sociedade.

Todos os conhecem. São os pobres da cidade, cujo número aumentou nos últimos dez anos. Por isso, não é de estranhar que as situações mais graves de pobreza existam nas zonas urbanas.

«A pobreza urbana é qualitativamente grave. O pobre da cidade vive, normalmente, isolado. Enquanto, nos meios rurais, funcionam esquemas de solidariedade que minoram as situações de carência» - afirmou ao «DL», Alfredo Bruto da Costa, do Depar-

tamento Central de Planeamento, do Ministério das Finanças, e um estudioso da matéria.

O aumento do desemprego, da taxa de inflação e os salários em atraso são hoje apontados como os factores que, nos anos 80, criaram novas formas de pobreza urbana. Muitas famílias portuguesas viram-se, assim, a braços com uma situação de carência e a viver de acordo com um estatuto socio-económico que nunca antes tinham conhecido. O poder de compra baixou e a rede de protecção social, criada logo após a Revolução de Abril, e que trouxe à sociedade portuguesa o subsídio de desemprego e o salário mínimo nacional, revelou-se bastante insuficiente.

Para Bruto da Costa o problema

está em que a pobreza em Portugal continua a ser atacada no sentido de se minorar as suas consequências e não as suas causas. «É preciso reduzir a desigualdade económica e promover o desenvolvimento. Isto tem a ver com as causas e não com as consequências da pobreza» - afirmou ao «DL».

Pode dizer-se que a estrutura montada tem funcionado, sobretudo, como um círculo vicioso e pólo camuflador de uma realidade, que tem vindo a agravar-se na última década. E, segundo o nosso interlocutor, o futuro é incerto e com algumas razões para recear esse agravamento.

«A pobreza não é uma fatalidade. É, sim, um problema irrefutável e, em Portugal, tanto pode

diminuir como aumentar. Tudo depende do que a sociedade fizer. Se nada acontecer, temos razões para recear, que a partir de 1992, com a integração plena na CEE, a pobreza irá aumentar no nosso país» - sublinhou Bruto da Costa.

Os especialistas acusam os governantes de se esquecerem que estamos perante um fenómeno pluri-dimensional e que as suas raízes mergulham fundo na estrutura de uma sociedade e no tipo de organização sócio-económica. Pode mesmo dizer-se que se têm negligenciado factores que não se compadecem com as abordagens episódicas, parciais e superficiais que têm sido feitas em Portugal.

Não basta reconhecer que a pob-

reza é uma enfermidade social ou saber quantos pobres existem em Portugal, se a própria sociedade adopta uma postura de conformismo no que diz respeito a esta questão.

«Continua a ser um problema menor, periférico e sem grandeza que justifique relevância social e política. Nos últimos tempos, tenho sentido alguma preocupação por parte do Governo, mas até agora ainda não se viu qualquer resultado prático ou positivo» - disse-nos Bruto da Costa.

Estudos realizados há já algum tempo revelam-nos que, nos anos a seguir ao 25 de Abril, foram tomadas algumas medidas de política sócio-económica que vieram beneficiar os grupos mais pobres da



como a sociedade continuar a encarar o problema

população. Porém, o agravamento da crise económica e as sucessivas políticas recessivas postas em prática deram origem a um agravamento da situação nos centros urbanos com o aparecimento dos chamados «novos pobres» e da «pobreza envergada».

«Este tipo de pobreza significa que os homens na nossa sociedade são valorizados pelo dinheiro que têm e não de acordo com o que valem» - diz Bruto da Costa.

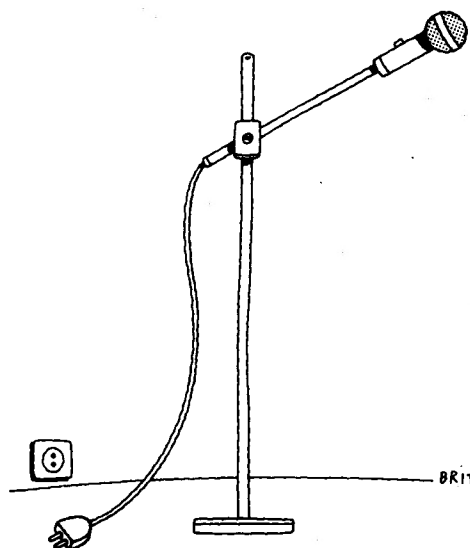
Para os especialistas, trata-se de uma pobreza secundária. Isto, porque atinge pessoas que sacrificam a satisfação das suas necessidades básicas pelo supérfluo e luxo. É o chamado «efeito de montra», próprio de uma sociedade de consumo. Há quem diga que, por enquanto, «é só

uma espécie de figurino dominante, embora não seja predominante».

Figurino, esse, transmitido pelos escalões mais elevados da hierarquia social que acabam por determinar e dominar um certo estilo de vida. É a máquina do social a funcionar de acordo com a lógica do parecer pelo ser, a qual põe em causa critérios de felicidade, harmonia e formas de poder.

«É claro que tudo isto tem a ver com o próprio conceito de democracia. Uma das formas para reduzir a pobreza é distribuir o poder da sociedade pelos pobres, já que uma das suas características é não terem, sequer, poder para reivindicar» - defende Bruto da Costa.

Ana Mafalda Inácio



Marx visitado pela Igreja Católica

Karl Marx renovado pela Santa Madre Igreja ou o reeditar da velha querela ideológica acerca de certa identidade humanista entre comunismo e cristianismo? Eis uma dúvida pertinente suscitada por uma iniciativa do Partido Comunista Português, que convocou congregações religiosas, algumas delas de exclusiva tendência caritativa, para um debate sobre a pobreza na região de Lisboa?

Se o assunto não fosse demasiado sério para especulações jocosas, dir-se-ia, agora que a pobreza se instalou no Leste, que o comunismo invoca Cristo, perante a ausência de Marx.

Que dos pobres é o reino dos Céus; que os ricos não têm passaporte para o Paraíso, palavra de Jesus ilustrada pela parábola do camelo e do buraco da agulha - longe vão os tempos deste conformismo bíblico.

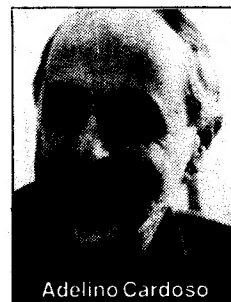
As provações do corpo não são mais o caminho da redenção, ao gosto de algumas ordens religiosas; mais certo é a perdição da alma ser fruto de um desenfreado riquismo. Não é aceitável que a redenção se assuma por sinais exteriores de pobreza, antes pela expressão de uma riqueza interior. No fundo, a velha questão do ser e do ter.

Nesta ordem de ideias, a caridade, com todo o respeito que possa merecer como atitude de solidariedade comiserante, e o desrespeito enquanto manifestação de hipocrisia, de desculpabilização social ou preço por um lugar no Céu, não é modernamente a forma de atacar o fenómeno da pobreza. Não se trata apenas de um problema de consciência que a caridade resolveria pela via do sofrimento, mas de um problema de justiça que a política tem de resolver pela via da alegria.

Se o comunismo não resolveu satisfatoriamente o problema da justiça devido à ineficácia da estatização do aparelho produtivo, o capitalismo liberal ainda menos devido à cegueira das implacáveis leis do mercado. A pobreza também é fruto de teorias e práticas de desenvolvimento centradas no simples crescimento económico, despreocupadas dos efeitos sociais perversos. Exemplo eloquente desta situação é a realidade dos Estados Unidos, onde o grande desenvolvimento convive com extensas e dramáticas manchas de marginalidade e pobreza. Só as sociais-democracias nórdicas conciliaram, de algum modo, o crescimento económico com a justiça social.

A pobreza urbana que se vive em Lisboa tem uma causa eminentemente política que, não se resume, como alguns dos especialistas referidos nestas páginas afirmam, a circunstanciais crises económicas ou a deficiências do sistema de segurança social.

A pobreza em Lisboa tem uma característica terceiro-mundista, qual é a de ser originada, em grande parte, por uma migração interna, pela fuga dos campos, do interior subdesenvolvido. Não há soluções de fundo para este fenómeno, enquanto não se corrigirem as assimetrias regionais, enquanto não se desenvolverem várias políticas sectoriais que fixem populações ao seu local de origem e combatam a crescente litoralização do País. É neste sentido que as políticas agrícola, florestal e de concentração espacial da indústria são também responsáveis por desequilíbrios urbanos, traduzidos em concentrações populacionais em áreas que não dispõem de capacidade para as receber. É por estas e por outras que a erradicação da pobreza é também uma questão de planeamento global.



Adelino Cardoso

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director
António Ruella Ramos

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)
Mário Mesquita (1989/1990)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira,
João Galamba de Oliveira,
José Luís Feronha,
Nunes de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques,
Alves Henriques,
Ana Maílda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Céu Neves, Daniel Reis,
Dina Soares, Elsa Andrade,
Emília Trindade, Ernesto Sampaio,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Faria,
Maria Antónia Martinho,
Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo Pass, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alessandra Balsamo, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallerca e Roby Amorim.

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Emelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-12 - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pisos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 - Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

FORUM

A TAMPANHA ELEITORAL

O problema fundamental do candidato dr. Mário Soares não é ser um recandidato.

É aparecer como quem vai cortar a fita da sua própria candidatura.

Ou seja, do seu remandato. Ele, que sempre disse não querer ser um corta-fitas.

A perspectiva não é, de facto, boa: ser este homem a fita, ser este homem a tesoura e ser este homem o lado de lá da fita.

Não uma eleição, mas uma represidência reaberta.

Não uma votação, mas um livro de cumprimentos, com folhas volantes.

A fraqueza de um PSD sem candidato presidencial tem, pelos vistos, esta força toda: converter o dr. Mário Soares num — almirante laico.

Com a tesoura das fitas de espadim.

É pérfido e pode ser definitivamente pérfido.

Pelo que ao dr. Mário Soares só resta produzir uma campanha que não seja, na melhor das hipóteses, uma reiteração de presidente Dupont, e na pior das hipóteses, a reiteração que o presidente Dupont faz da reiteração que o presidente Dupont fez.

O dr. Mário Soares, se não tiver de acordar depois da sua legendária *siesta*, não acorda.

É a sua *siesta* de Aquiles.

Numa palavra, o dr. Mário Soares precisa de adversidade.

Mais profissionalmente: precisa de um adversário.

O talento do adversário do dr. Mário Soares foi recusar-se a ser adversário do dr. Mário Soares.

O talento do dr. Mário Soares será o de repor o seu adversário no lugar que lhe compete.

Se não o seu adversário, ele-próprio, pessoalmente, na insti-

tuição que reveste, pelo menos o seu adversário no que ele representa, no que ele é.

Obviamente, a absoluta mediocridade cultural e a desgraçada estreiteza social e moral do cavaquismo.

Dir-se-á que é um problema insolúvel.

O presidente Mário Soares é o Presidente de todos os portugueses.

O cavaquismo é português.

Logo, o Presidente é, também o Presidente do cavaquismo.

Dir-se-á que o Presidente Mário Soares é o Presidente do consenso.

O cavaquismo é o *con* do senso.

Logo, o Presidente Mário Soares tem de ser o *senso* do *con*.

Dir-se-á ainda que o cavaquismo se antecipou e pôs-se do lado do

Logo, o homem de convicções.

Ideologicamente reafirmado. Identificado com um entendimento de determinados caminhos de desenvolvimento, de convivibilidade, de afirmação de Portugal na Europa e no Mundo.

Que tem este homem, que tem este homem-projecto, a ver com a absoluta mediocridade cultural e a desgraçada estreiteza social e moral do cavaquismo?

É uma alternativa?

É. É a alternativa.

Com que vantagem?

Desde logo, driblar o *dribling* da estratégia cavaquista. A qual, no fundo, parecendo apoiar o presidente neste *não desapoio*, o desvaloriza, para não valorizar aqueles que o valorizam.

República?

Que o sr. comandante Gomes Mota deve subir à ponte do navio almirante da campanha e mandar abrir, à vontade, nutrido, fogo, sobre o Governo, e o PSD?

Que o dr. Mário Soares deve dizer adeus à sua corte *tutti frutti*, onde há de tudo um pouco, havendo, do pouco, quase tudo?

Não necessariamente.

Mas que o dr. Mário Soares, que sabe usar o instinto do talento, também deve usar — a coragem do instinto.

Ora o dr. Mário Soares decerto não ignora que a sua força é já hoje muito mais do que o Anahory do consenso e o Paiva da convivibilidade.

Pelo que o dr. Mário Soares poderá, sem proferir sequer o nome banalíssimo de Aníbal, sem sequer identificar a função de Estado que reveste esse nome, sem formalmente violar o acordo envenenadíssimo do *não desapoio*, desmontar o holograma negro da mediocridade que o anibalismo essencialmente é.

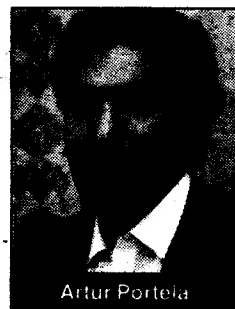
Com um daqueles formosos, e espectaculares, golpes de rins de que, por exemplo, o dr. Sá Carneiro era capaz. É isso: o dr. Sá Carneiro, que não foi, como o dr. Mário Soares é, amigo do sr. Mitterrand, se fosse o dr. Mário Soares, ganhava, mas de facto ganhava, estas eleições.

Talvez não por tantos votos como a hesitação dos Estados-Maiores eleitorais ambicionarão.

Mas com votos mais eficazes.

O sr. Rocard não foi presidente da Câmara Municipal de Paris. O sr. Chirac foi. E continua a ser. O sr. Mitterrand sorri.

Pelo que o dr. Mário Soares tem de escolher entre ganhar estas eleições e — ganhar realmente estas eleições.



Artur Portela

A fraqueza de um PSD sem candidato presidencial tem, pelos vistos, esta força toda: converter o dr. Mário Soares num — almirante laico. Com a tesoura das fitas de espadim

Presidente Mário Soares.

Que fazer, comandante?

Aqui, há talvez a dizer, numa homenagem porventura paradoxal, que faz falta um Sá Carneiro. E talvez não tão paradoxal como isso porque Sá Carneiro só podia ser hoje a recusa indignada da absoluta mediocridade cultural e da desgraçada estreiteza social e moral do cavaquismo.

Faz falta um Sá Carneiro no sentido de que ele tinha a intuição da rentabilidade psicossocial e política do grande gesto dramático. Da aposta. Do risco.

Vejam.

Não é o sr. Presidente da República que se recandidata a Presidente da República.

É o sr. dr. Mário Soares.

Depois, produzir um de facto adversário.

Finalmente, potenciar a posição daqueles que mais proximamente se identificam com as convicções do candidato dr. Mário Soares. Marcar-lhes encontro com a vitória.

Com a talvez adicional vantagem para os interesses, para não dizer a talvez ambição, do dr. Mário Soares, que será

a de relativizar, do semipresidencialismo português, o prefixo.

Isto que quer dizer?

Que o candidato dr. Mário Soares deve ser o sinistro sr. Hyde do amável dr. Jeckill que é o Presidente da

CARTAS NA MESA

Cheias: Deixemo-nos de simulações!

Os portugueses já se habituaram: o País continua a meter água por todos os lados. Este fim-de-semana foi um primor. Às primeiras pingas, grossas e abundantes, Lisboa ficou a chapinhar e o Porto alagado. Os nossos governantes, de tão preocupados com os grandes desafios de 1993, voltaram a esquecer-se dos pequenos (grandíssimos) problemas nacionais, aqueles que afec-

tam directamente a população.

Como o próprio «DL» referia na passada sexta-feira, em Santarém, o ministro da Administração Interna, Manuel Pereira anunciava-adiantando-se aos desagradáveis acontecimentos outonais - que o Governo tem na manga uma nova lei de protecção civil. E foi através de uma simulação, em vídeo, que demonstrou as potenciali-

dades da futura legislação para atender ao problema das cheias. Se o sr. ministro tivesse esperado mais um dia, poderia ter aproveitado a generosidade de São Pedro para pôr em prática tão engenhoso plano.

As cheias estão aí. Deixemo-nos de simulações!

Maria Rodrigues Setúbal

Sempre os últimos

Acredite, Sr. Director, que não gosto nada, como português, de me encontrar sempre na cauda da Europa.

Veja o que é que se passa com o chamado «Acordo de Lisboa» sobre o Ambiente, ratificado há dias, e que receberá uma verba de cerca de nove milhões de contos da CEE para dotar os países signatários (Portugal, Espanha, França e Marrocos) com meios para combater a acidentes marítimos nas suas águas territoriais.

Agora, por mais reforçada que saia a minha costela chauvinista, com a instalação em Lisboa do centro que accionará a intervenção conjunta dos equipamentos de cada um dos membros do nóvel acordo, não posso deixar de assinalar que a França e a Espanha já dispunham de estruturas de prevenção e combate a acidentes marítimos nas suas costas do Mediterrâneo, através do «Acordo de Barcelona» de 1976, enquanto o Mar do Norte dispõe de acordo semelhante desde 1969.

Como vê, somos sempre os últimos.

José Manuel Pereira da Silva - Leitor de Lisboa

POLÍTICA

Reunião hoje em Lisboa

CAP prepara-se para exigir demissão de ministro

A demissão do ministro da Agricultura, Arlindo Cunha, poderá vir a ser hoje exigida pela CAP, na sequência de reunião a decorrer em Lisboa da direcção e os presidentes das associações filiadas na confederação.

A hipótese, avançada no sábado passado pelo semanário «Expresso», foi esta manhã confirmada ao «DL» por Carpinteiro Albino, dirigente da CAP. «A direcção pode vir a ser mandatada para agir. Podem vir a ser decididas várias formas de luta», sublinhou.

Em causa está um conflito com o Governo, que se arrasta há meses, tendo como pano de fundo as negociações em Bruxelas da segunda etapa de transição da agricultura comunitária, cujo início está marcado para 1 de Janeiro do próximo ano. Aquela entidade representativa dos agricultores tem vindo a considerar que o Executivo não está a defender na CEE os interesses do sector. No comunicado distribuído pelo Gabinete de Imprensa da CAP a propósito do encontro de hoje em Lisboa, afirma-se, mesmo, que o Governo se mantém numa «posição irredutível, chegando ao ponto de inverter todos os aspectos já acordados que havia prometido à classe».

Carpinteiro Albino explicou ao nosso jornal que uma das questões em aberto se prende com o «regime de especificidade da agricultura portuguesa», aprovado no ano passado em Copenhaga. Tal regime terá, por exemplo, reduzido de dez para cinco anos o período de transição dos cereais.

Porém, o descontentamento desta organização não é novo. Começou a manifestar-se no Verão passado, quando o Governo, com o objectivo de conter a inflação, retirou direitos niveladores e taxas algandegárias de alguns produtos agrícolas, empreendendo uma tímida liberalização, de reduzido significado económico. De então para cá, a CAP tem vindo a acentuar a crítica à política governamental para o sector, acabando agora por admitir a possibilidade de vir a público reivindicar a substituição do ministro da Agricultura.

Redacção «DL»

Basílio Horta candidata-se à Presidência da República

Basílio Horta vai anunciar a sua candidatura à Presidência da República na próxima quinta-feira, pelas 12 horas, no mesmo hotel e na mesma sala em que Mário Soares manifestou a sua intenção de permanecer em Belém. O actual vice-presidente e secretário-geral do CDS tem vindo a desdobrar-se numa série de contactos tendentes a criar condições para que a sua candidatura se torne viável.

Para a tarde de hoje está prevista uma reunião entre Basílio Horta e Freitas do Amaral no sentido de garantir o apoio do líder centrista e do seu partido a uma candidatura que pretende ser alternativa a Mário Soares, sobretudo depois da renúncia do deputado europeu Lucas Pires.

Apesar do espaço em aberto na direita portuguesa, em termos de protagonista presidencial, nem todos os dirigentes do CDS se mostram entusiastas da iniciativa de Basílio Horta. Há quem se mostre reticente às vantagens de o partido centrista patrocinar uma candidatura presidencial perante o consenso que se constata existir à volta da recandidatura do actual Presidente. Reconhece-se, contudo, a vantagem em confrontar o PSD com a ausência de candidato próprio.

O anúncio da candidatura de Basílio Horta vai surgir na véspera de uma reunião da Comissão Política do CDS e dois dias antes do Conselho Nacional do



Basílio Horta quer ser alternativa a Mário Soares

partido, que reúne precisamente para analisar o posicionamento centrista face às eleições presidenciais.

O timing escolhido pelo actual vice-presidente do CDS indicia que quer confrontar o seu partido com o facto consumado que representa a sua candidatura. A esta intenção não será alheia a intervenção que o líder parlamentar centrista, Narana Coissoró, vai proferir hoje,

no início de mais uma sessão legislativa.

Narana Coissoró vai defender que é «saúdável que surja uma candidatura na área da antiga AD, em alternativa a uma candidatura republicana e socialista protagonizada por Mário Soares». Comentando o anúncio da candidatura de Basílio Horta, afirmou ao «DL» que «qualquer cidadão é livre de se candidatar, mas o partido, como tal, não fabrica nenhum candidato». E Narana acrescenta: «Pessoalmente, penso que seria prudente aguardar que todos os candidatos se apresentem para que depois o CDS possa tomar uma posição».

Por seu turno, Nuno Abecasis tomou já posição face a Basílio Horta. Em declarações a «O Diabo», Abecasis diz que «Basílio é um mau candidato. Não faz sentido insistir com Lucas Pires para reconsiderar a sua decisão de desistir da corrida presidencial quando o partido pretende escolher um mau candidato».

Ontem, a Juventude Centrista reuniu a sua Comissão Política para «reafirmar a necessidade de um candidato da área do centro-direita». Em comunicado considera que, «no caso de até ao próximo Conselho Nacional (marcado para sábado), não surgir essa candidatura, então não fará qualquer sentido definir-se a posição final do partido sobre as presidenciais nesse órgão».

Redacção «DL»

Reféns portugueses dizem-se abandonados

O Ministério dos Negócios Estrangeiros não reagiu oficialmente à reportagem do enviado especial do Público em Bagdad, publicada na edição de hoje deste matutino, e segundo a qual os portugueses retidos no Iraque se queixam das autoridades portuguesas, acusando-as de os terem abandonado e nada fazerem por eles.

O porta-voz do MNE, contactado esta manhã pelo DL, disse apenas que «através do embaixador de Portugal em Bagdad, junto da embaixada do Iraque em Lisboa e no âmbito dos Doze, continuam a ser feitos todos os esforços para o repatriamento desses portugueses».

A edição de hoje do Público insere também um irónico apelo dos «portugueses detidos no Iraque». Sob o título «Político precisa-se», solicitam um político de «qualquer partido» ou «independente», no «activo, na reserva ou na reforma», mas «com algum nome» e que «não tenha medo de viajar até Bagdad nem vergonha de interceder por compatriotas junto do Presidente Saddam Hussein». Informam também que pagam as viagens de ida e volta.

Este apelo é subscrito por 36 portugueses que dizem encontrar-se em Bagdad, arredores de Bagdad, Bassorá, Kirkut e Kuwait.



O primeiro-ministro português elogiou a forma como o governo luxemburguês tem resolvido os problemas dos emigrantes portugueses no Grão-Ducado

Jacques Santer em Lisboa

Emigrantes são traço de união entre Portugal e Luxemburgo

Cavaco Silva e o seu homólogo luxemburguês, Jacques Santer, que se encontra em visita oficial a Portugal, referiram ontem o papel dos emigrantes portugueses, que no Luxemburgo são cerca de 34 mil, constituindo nove por cento da população.

Falando durante o jantar que ofereceu a Jacques Santer, Cavaco Silva recordou que Portugal é um País com grandes comunidades de emigrantes e considerou exemplar a forma como governo do Luxemburgo tem procurado resolver os problemas dos portugueses que vivem no Grão Ducado.

O primeiro-ministro português lembrou que a crise do Golfo «permitiu constatar que apenas soluções colectivas podem fornecer respostas adequadas às violações internacionais e veio demonstrar que a Europa precisa de manter e acautelar os vínculos privilegiados que a unem aos Estados Unidos».

Sobre a Europa, Cavaco Silva defendeu «o

respeito pela coesão económica e social em toda a plenitude da expressão, o respeito pela identidade nacional de cada estado membro, pela lógica e equilíbrio institucionais das próprias comunidades».

Cavaco Silva disse desejar hoje «uma Europa solidária, uma Europa que não se feche sobre si mesma, mas antes procure a sua prosperidade e contribua para o desenvolvimento das populações do Sul».

O primeiro-ministro do Luxemburgo afirmou, por sua vez, que o laço mais estreito entre Portugal e o Luxemburgo é, realmente, o que foi criado nas últimas décadas de anos no plano humano graças aos milhares de emigrantes portugueses que vivem no Grão-Ducado. Jacques Santer acrescentou que o Luxemburgo «vai continuar no futuro a cuidar das necessidades e desejos dos trabalhadores portugueses que contribuem em muito para a prosperidade do país».

B R E V E S

Mota Vieira mandatário de Soares nos Açores

Luciano Mota Vieira, professor do ensino secundário e investigador de História é de novo o mandatário da candidatura de Mário Soares à Presidência da República, nos Açores. Há cinco anos Mota Vieira aceitou ser mandatário de Soares indo contra a orientação do partido a que pertence, o PSD, que na altura apoiou Freitas do Amaral.

Procurador admite haver violação do segredo de justiça

«Tem havido violações do segredo de justiça», afirmou o Procurador-Geral da República adiantando que o Ministério Público está a realizar investigações nesta matéria. Cunha Rodrigues, em entrevista que concedeu ao semanário «O Diabo» afirma que quem tem acesso aos segredos de justiça são «os magistrados, advogados, funcionários de Justiça, órgãos da polícia criminal, departamentos auxiliares de investigação e os próprios intervenientes nos factos (ofendidos, arguidos e testemunhas)».

Valente de Oliveira defende discussão dos PDM

O ministro do Planeamento e da Administração do Território defendeu hoje em Coimbra uma «discussão profunda» em torno dos Planos Directores Municipais, PDM. Para Valente de Oliveira, com o debate dos PDM poderá chegar-se «à escolha de um determinado modelo de ocupação de espaço que defina o estilo de vida das populações».

Arménio Santos com acórdão adiado

O Tribunal da Boa-Hora decidiu ontem adiar para sexta-feira a leitura do acórdão do julgamento do deputado e dirigente sindical, Arménio Santos. O juiz, Costa Pimenta, justificou a impossibilidade de proferir o acórdão pelo «muito serviço» do Tribunal. O julgamento de Arménio Santos prende-se com o facto de este sindicalista não ter entregue a tempo a declaração de património e rendimentos a que estava obrigado como titular de cargos políticos.

Última sessão da V Legislatura inicia-se hoje

Lutas de poder e de sobrevivência no campo aberto do Parlamento

Duas guerras simultâneas, uma pelo poder outra pela sobrevivência, abrem hoje uma importante frente comum na Assembleia da República, entrando-se assim na fase decisiva do conflito político em curso e que há-de confluir na batalha final das legislativas, lá para o Outono do ano que vem.

Trata-se da sessão derradeira da V Legislatura, a primeira de maioria absoluta no pós-25 de Abril e em que uma das questões em liça, quicá a mais importante, é exactamente a da manutenção ou perda dessa maioria.

Em torno deste objectivo fundamental para o acesso ou a conservação do poder vão bater-se, ao longo do ano, PSD e PS: há uma pausa, em Dezembro, para as eleições presidenciais, mas ambos continuarão, igualmente, interessados por pretenderem, ainda que indirectamente, reganhar fôlego nessa pausa para a batalha final das legislativas.

Recusando, embora, a palavra guerra e optando por definir a luta política no Parlamento como «confronto democrático», os dois principais contendores não negam a importância do que está em jogo, a conquista da maioria e a chefia do Governo.

Hoje, antes da ordem do dia, António Guterres, o líder da bancada socialista, vai centrar o debate em torno das presidenciais. Depois, vão estar em debate vários acordos de cooperação nos domínios jurídico e militar entre Portugal e três países de língua o-

cial portuguesa: Cabo Verde, Moçambique e Guiné-Bissau. Na mesa encontra-se ainda a ratificação da convenção para a salvaguarda do património arquitectónico da Europa.

Prevê-se que todos os presidentes dos grupos parlamentares vão hoje intervir no período antes da ordem, salvo o caso do PSD que será representado pelo vice-presidente Duarte Lima.

Majoria parlamentar: a questão central

Montalvão Machado, líder da bancada social-democrata, ou seja, da actual maioria parlamentar, diz que o País precisa, efectivamente, de «um partido e um executivo maioritários» e que a tarefa do seu Grupo Parlamentar, vai ser «convencer o País» de que a maioria deve continuar a ser de cor laranja.

Razões? «Foi a maioria do PSD que conseguiu, ao fim de cinco anos», resultados únicos no domínio do «desenvolvimento, modernização, saúde, habitação, educação e transportes», responde Montalvão Machado.

Para o líder da bancada socialista e para além da «acção fiscalizadora» sobre o desempenho dos seus rivais no Governo, o ano parlamentar envolverá «um vasto programa de actividades políticas e legislativas, sobretudo, viradas para as populações».

Uma das vertentes principais dessa intervenção socialista, segundo António Guterres, terá, por isso, a ver com «propostas para resolver



O ministro das Finanças, Miguel Beza, entregou ontem o Orçamento de Estado na Assembleia da República ao seu presidente Vítor Crespo

problemas nacionais» na perspectiva de um partido «que se apresenta como alternativa e que pretende a confiança dos portugueses para voltar a governar».

Desigualdades sociais: o palco estratégico

A margem desta luta principal, mas não desinteressada dela e na expectativa de poder vir a influenciar o seu desfecho, o PCP parte para a maratona parlamentar anual com o objectivo básico de fixar o seu eleitorado. E já deu o mote: sem se alhear das eleições presidenciais (ao contrário, participa com um projecto próprio), prepara-se para empenhar o melhor dos seus esforços na

batalha parlamentar contra as desigualdades e pela solidariedade e justiça sociais.

Nessa batalha de ordem geral cabem discussões parcelares tão diversas como as referidas por Carlos Brito, líder comunista no Parlamento, para a sua bancada avançar: situação dos reformados, política de segurança social, higiene e segurança no trabalho, direitos, liberdades e garantias dos cidadãos, reforma do Estado ou a «manipulação da Comunicação Social».

A tarde de hoje marca também, em particular para os deputados Verdes, do PRD e do CDS, o início de uma fase igualmente importante, mas delicada, por susceptível de poder vir a pôr em causa a sua sobrevivência como parlamentares e o das suas organizações, enquanto forças políticas com representatividade, significativamente mensurável, na sociedade portuguesa.

O Orçamento a abrir a sessão

Para já, todos os partidos com assento parlamentar se vão envolver na discussão do

Orçamento do Estado para 1991, entregue ontem mesmo ao presidente Vítor Crespo pelo ministro das Finanças. É natural que, até às presidenciais, poucas abertas haja para discutir e votar a panóplia de projectos que estão a ser preparados ou já se encontram na Mesa da Assembleia da República.

Se o tempo útil de debates abrir, até lá, algumas abertas, sabe-se já que o PSD vai dar prioridade às propostas de Cavaco Silva para alterações à lei eleitoral das autarquias. Elas são suficientemente controversas para polarizarem a discussão e, eventualmente, desviá-la de outras matérias mais directamente incómodas para a maioria. A lei do referendo consta, igualmente, da agenda do PSD como uma das que esta sessão legislativa deve votar. Comunicando, igualmente, de preocupação quanto às eleições autárquicas, o PRD prepara nesse domínio um «pacote de peso», segundo o deu líder em S. Bento, Carlos Lilaia, e onde cabem, por exemplo, as candidaturas de cidadãos individuais. A tentativa de afirmação

dos renovadores junto do eleitorado, na defesa da sua própria sobrevivência parlamentar, vai incidir, ainda, sobre a lei de financiamento dos partidos e o acesso à justiça e poderá terminar como uma interpelação sobre as condições de vida dos idosos.

Tudo a ganhar ou a perder

O PS, que muito pode vir a ganhar ou a perder em função do modo como decorrer esta última sessão da V Legislatura, prepara-se para submeter a discussão um autêntico programa de Governo: ele retoma iniciativas que não tiveram desenvolvimento na sessão anterior, ou avança propostas novas desenhadas nas recentes Jornadas Parlamentares de Évora. Assim, a reforma do Estado, a regionalização (criação das Regiões Administrativas, competências e finanças das autarquias locais), a desburocratização e a defesa dos direitos dos cidadãos constituirão o núcleo base da próxima intervenção parlamentar socialista.

O CDS considera que a oposição está «mal armada» para enfrentar os quentes combates político-parlamentares que se avizinham e, por isso, assenta as suas baterias na exigência de alterações ao Regimento da própria Assembleia da República.

Tudo isto, segundo o chefe da sua bancada, Naranjo Coissoró, «para que a resposta política ao PSD seja rápida, nomeadamente em debates urgentes sobre questões da actualidade ou em confrontos com responsáveis ministeriais».

«O Parlamento tem de estar regimentalmente preparado para responder ao Governo», sublinhou o líder da bancada do CDS. «E se o Governo diz que 90 por cento do seu programa está cumprido, o que vai suceder é que fará obras para comprar votos, desobrigará segredos da oposição e falará do que fizemos e não fizemos».

Redacção «DL»/Lusa

PSD critica o Governo

Com a discussão do Orçamento do Estado à porta os vereadores do PSD da Câmara de Lisboa vieram a terreiro chamar a atenção do Governo para o facto de na distribuição das verbas para o ano de 1991, no que se refere às autarquias locais, a cidade de Lisboa não ser contemplada com um aumento dos montantes que lhe vão ser atribuídos. «Os vereadores do PSD não podem deixar de estranhar notícias referindo a intenção do Governo de propor à Assembleia da República a aprovação de critérios para a distribuição de verbas do Orçamento pelas autarquias locais que objectivamente sacrificam o município de Lisboa», refere um comunicado da bancada social-democrata da edilidade, assinado por Vítor Gonçalves.

Aquele vereador disse ao DL que esta tomada de posição do PSD visa, acima de tudo «defender os interesses da cidade e dos lisboetas».

Invocando factores como o número de habitantes, a rede viária, o número de freguesias e o índice de desenvolvimento socio-económico, o PSD da Câmara de Lisboa utiliza ainda o argumento dos custos da capitalidade para pedir «mais verbas» para a cidade.

Vítor Gonçalves que não considera nada «estranho» que vereadores do PSD critiquem o Governo PSD. «Somos vereadores da Câmara de Lisboa, não somos correia de transmissão do Governo», explicou ao DL.

Se o Executivo for para a frente com as suas intenções, o PSD da Câmara de Lisboa considera que estará «a dar um álbi político desnecessário à gestão de Jorge Sampaio em Lisboa, cuja paralisação os lisboetas vão sentir já neste Inverno».

Redacção «DL»



COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS

SALA NOVA SALA 1

TERÇA A SÁBADO — 21.30 • DOMINGO 17H

2.º MÊS

O ESTRANGEIRO EM CASA

TEXTO • RICHARD DEMARCY
MUS. CA • JOSE MARIO BRANCO

M/12

2.º MÊS

UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO

TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES

M/16

ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA

«... brilhantes interpretações.» — **O JORNAL**

«... excelente encenação.» — **A CAPITAL**

«... surrealista, absurdo, épico, cruel.» — **O EXPRESSO**

«... verdadeira fruição teatral.» — **O EXPRESSO**

«... um espectáculo perturbador, pujante de força.» — **A CAPITAL**

APÓIOS: F. GULBENKIAN • REMEDIUS MUSIC

CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO CITY PÚBLICO

SUBSIDIO S.E.C. **MARCAÇÕES T. 726 08 18**

INTERNACIONAL

O conselheiro de Gorbachev, Viktor Gaiduk, afirmou que «a Casa Comum Europeia seria impensável» com a União Soviética fora da Aliança Atlântica

URSS entrará na NATO em 1991

Viktor Gaiduk, conselheiro do Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, disse na cidade italiana de Rimini, que o seu país ingressará na Aliança Atlântica (NATO) no Outono de 1991.

Segundo Gaiduk, a discussão sobre a adesão soviética à NATO já foi iniciada em Moscovo há algum tempo. «Todos a aceitam», referiu o conselheiro de Gorbachev, que participa em Rimini num seminário sobre a situação internacional, organizado pela fundação «Pio Manzu».

«Não é uma coisa que Gorbachev possa propor hoje. No entanto, estou seguro de que esta questão será resolvida até ao Outono de 1991. Nessa ocasião, provavelmente, também a URSS integrará a NATO», acrescentou.

Gaiduk é de opinião que a adesão da URSS à NATO tranquilizaria o Ocidente contra perigos de golpe de Estado em Moscovo.

«Esta estabilidade seria a garantia que os Estados

Unidos e organismos internacionais necessitam para aplicar sem medo os investimentos de apoio à economia soviética», sublinhou.

O conselheiro do líder

soviético, que fez estas declarações quando falava sobre a atribuição do prémio Nobel da Paz a Gorbachev, quantificou esses investimentos em 15 mil milhões de

dólares.

«O Ocidente precisa de uma União Soviética estável», disse Gaiduk, acrescentando: «A verdadeira Casa Comum Europeia é impensável sem a

integração do meu país na NATO».

Viktor Gaiduk afirmou que a cimeira de chefes de Estado e de Governo dos 35 países da Conferência para a Segu-

rança e a Cooperação na Europa (CSCE) se dispõe transformar a NATO no pilar da nova arquitectura europeia, especialmente no que se refere aos problemas de segurança.

Cheney em Moscovo

Entretanto o secretário norte-americano da Defesa, Dick Cheney, iniciou hoje uma visita oficial de quatro dias à União Soviética durante a qual manterá contactos com o Presidente Mikhail Gorbachev e altos funcionários em Moscovo.

Cheney, que visita pela primeira vez a URSS, dará no dia 19 uma conferência de imprensa conjunta com o seu homólogo, Dmitri Yazov.

Moscovo considera a visita de Cheney, a segunda de um chefe do Pentágono após a efectuada por Frank Carlucci em Agosto de 1988, um novo passo no caminho da compreensão mútua entre os dois países.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Nobel consagrou a perestroika

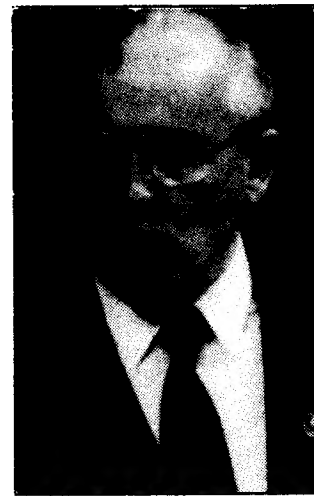
O reconhecimento mundial «do enorme significado da perestroika para o destino de todo o mundo», foi como o líder soviético encarou o prémio Nobel da Paz que ontem lhe foi atribuído pela academia sueca. Em declarações a várias cadeias internacionais de televisão, Gorbachev, visivelmente emocionado, disse ser-lhe difícil «encontrar palavras» para definir o que sentia.

Mas, enquanto a Imprensa mundial dá enorme destaque à atribuição deste importante galardão ao principal obreiro da perestroika, os media soviéticos consagraram-lhe um espaço bastante limitado. Dois exemplos: o *Izvestia* dedicou ao acontecimento apenas quatro linhas e a televisão oficial, para além da notícia seca, ignorou as reacções calorosas dos chefes de Estado estrangeiros. Este facto pode significar que os conservadores, na URSS, mantêm ainda um certo peso nos meios de

Comunicação Social.

Mas a Moscovo têm estado a afluir mensagens de felicitações de todos os pontos do Globo. Desde organismos internacionais como as Nações Unidas, Conselho da Europa, a chefes de Estado, como George Bush, Mitterrand, Mário Soares e outros, congratulam-se com a distinção atribuída a Gorbachev. «Ele merecia», comentou Perez de Cuellar. O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, que também felicitou o líder soviético, considerou que este prémio estimula ainda «a sua luta pelo avanço do processo de desarmamento, cooperação e segurança internacional».

Uma única nota discordante, nesse imenso caudal de felicitações, foi a os dirigentes da resistência afgã. Estes recordam «o sofrimento causado ao Afeganistão» pela invasão soviética em 1979.



Mikhail Gorbachev

Brasil

Idílio ministerial origina demissões

Zélia Cardoso de Mello, a ministra da economia brasileira, apresentou a sua demissão, depois da renúncia do seu homólogo da Justiça, Bernardo Cabral, casado, e na sequência da revelação, há três semanas, de um romance entre os dois.

Apesar da crise governamental provocada pelo idílio ministerial, o Presidente Collor de Mello considera que não se justifica a renúncia da titular da economia, escreve o colonista Jânio de Freitas, do diário «Folha de São Paulo».

Caso a ministra da economia mantenha a sua posição, Collor de Mello poderá nomear o actual presidente do banco central, Ibrahim Eris, para o lugar de Zélia Cardoso, escreve o mesmo jornal.

O escândalo causado por este idílio reside no facto de o antigo ministro da Justiça cortejar publicamente Zélia Cardoso, apesar de continuar a viver com a mulher, Zuleide, com quem casou há 35 anos.

Zélia Cardoso é a principal artífice do programa de estabilização económica iniciado em 15 de Março, quando tomou posse o Governo do Presidente Collor de Mello.

Mísseis lançados do Líbano atingiram norte de Israel

Vários *rockets katyusha* disparados do Líbano atingiram hoje o norte de Israel, mas não provocaram vítimas ou danos materiais, disseram fontes da segurança.

As mesmas fontes acrescentaram que guerrilheiros árabes tinham disparado *rockets* por duas vezes a partir de uma auto-declarada zona israelita de segurança do sul do Líbano desde que a polícia israelita matou a tiro 21 árabes em Jerusalém oriental no dia 8 de Outubro. Segundo a mesma fonte, a forças israelitas responderam ao fogo.

Um grupo radical palestino afirmou, sexta-feira, que matou sete soldados israelitas no sul do Líbano para vingar as mortes em Jerusalém, mas Israel desmentiu esta reivindicação.

Relativamente ao futuro do general Aoun, o presidente francês, François Mitterrand disse que rejeitará qualquer pedido das autoridades libanesas para entregar o general Michel Aoun, refugiado na embaixada francesa, em Beirute.

«O general Aoun pediu asilo político a França e a resposta foi positiva. É uma questão de honra para França protegê-lo e garantir a sua segurança», afirmou Mitterrand.

Aoun refugiou-se na embaixada francesa depois de se ter rendido, na sequência de um ataque das tropas libanesas apoiadas por milícias sírias ao enclave cristão de Beirute.

Mitterrand defendeu ainda que depois da derrota das tropas de Aoun e da saída do general rebelde do Líbano, não se justificará a permanência de tropas estrangeiras naquele território.

«O governo libanês ainda não tomou qualquer decisão definitiva sobre o general Aoun, depois de este se ter refugiado na embaixada francesa», disse o primeiro-ministro Salim Hoss.

Entretanto, o ministro libanês dos Recursos Hídricos, Nabih Berri, disse que «compete unicamente ao Governo do Líbano decidir se o general Aoun deixará ou não este país e a sua decisão é a de que ele não deixará».

Depois de ter afirmado que «lamentavelmente, a França não vai ao encontro dos interesses do povo libanês», Berri qualificou a declaração de Mitterrand como «endurecida» e «ameaça velada».

Kuwait não quer compromisso com Iraque

Os líderes kuwaitianos, no exílio, rejeitaram qualquer compromisso com o Iraque e apelaram ao Conselho de Segurança da ONU para por fim imediato à ocupação do emirato.

«Não pode haver nenhum compromisso ou negociação sobre a soberania, a independência e a integridade territorial do Kuwait», refere um comunicado divulgado no final de uma reunião de três dias dos membros do Governo do emirato do Kuwait.

Por seu turno, o presidente da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, disse recear que a crise no Golfo Pérsico leve ao maior conflito deste século. Arafat referiu que o problema dos territórios árabes ocupados por Israel tem ligações com a actual crise no Médio Oriente. O líder da OLP falava na 13ª sessão do comité Al Qods.

Comentado os acontecimentos da semana passada nos territórios árabes ocupados por Israel, Arafat afirmou que a população palestina não atacou os judeus.

Ainda em relação a estes incidentes, o presidente norte-americano George Bush, manifestou o seu total apoio à resolução da ONU de enviar uma comissão a Jerusalém para investigar a morte de 21 palestinianos. «Somos membros do Conselho de Segurança e pensamos que esta resolução é a decisão certa», disse Bush.

O presidente norte-americano comparou Saddam Hussein com Hitler e lembrou-lhe que quaisquer atrocidades cometidas durante a invasão do Kuwait serão passíveis de serem julgadas em tribunal internacional.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

B R E V E S

Nobel da Economia para três norte-americanos

O prémio Nobel da Economia de 1990 foi hoje atribuído aos norte-americanos Harry Markowitz, Merton Miller e William Sharpe, pelos «seus trabalhos inovadores sobre a teoria económico-financeira e do financiamento das empresas», anunciou a Real Academia das Ciências sueca, em Estocolmo. O Nobel da Economia, no montante global de quatro milhões de coroas suecas (98 mil contos), foi atribuído pela primeira vez em 1969, sendo a distinção mais recente na série de prémios instituídos pela fundação Alfred Nobel.

Conflança diminui nos Estados Unidos

Uma sondagem agora efectuada pelo jornal norte-americano, «Washington Post», revela que a confiança do público norte-americano no seu país atingiu o nível mais baixo em perto de duas décadas, devido aos problemas económicos, do impasse orçamental e à dúvida quanto ao estacionamento de tropas no Golfo. As notas mais negativas reveladas pela sondagem são dirigidas à actuação de George Bush, cuja popularidade diminuiu acentuadamente.

De Klerk ameaça câmaras rebeldes

A abolição do decreto que separava, com base num critério racial, a utilização de serviços públicos, entrou ontem em vigor, na África do Sul. Ciente da provável resistência de algumas câmaras mais conservadoras em relação a esta medida destinada a eliminar a segregação racial, o Presidente De Klerk alertou os municípios para não recorrerem a subterfúgios, chegando a ameaçar processar as câmaras brancas que tentem «iludir» a lei. O ANC saudou a resolução de forma ambígua, sublinhando que o desmantelamento gradual do *apartheid* não funciona.

Ministro sul-coreano visita Pyongyang

O primeiro-ministro sul-coreano, Kang Young-Hoon, iniciou hoje uma visita à Coreia do Norte retribuindo a efectuada em Setembro a Seul pelo seu homólogo norte-coreano. Em Pyongyang, Yong-Hoon dará início à segunda ronda de conversações sobre o futuro reunificação da península coreana, as relações bilaterais e a realização de uma cimeira inter-coreana.

Kuwait só quer a paz nas condições da ONU

Desde a invasão do Kuwait pelo Iraque, em Agosto passado, o Governo e um terço da população daquele país vivem no exílio, à espera da libertação da sua pátria. O xeque Ali Khalifa Al Sabah, de 42 anos, membro da família real, ministro das Finanças e antigo ministro do Petróleo do emirato desde 1978, esteve em pleno fogo cruzado das disputas que antecederam a crise. É ele que gere, actualmente, o «nervo vital» da guerra, isto é, o imenso património financeiro acumulado pelo pequeno Estado.

Rejeitando todas as acusações de Bagdade, sublinha, na entrevista que concedeu ao «Le Monde», a urgência de uma acção internacional para obrigar Saddam Hussein a libertar o seu país, enquanto põe em dúvida as possibilidades de uma solução diplomática e considera que a guerra não dará origem nem a uma interrupção dos fornecimentos petrolíferos, nem a uma revolta de todo o mundo árabe contra o Ocidente.

«Le Monde» - Qual foi o verdadeiro papel do petróleo no desencadear da crise do Golfo? Não teria o Kuwait provocado o Iraque com a sua sobreprodução, fazendo, assim, cair o preço do petróleo bruto?

Al Sabah - Todas as razões invocadas por Bagdade não passam de pretextos. O primeiro é, efectivamente, o petróleo. Em Junho, dez dos treze países da OPEP produziam em excesso, incluindo o próprio Iraque! Quanto ao Kuwait, não representava mais do que 10 por cento dessa sobreprodução.

O Iraque começou a exceder a sua produção mal teve meios para isso. Ficou fora dos acordos da OPEP até conseguir obter uma quota igual à do Irão. Após o cessar-fogo de 1988, chegou mesmo a dizer-nos que pensava sair da OPEP. Isso mostra até que ponto os iraquianos se interessam pela organização! Só a defendem quando isso lhes convém.

Se tinham problemas económicos, é porque geriram mal a sua economia e

desviaram os recursos, no essencial, para o sector militar. Durante os últimos 20 anos, os iraquianos tiveram rendimentos superiores aos nossos. Queixavam-se, por exemplo, de que o dinar iraquiano perdera 95 por cento do seu valor em relação ao dinar do Kuwait. Mas será por nossa culpa que estiveram sempre a emitir papel, sem garantir a sua moeda em divisas estrangeiras, até que já ninguém aceitava as notas iraquianas, o que fez subir a inflação? O segundo pretexto invocado é que extraímos petróleo dos seus campos. Os campos petrolíferos não têm fronteiras. Quando um deles atravessa a fronteira, a regra manda que nos afastemos um quilómetro. Sempre nos afastámos mais de dois quilómetros, ao contrário do que fez o Iraque. Além do mais, o campo em questão produzia uma média de 10 mil barris por dia. Acha que lhes íamos roubar isso, quando lhes dávamos, quinze vezes mais, extraídos da zona neutra? Finalmente, essa

situação existe desde há 30 anos. Será que só se deram conta dela agora?

O terceiro pretexto é a anulação da sua dívida externa. Quando nos pediram, respondemos: não exigimos um reembolso, mas não seria preferível negociar um acordo global com todos os vossos credores? Nessa altura, anularemos a dívida.

Obrigado Saddam Hussein

«Le M.» - Acredita numa solução diplomática para a crise?

Al Sabah - Se um acordo diplomático significa a aplicação da resolução da ONU, sem recurso à guerra e num prazo razoável que não permita a destruição total do Kuwait, sou a favor. Mas se isso significa negociar uma outra resolução diferente, é óbvio que não.

É preciso obrigar, rapidamente, Saddam Hussein a aceitar as resoluções, pois cada dia que passa agrava os sofrimentos do povo do Kuwait. Duvido que ele aceite. Não quer. Procura, apenas, encontrar tácticas dilatórias enquanto faz um sinal de esperança, aqui, uma diversão, acolá, etc.

«Le M.» - Mas, se a guerra for desencadeada, o Kuwait será o primeiro a ser atingido...

Al Sabah - O Kuwait, hoje, está a ser sistematicamente destruído e pilhado. Todos os dias, há habitantes que são mortos. O prolongamento desta situação não pode ser positivo.

«Le M.» - Em quanto avalia a pilhagem?

Al Sabah - O banco central foi concebido de tal modo que o cofre-forte iria pelos ares se alguém tentasse fazer explodir a porta. Infelizmente, os iraquianos acabaram por encontrar pessoas que tinham as chaves e a combinação. Ameaçaram matar as famílias à sua frente se não cedessem...

Havia, no banco central, relativamente poucas divisas estrangeiras - cerca de 10 milhões de dólares - e uma reserva de ouro no valor de 350 milhões de dólares. Mas esse ouro estava estampilhado. Para o poder escoar, o Iraque terá de voltar a fundir e marcá-lo - com um certificado iraquiano? -, e, provavelmente, aceitar uma forte desvalorização. Quanto aos dinars do Kuwait, já não têm qualquer valor.

Finalmente, o essencial do roubo reside no que foi pilhado nas ruas, nos escritórios, nas casas, nas lojas: carros, jóias, computadores - aliás, inutilizáveis, pois são transportados para o Iraque em camiões sem nenhum cuidado, etc.

«Le M.» - Quais seriam as consequências de uma guerra sobre os preços do petróleo? Os preços já duplicaram, ameaçam

subir ainda mais...

Al Sabah - Se a actual situação se prolongar, os preços manter-se-ão elevados. Se a crise for ultrapassada, não fazendo concessões, mas sim aplicando as resoluções da ONU - pacificamente ou através da guerra -, então os preços voltarão a descer.

Se a guerra for declarada, será necessariamente breve. Talvez não se resolva em dois ou três dias, mas não será muito mais longa. E o medo da destruição dos campos sauditas não tem fundamento. Esses campos ocupam superfícies enormes, pelo que são pouco susceptíveis de sofrerem ataques aéreos.

«Le M.» - Se houvesse uma guerra, como poderia o Kuwait, tal como a Arábia Saudita e os outros emiratos, evitar tornarem-se vassallos quer dos EUA, quer das potências militares da região: o Iraque, o Irão e a Síria?

Al Sabah - Colaborar com o Ocidente não significa que nos tornemos vassallos. Se o Iraque não nos tivesse agredido, não teríamos tido necessidade dessa protecção. Se o Iraque provar ao Mundo inteiro que não está a agredir e não fará qualquer agressão contra ninguém na região, não será necessária uma presença internacional.

O problema é que, desde há dez anos, Saddam Hussein tem vindo a ameaçar todos os países com os quais tem fronteira comum, e até outros. É a credibilidade da palavra iraquiana que irá determinar a necessidade da presença de forças estrangeiras.

«Le M.» - O Golfo poderá voltar a ser o que foi?

Al Sabah - Não. Mudaremos, mas de maneira positiva. Teremos de reexaminar os velhos conceitos herdados dos anos 50, como a fé cega que tínhamos na solidariedade árabe. Saddam destruiu essa fé. Teremos de ser selectivos, reconhecer os nossos verdadeiros amigos. Teremos de reexaminar o nosso modo de vida e a estrutura da nossa população: que trabalho deveremos fornecer; quantos trabalhadores estrangeiros para o realizar?

Golfo não voltará a ser o que era

«Le M.» - Passada a crise, tencionam instaurar a democracia no Kuwait? Uma parte da opinião pública internacional não entende a necessidade de defender um regime monárquico...

Al Sabah - Defendemos o povo do Kuwait, e não a família real. Os ocidentais deveriam preocupar-se, em primeiro lugar, com a democracia no Iraque, onde cerca de um décimo da população vive em exílio forçado por razões políticas; preocupar-se com os curdos, atacados com armas químicas ou forçados a deslocarem-se das

suas montanhas para o deserto, como denunciou o presidente Mitterrand. Deveriam defender o povo iraquiano contra a opressão permanente desse regime criminoso!

O Kuwait é uma sociedade aberta onde não existe um único preso político, uma única pessoa exilada pelo Governo. Durante muito tempo, tivemos um Parlamento. Suprimimo-lo quando tivemos problemas mas, três meses antes da invasão, apelámos aos eleitores para escolherem uma nova assembleia. O emir confiara a essa assembleia, eleita um mês antes da invasão, a tarefa de rever o processo democrático ao longo dos últimos 20 anos, e prometera que as conclusões dessa comissão seriam submetidas a um parlamento no prazo de três anos.

«Le M.» - O Kuwait colocara, há muito, no estrangeiro, bens consideráveis. Qual é a sua actual situação?

Al Sabah - Os bens iraquianos foram congelados como punição; os nossos para os proteger das mãos de Bagdade. Todos os governos nos ofereceram controlo sobre esses bens, e autorizaram-nos a utilizá-los em benefício do nosso Governo e do povo. Por exemplo, estamos a auxiliar a população no exílio, que representa cerca de um terço do total, ou seja, 150 mil a 200 mil pessoas. Também ajudamos os países da frente. Participamos - no valor de cinco mil milhões de dólares - nas despesas das forças multinacionais.

«Le M.» - Qual é o montante desses valores?

Al Sabah - É um segredo de Estado. Fomos sensatos durante os anos das vacas gordas. Não desperdiçámos os nossos rendimentos em despesas militares, não detínhamos dinheiro pela janela fora. Hoje, beneficia o povo do Kuwait: os que ficaram no país contribuindo para a sua libertação, os que fugiram por necessidade. Na Arábia Saudita, por exemplo, uma família de três pessoas recebe 350 dólares (cerca de 50 contos), por mês, como subsídio de alojamento. Na Europa, é mais caro: o equivalente a 2 700 escudos por dia.

«Le M.» - O rendimento dos vossos investimentos é suficiente?

Al Sabah - Não, não é suficiente, mas também temos reservas líquidas. Estamos a utilizá-las. Serão suficientes por quanto tempo? Espere-mos que esta crise não dure para sempre...

Entrevista de Veronique Maurus
Exclusivo «Le Monde»/«DL»
Trad. e adapt. de Isabel Joyce



MUNICÍPIO DE LISBOA ANÚNCIO N.º 95/90

Concurso público para a empreitada da 5.ª fase da campanha da luta antimurina no concelho de Lisboa.

- 1 - Concurso público promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, Direcção Municipal de Infraestruturas e Saneamento, Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos, Rua da Boavista, n.º 9-1.º, 1200 Lisboa, telefone 346 21 74/6.
- 2 - Concurso público nos termos do Art.º 49.º do Decreto-Lei n.º 235/86, de 18 de Agosto.
- 3 - a) - Locais de execução: Concelho de Lisboa, Estação de Tratamento de Resíduos Sólidos e Valas Sanitárias de Beirolos;
b) - 5.ª fase da campanha de desratização dos locais supra-referidos, e bem assim a 4.ª fase da desbaratização da respectiva rede de colectores;
c) - Nos termos da cláusula 2.1.1.3 do Caderno de Encargos poderão ser apresentadas propostas complementares individualizadas para as áreas sob jurisdição da Administração do Porto de Lisboa, Doca Pesca, CP e Metropolitano de Lisboa, EP.
- 4 - O prazo de execução dos trabalhos é de 52 semanas.
- 5 - a) - O caderno de encargos, programa de concurso e documentos complementares podem ser examinados na 1.ª Repartição - Higiene Urbana do DHURS, Rua da Boavista, n.º 9-1.º e na DAG - Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal, Av.º 24 de Julho, 171-D, 1300 Lisboa, durante as horas de expediente.
b) - Podem ser solicitadas cópias ao Departamento de Higiene Urbana, até 8 dias antes da data fixada para a entrega das propostas, mediante o pagamento de Esc.º 986\$00 (em fotocópia 29\$00/UN), sendo a modalidade de pagamento no acto do pedido.
- 6 - a) - As propostas deverão ser apresentadas até às 17 horas e 30 minutos do 30.º dia contado a partir do dia seguinte à data da publicação deste anúncio no «Diário da República».
b) - A sua entrega far-se-á na DAG - Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal, Av.º 24 de Julho, 171-D, 1300 Lisboa.
c) - As propostas deverão ser redigidas em português e não incluirão o IVA.
- 7 - a) - Poderão intervir no acto público do concurso representantes dos concorrentes devidamente mandatados para o efeito.
b) - O acto público do concurso terá lugar na morada indicada no n.º 6 alínea b), a partir das 14 horas do dia útil seguinte ao da entrega das propostas.
- 8 - A caução é de 5% do preço total da adjudicação e terá de ser prestada pelo concorrente preferido no prazo de 8 dias a contar da data da notificação da adjudicação. A caução será prestada por depósito em dinheiro ou títulos emitidos ou garantidos pelo Estado, ou mediante garantia bancária ou seguro caução, conforme escolha do adjudicatário.
- 9 - Os pagamentos por preço global, serão processados de acordo com o plano da proposta preferida e o financiamento será assegurado através das verbas inscritas no Orçamento da Câmara Municipal de Lisboa.
- 10 - Podem concorrer empresas ou grupos de empresas que declarem a intenção de se constituírem juridicamente numa única entidade ou em consórcio externo, em regime de responsabilidade solidária tendo em vista a celebração do contrato.
- 11 - O período durante o qual o concorrente é obrigado a manter a sua proposta é o definido no Art.º 92.º do Decreto-Lei n.º 235/86, de 18 de Agosto.
- 12 - A adjudicação será feita à proposta mais vantajosa, atendendo-se aos seguintes critérios, por ordem decrescente da sua importância:
- garantia de qualidade técnica;
- garantia de boa execução;
- preço.

O VEREADOR

(A. Anselmo Anibal)

Paços do Concelho de Lisboa, em 1990/09/25

QUOTIDIANO

Numa das zonas da periferia da capital que apresenta maiores índices de consumo de drogas, a freguesia de Odivelas, foi ontem inaugurado um novo centro de apoio a jovens toxicodependentes

Casa da Memória

Tem por objectivo «vãos mais altos, se o terreno se tornar propício»: implicar toda a rede comunitária no apoio aos jovens toxicodependentes, desde a prevenção primária do consumo de drogas até à integração social daqueles que estão em vias de cura.

Por convicção, o princípio de que «quanto mais perto do toxicodependente se actuar, se possível no seu próprio meio», mais eficaz e competente se torna o tratamento e a prevenção da toxicodependência.

Na base da sua concretização, a necessidade de dar resposta a «um dos problemas que mais se faz sentir» na zona de Odivelas, a freguesia da periferia da margem norte de Lisboa que apresenta um dos maiores índices de consumo de drogas.

Iniciativa conjunta do Centro das Taipas, do Centro de Saúde de Odivelas e da Junta de Freguesia local, o novo Centro de Apoio à Toxicodependência é o mais recente organismo criado no âmbito da política de extensão dos serviços centrais das Taipas e que fundamentalmente visa «dar uma resposta mais rápida, localizada e adequada» aos problemas de dependência dos jovens.

Para já, e ainda que em instalações provisórias, o Centro de Apoio à Toxicodependência de Odivelas arranca com uma equipa constituída por dois psiquiatras, dois psicólogos e dois monitores - técnicos do Centro das Taipas - três médicos de família - do Centro de Saúde local - e o apoio de serviços de Saúde Mental.

«De acordo com o balanço estatístico que dispunhamos relativo à residência das pessoas que nos procuravam, o concelho de Loures, particularmente a freguesia de Odivelas, era aquele que revelava uma das maiores percentagens», afirmou, durante a sessão de inauguração do novo centro, Luís Patrício, director das Taipas, justificando a escolha da zona para intervenção prioritária.

Por seu turno, Nuno Miguel, director do Centro de Prevenção e Tratamento da Toxicodependência, referiu a inmensurabilidade existente entre a procura daqueles serviços e a sua capacidade



Na velha Odivelas, as instalações provisórias do novo centro de apoio aos toxicodependentes

de resposta: diariamente, ascende a mais de quatro dezenas o número de toxicodependentes que se dirigem às Taipas para uma primeira consulta, o que, na prática, se traduz por uma espera de dois meses para um atendimento inicial.

Também a prevenção primária do consumo de drogas - principal vocação dos Centro de Saúde, nomeadamente com a realização de campanhas de sensibilização e esclarecimento junto de escolas e da população em geral - sentiu a «necessidade» de uma prevenção «secundária» na zona de Odivelas. Isto mesmo afirmou ao «DL» o director do Centro de Saúde local, drº Fernando Silva, para quem a «educação para a saúde» tem um papel fundamental no combate à droga. «Podemos ir mais longe,

numa acção conjunta deste tipo, no sentido de dinamizar acções que minorem a progressão dos indicadores da toxicodependência. Este é o principal papel dos médicos de família, no âmbito do desenvolvimento de uma rede de apoio comunitário aos jovens toxicodependentes».

Numa primeira fase, o Centro de Apoio à Toxicodependência de Odivelas funciona duas vezes por semana - às terças e quintas feiras. No entanto, a espera de instalações definitivas facultadas pela Câmara Municipal augura um melhor futuro para este centro: o alargamento da capacidade de resposta a todos aqueles que, em Odivelas, necessitam do apoio de técnicos para a recuperação das suas dependências.

■ D E R E V E S

Comboio de alta velocidade é luxo para Portugal

O ministro da Obras Públicas, Transportes e Comunicações disse, ontem em Lisboa, que Portugal só terá comboios de alta velocidade se a Comunidade Europeia co-financiar o projecto de construção da nova rede ferroviária. Ferreira do Amaral falava durante um colóquio subordinado ao tema, «Rede ferroviária portuguesa de alta velocidade» organizado pela Associação Portuguesa para o Desenvolvimento do Transporte Ferroviário. O ministro considerou, que este meio de transporte para nós é um luxo e não uma prioridade, ainda no domínio dos sonhos.

Centro de formação profissional para cegos

A Associação de Cegos e Amblíopes inaugurou, ontem, o seu Centro de Formação Profissional, ligado às novas tecnologias, disse um responsável pelo organismo. Carlos Ferreira explicou que esta inauguração fazia parte das cerimónias do Dia Mundial da Bengala Branca. É uma experiência nova para os cegos, que exigiu um grande esforço, já que a adaptação de material foi cara, pois um terminal de 'braille' custa até três mil contos, adiantou.

Estarreja poderá tratar resíduos tóxicos

A Câmara Municipal de Estarreja foi a única autarquia, dos quatro concelhos apontados como eventuais locais para tratamento para resíduos tóxicos, que ainda não tomou posição em relação a essa possibilidade. O acesor do município, Agostinho Valente, disse que a Câmara tomará posição quando essa hipótese lhe for colocada.

Assalto a dependência bancária em Cantanhede

A agência do Banco Pinto e Sotto Mayor em Febres, Cantanhede foi, ontem à tarde, assaltada por dois indivíduos armados. Aparentando 30/40 anos os assaltantes empunhavam revólver e carabina de canos serrados e intimaram os funcionários a entregarem o dinheiro em caixa, cujo montante não está ainda determinado.

Filho de Ilídio Pinho foi a sepultar

O funeral de Pedro Costa Leite Pinho, que contava 22 anos e era filho do conhecido empresário nortenho Ilídio Pinho, realizou-se hoje da sua residência em Vale de Cambra, Lordelo, para o cemitério local. O jovem faleceu num desastre de viação na Suíça, onde se encontrava a estudar.



No filme "Pretty Woman"

Richard Gere vestido por Cerruti

Os personagens masculinos do filme "Pretty Woman", actualmente em cartaz num cinema de Lisboa, surgem vestidos com diversas peças da colecção Nino Cerruti 1881. Em especial Richard Gere que desempenha o papel de um cativante milionário nesta comédia romântica, versão moderna de "Pigmalião". A fita, concebida para agradar ao público, tornou-se um dos grandes sucessos de bilheteira nos Estados Unidos. O argumento resume-se, portanto, à história do homem rico que transforma uma rapariga vulgar, quase insignificante, na mulher idealizada. Lima-lhe as arestas, corrige-lhe as imperfeições, molda-a laboriosamente à medida dos seus padrões estéticos e comportamentais. Limita-se a desenvolver um tópico, a levar à prática o sonho secreto do eterno masculino.

Marilyn Vance-Straker, uma das estilistas mais famosas de Hollywood,

contemplada com várias prémios, um dos quais atribuído pelo seu trabalho na película "Os Intocáveis", pretendia que a vedeta principal de "Pretty Woman" apresentasse uma elegância sofisticada e distante, sem no entanto anular o lado sexy de Richard Gere. «Escolhi Cerruti porque os seus modelos, muito diversificados a nível de discurso formal, conseguem transmitir isso». Quando se trata de filmes contemporâneos, a estilista busca os desenhadores, cujo estilo se adapte às características da personagem. Como se define Edward, o pigmalião de Eliza, figura encarnada pela actriz Julia Roberts? É um capitalista de Los Angeles que, sendo relativamente jovem, projecta a autoridade da posição social que ocupa. A reforçar a imagem, na composição do visual cuidado até ao mais pequeno detalhe, destacam-se os coletes. Cingidos com dois ou três botões, realçam as linhas esbeltas do corpo de

Richard Gere que admitiu estar impecável. Agora competia-lhe ser um senhor, o oposto do "American Gigolo"...

Nada a apontar aos oito fatos e à gabardine, de um tecido acetinado, que usa sobre o smoking. Fatos completos que combinam perfeitamente com as camisas brancas, os jacquards de seda e as gravatas de brocado. Desde a primeira entrada em cena do actor, o vestuário dá o retrato psicológico e o estatuto da personagem que interpreta. Mostra-nos um indivíduo de raciocínio frio, dotado de uma personalidade forte, com a experiência de mandar.

No filme "Pretty Woman", a câmara mostra-nos ainda peças de lingerie feminina exposta numa loja e alguns artigos de toilette para homem com a marca Cerruti, em evidência, nas prateleiras da casa de banho.

Lourdes Féria

Assegura o Ministério do Ambiente:

Não vamos importar poluição estrangeira

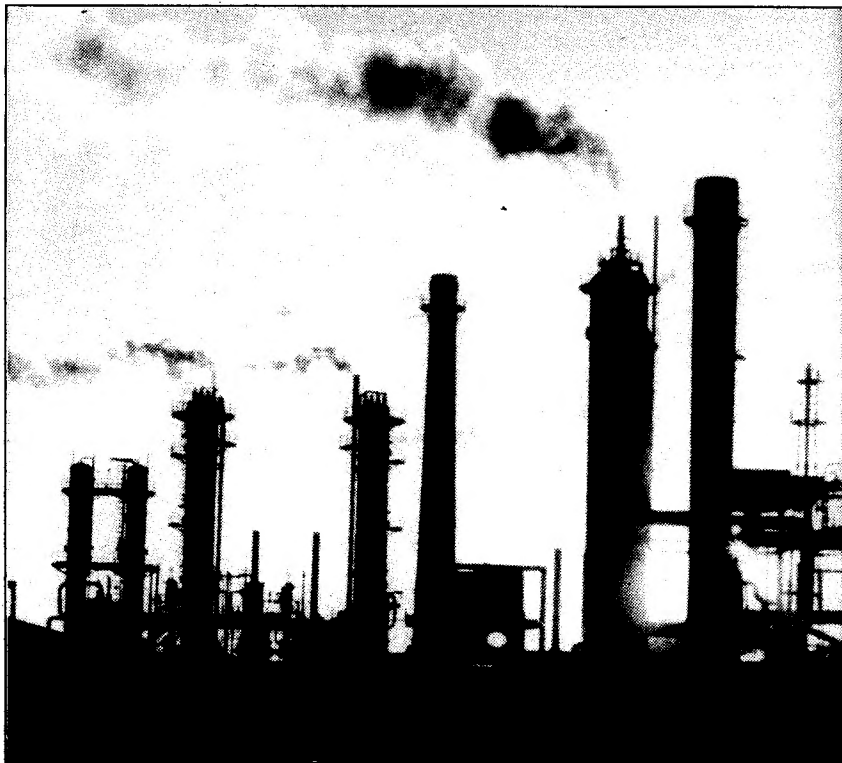
Oitenta e dois por cento dos resíduos industriais produzidos em Portugal «são descarregados no solo sem qualquer controlo ou pré-tratamento», revelou o Ministério do Ambiente e Recursos Naturais (MARN).

Face a esta situação - realiza-se mais de um milhão de toneladas de resíduos/ano(?) - foi aberto, em Abril, um concurso internacional, «para adjudicação da construção e exploração de um sistema de resíduos industriais» que minimize os efeitos da poluição.

De acordo com um comunicado do MARN, «concluída a avaliação das propostas de oito consórcios», o júri do concurso deu preferência ao grupo liderado pela «Interfina», o melhor a responder a um caderno de encargos que inclui, «uma unidade de incineração, uma unidade de tratamento físico-química, outra de "transferência" e dois aterros».

O Ministério sublinha que este projecto «foi dimensionado apenas para receber resíduos produzidos em Portugal, ficando eliminada a possibilidade da sua importação». Como se não bastassem os nossos...

Sublinhe-se, no entanto, que há muitos países, nomeadamente do hemisfério sul, que fazem importantes negócios tratando o que o Norte deita fora.



A poluição industrial está na agenda governamental

Vila Real drogada

Começou ontem o julgamento de uma importante rede de tráfico e comercialização de droga naquele distrito do nordeste. Muita tinta vai correr

Começou ontem a ser julgado, em Vila Real, um caso de droga, detectado pela Polícia Judiciária daquela cidade, envolvendo 20 réus, sete dos quais arguidos de tráfico de estupefacientes e os restantes de consumo. Os indivíduos envolvidos têm idades compreendidas entre os 20 e os 31 anos e são, com excepção de um, residentes ou naturais de Vila Real.

Dois dos arguidos encontram-se detidos na cadeia de Vila Real, acusados de tráfico de heroína, tendo sido apanhados em flagrante delito, e cinco estão indiciados como traficantes, mantendo-se em liberdade sob fiança. Aos restantes 13 é imputado o crime de consumo de estupefacientes e aguardam o julgamento em liberdade.

Os traficantes incorrem numa pena de 12 anos de prisão, enquanto para os consumidores a lei prevê uma pena de três meses de detenção.

O tribunal, constituído por um colectivo de três juizes, vai contar com a presença de nove advogados e ouvirá cerca de cem testemunhas. Refira-se que o julgamento fora já adiado uma vez por ausência de cinco réus.

A Polícia Judiciária da secção de Chaves vinha, desde o início do ano, a centrar a sua atenção no consumo e tráfico de estupefacientes em Vila Real, tendo apreendido perto de trinta gramas de heroína, uma ampola de morfina, cerca de 100 embalagens próprias para acondicionar aqueles produtos e

objectos destinados à sua preparação, para além de balanças de precisão.

O Ministério Público refere que dois dos principais responsáveis pela venda de heroína - actividade que já exerciam há vários meses - adquiriram a droga em Lisboa, por cerca de 250 contos, destinando-a à venda em Vila Real a preço compreendido entre 20 a 30 mil escudos o grama.

De acordo com a acusação, o Centro Comercial do Pioleto era, desde há dois anos, o local privilegiado de venda da droga, constituindo as camadas jovens de Vila Real os principais destinatários do produto.

Nos meios forenses de Vila Real é convicção, quase unânime, de que existem muitas atenuantes para a maioria dos

arguidos, quer por terem colaborado com as autoridades, quer por ter sido a primeira vez que são acusados deste tipo de crime, quer ainda devido à sua juventude.

Detido no aeroporto de Lisboa

Um «correio» de droga holandês, procedente de Amsterdão, foi detido no aeroporto de Lisboa na posse de dois quilogramas de heroína por funcionários da alfândega, referiu o porta-voz da Direcção-Geral das Alfândegas. Aquele responsável acrescentou que a droga se encontrava dissimulada nos objectos pessoais do «correio».

O detido e a droga, avaliada em cerca de 65 mil contos, foram entregues à Polícia Judiciária.

Acredite se quiser

Custa a acreditar no Programa Ciência. No início, apenas alguns estavam descontentes com o filho, pomposamente anunciado pela Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia, da JNICT. Eram, basicamente, os excluídos. Hoje, todos ralham e, ao que parece, com toda a razão.

De facto, definir o que é prioritário num país, como o nosso, tão carenciado a nível da investigação científica, é muito difícil. Mais pobres que nós, entre os países da CEE, só a Grécia.

Para trás ficaram as ciências sociais e as ciências exactas. Deu-se ênfase a tudo o que metesse tecnologia. Soava a modernidade. Será que o que está a dar na Europa, são ou não as tecnologias?

Mas, encontrar as prioridades, revelou-se ainda mais difícil.

Os dinheiros atribuídos à criação de infra-estruturas de Investigação e Desenvolvimento criaram outras celeumas. O financiamento, para este bloco, é o dobro do concedido para formação e apoio ao sistema científico e tecnológico. Há quem pergunte: «o Programa Ciência serve aos investigadores ou aos empreiteiros?»

Os espinhos cravaram-se definitivamente na garganta da comunidade científica.

Os investigadores dizem que não foram vistos nem achados na elaboração do Programa. Do outro lado, respondem que foram enviados convites para a apresentação de projectos. Claro, para entregar em Agosto, mês, como se sabe, pouco predestinado ao trabalho e à criação.

Nesse contexto, terá havido tempo para estudar e analisar esse material?

Pela primeira vez, «um Estado membro faz apelo aos Fundos Estruturais Comunitários - FEDER e Fundo Social Europeu - para o financiamento compartilhado de infra-estruturas científicas e tecnológicas bem como para a formação avançada de recursos humanos», tal como anuncia a Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia.

Pedir é fácil, o problema é fazer. E era preciso correr contra o tempo.

O Programa deveria ser implementado entre 1 de Janeiro de 1990 e 31 de Dezembro de 1993. Estávamos em Março, mês anunciado para o início da primeira acção, e o dito cujo ainda não tinha sido aprovado pela Comunidade Europeia. Fizeram-se alterações, duplicaram-se contactos. Tudo isto se processava no domínio dos «deuses».

Por fim, saiu à rua. Mesmo a tempo. Abril já estava à porta.

E é o que se viu. São mais de 50 milhões de contos. Uma parcela tem que ser rapidamente gasta, ainda este ano. Todos discutem. Aventa-se a hipótese de não conseguirmos dar conta do dinheiro que tão gentilmente o Feder e o Fundo Social Europeu nos ofereceu.

Razão têm os mais pessimistas. Defraudados estão os mais optimistas. As suas declarações foram publicadas no «DL» em 27 de Março deste ano.

É por isso, que custa a acreditar no Programa Ciência. Mesmo quando recebemos o texto final do Programa, embrulhado numa linda capa azul, à CEE.

Ou quando o secretário de Estado da Ciência e Tecnologia, Sucena Paiva, afirma, no prefácio daquela publicação: «A filosofia que esteve subjacente à concepção do Programa foi a de apoiar de forma global toda a actividade científica e tecnológica que seja de qualidade e, simultaneamente, concentrar recursos em domínios estratégicos que obedeçam a dois critérios básicos: sejam protagonistas das mutações tecnológicas que caracterizem o nosso tempo ou tirem partido de recursos nacionais específicos».

Céu Neves

Um cargueiro chamado «Bartolomeu Dias»

Um cargueiro baptizado de «Bartolomeu Dias» é lançado à água dentro de cerca de duas semanas num estaleiro dos arredores de Tóquio. O navio, de 150 mil toneladas, foi encomendado pela Portklav, uma joint-venture entre a Portline e a empresa norueguesa Klaveness. O «Bartolomeu Dias» é um cargueiro do tipo «Capesize», com capacidade para transportar aproximadamente 140 mil toneladas de minério de ferro ou de carvão e desenvolver uma velocidade de serviço da ordem das 15 milhas. Prevista para o próximo dia 25, a cerimónia do lançamento à água do «Bartolomeu Dias» contará com a presença

do embaixador de Portugal em Tóquio e presidentes da Portline e da EDP.

Óculos grátis para presos

Os detidos do Estabelecimento Prisional do Porto precisados de óculos vão recebê-los gratuitamente de uma empresa da especialidade. Para o efeito, uma equipa técnica deve começar hoje a proceder ao rastreio dos problemas visuais dos reclusos e, em função deles, determinar as armações e as lentes necessárias. Um responsável da empresa doadora, o Institutoptico, estimou em um terço da população prisional daquele estabeleci-

mento, que é em média de cerca de mil detidos, a carecida de material oftalmológico.

Ameaças bombistas a colégios ingleses

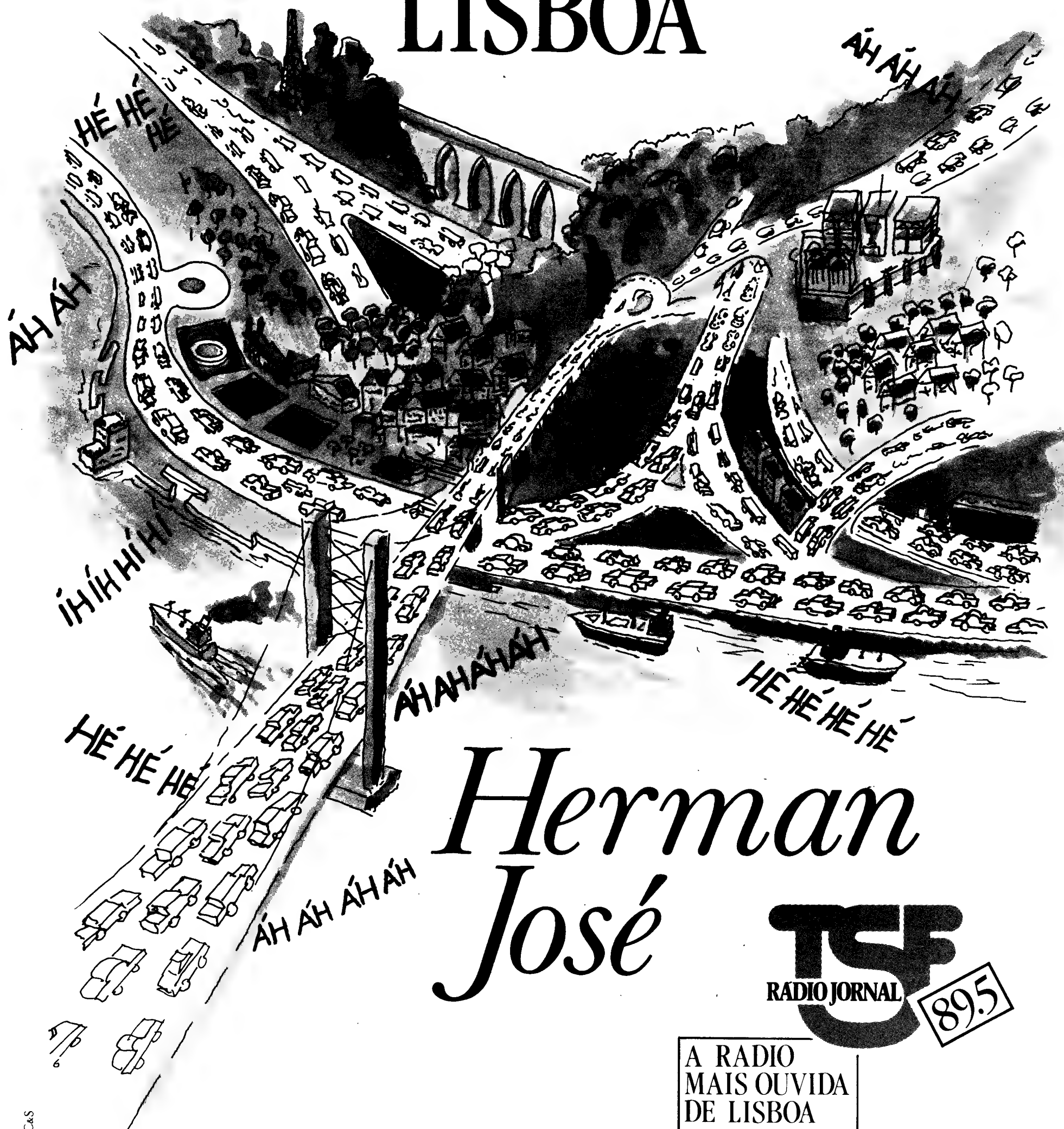
Dois colégios ingleses da linha do Estoril receberam na última semana ameaças de bombistas. Um dos destinatários foi o colégio St. Julian, cujo director deu conta às famílias dos alunos do teor de uma carta anunciando a colocação de uma bomba-relógio preparada para detonar a 10 de Outubro. O mesmo responsável afiançava no entanto ter-se tratado de uma «brincadeira», conforme verificou a PSP depois de uma vistoria às instalações, entretanto evacuadas. No colégio St.

Domenic a ameaçava apontava para o dia seguinte, mas nada foi encontrado nem ocorreu de estranho no estabelecimento.

Fogo-posto numa escola primária

Uma escola primária do concelho de Aveiro foi ontem de madrugada alvo de fogo-posto, que provocou prejuízos ainda por avaliar. Segundo a GNR local, os incendiários introduziram-se no estabelecimento e amontoaram livros, mobiliário e outros elementos mais inflamáveis do recheio, para favorecer o desenvolvimento das chamas. O fogo foi combatido pela vizinhança da escola, localizada na aldeia da Póvoa, freguesia de Cacia.

7H.50 DA MANHÃ. LISBOA



*Herman
José*

TSF
RADIO JORNAL 89.5

A RADIO
MAIS OUVIDA
DE LISBOA

O homem que denunciou o Gulag pede aos russos para que optem por uma democracia muito especial...



Solzhenitsyne: regresso às origens

Ele próprio chamava a atenção, numa recente entrevista concedida à «Time», para o seu silêncio sobre a evolução na URSS... desde 1983. Com efeito, há mais de dez anos - após os últimos panfletos, na década de 70, sobre a degenerescença do comunismo e os compromissos do Ocidente - que Alexandre Solzhenitsyne não se pronunciava sobre a actualidade política. O que demonstra o interesse da brochura, de cinquenta páginas, que o autor do «Arquipélago do Gulag» publicou, em meados deste mês, sob o título de «Como reordenar a nossa Rússia?». Tanto mais que passaram, entretanto, cinco anos de perestroika, e que o escritor - exilado como «traidor», em 1974 - é, finalmente, publicado no seu país, sendo este último texto reproduzido por dois periódicos soviéticos, antes mesmo de aparecer traduzido no estrangeiro.

É, aliás, aos seus compatriotas, e só a eles, que dedica o que chama estas «considerações, na medida das minhas capacidades», quanto aos meios para erigir uma sociedade viável sobre as ruínas do comunismo.

Os que esperavam um juízo sobre Gorbachev - o qual acaba de voltar a conceder ao escritor a sua nacionalidade - ficarão desiludidos. Um pouco à maneira do general de Gaulle, que não se rebaixava a falar dos «concorrentes», Alexandre Solzhenitsyne não cita uma única vez o nome do actual presidente da URSS. É certo que, tendo em conta o desprezo que manifesta por Lenine - denominado «Ilitch 1º» - e pelo seu mortífero sucessor, «Ilitch II» (o nome patronímico de Brejnev era, também, Ilitch), é quase uma honra que lhe faz. Quanto à perestroika, o autor não perde tempo a analisar a desordem, as leis «erróneas, confusas e indecisas» através das quais é posta em prática: prefere denunciar os seus excessos.

Pois a mensagem essencial de Alexandre Solzhenitsyne é alertar contra o tipo de democracia para o qual os radicais moscovitas se parecem

inclinam. Na realidade, continua a procurar - embora não o diga explicitamente - uma terceira via entre o comunismo, demasiado odiado para ser sequer considerado, e a democracia «capitalista», da qual reconhece os diversos êxitos, mas que lhe inspira grande desconfiança.

Uma terceira via que não é, de modo algum, uma nova doutrina filosófica e social, mas sim o regresso às origens profundas da Rússia, aos seus campos, às suas florestas, aos camponeses, aos valores morais que deveriam, em seu entender, impregnar toda a so-

cidade, a começar pelo Poder político.

Os limites do pluralismo

Sozhenitsyne negou, por várias vezes, ser monárquico, e volta a confirmá-lo: a única reforma que considera positiva, na URSS de hoje, é a instauração do poder presidencial, e o único escrutínio para o qual aceita o princípio do sufrágio universal, à escala nacional, é o da eleição de um presidente. Mas não é menos verdade que possui deste poder presidencial um conceito relativamente monárquico. Pois o primado da moral exclui, a seu ver, a

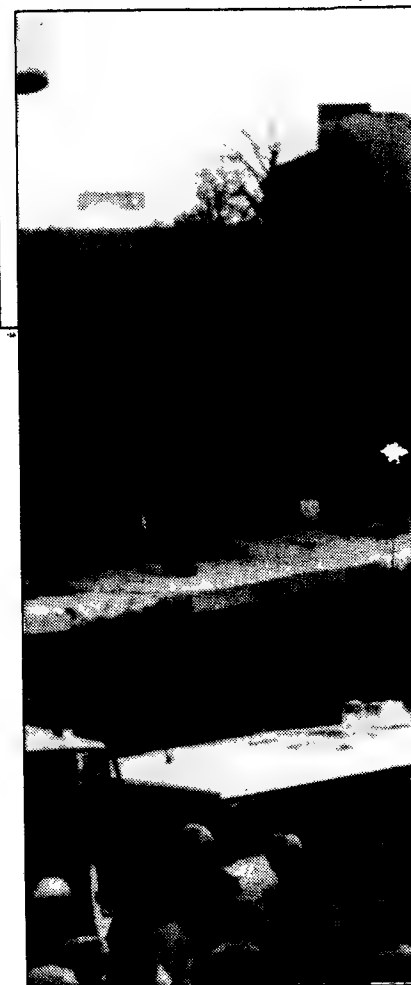
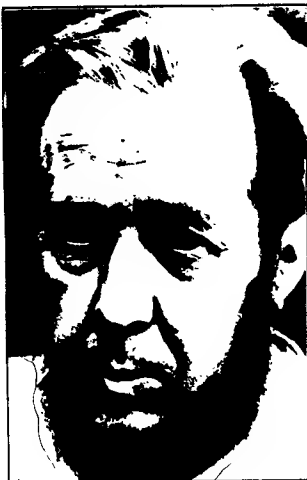
noção de um Estado neutro, tendo por única base a democracia parlamentar e o governo de uma maioria. O autor está, visivelmente, arrepiado com o culto - redescoberto, com frenesim, em Moscovo - do «pluralismo» das ideias e dos «direitos do Homem» (as aspas são suas), com a agitação partidária e os excessos de uma imprensa que, a exemplo dos «media» ocidentais, transmite «um fluxo insuportável de informações supérfluas». É necessário, perante esta explosão, restaurar «o direito ao silêncio», o gosto pelo trabalho bem feito, as profissões artesanais, um

comércio «são, honesto e inteligente». A propriedade privada é, evidentemente, necessária, mas também sem excessos, para evitar tanto o «lucro sem freio» como a «devastação do meio ambiente natural».

Dito isto, Solzhenitsyne não se detém no domínio da economia, que confessa não conhecer, mas sim no sistema político. O seu modelo é o da democracia directa, que, aliás, já encontrou: na Suíça, com os referendos e o direito de iniciativa dos cidadãos, e mais precisamente no espectáculo da assembleia local de Appenzell (essa mesma assembleia que recusou, em Abril passado, o direito de voto às mulheres...). O equivalente russo seria o Zemstvo - nome que deriva das assembleias regionais existentes no princípio do século -, eleito, inicialmente, ao nível da comunidade por todos os cidadãos (na condição de terem, pelo menos, 20 anos, e não 18).

São estas assembleias que irão designar, em seguida, no seu próprio seio, os Zemstvos regionais, e depois os escalões superiores. O Parlamento nacional seria, pois, eleito, por sufrágio indirecto, em três ou quatro fases, e poderia, além disso, abrir as suas portas a «personalidades locais bem conhecidas», recrutadas por cooptação no máximo de um quarto dos seus membros efectivos. Por outro lado, todos os deputados nacionais deveriam, mal fossem eleitos, renunciar a qualquer filiação de carácter político e passar uma parte do mandato na sua província natal.

Quanto ao presidente, seria eleito por sufrágio universal, mas após uma campanha tão breve quanto possível, sendo o seu nome proposto pela Assembleia, que filtraria as diversas candidaturas e poderia, até, decidir sozinho a sua reeleição. Apenas o presidente poderá nomear e demitir os ministros, que serão, como é evidente, técnicos e não políticos. A tudo isto acrescenta-se uma Douma (Câmara), representando as classes profissionais e «camadas sociais», e

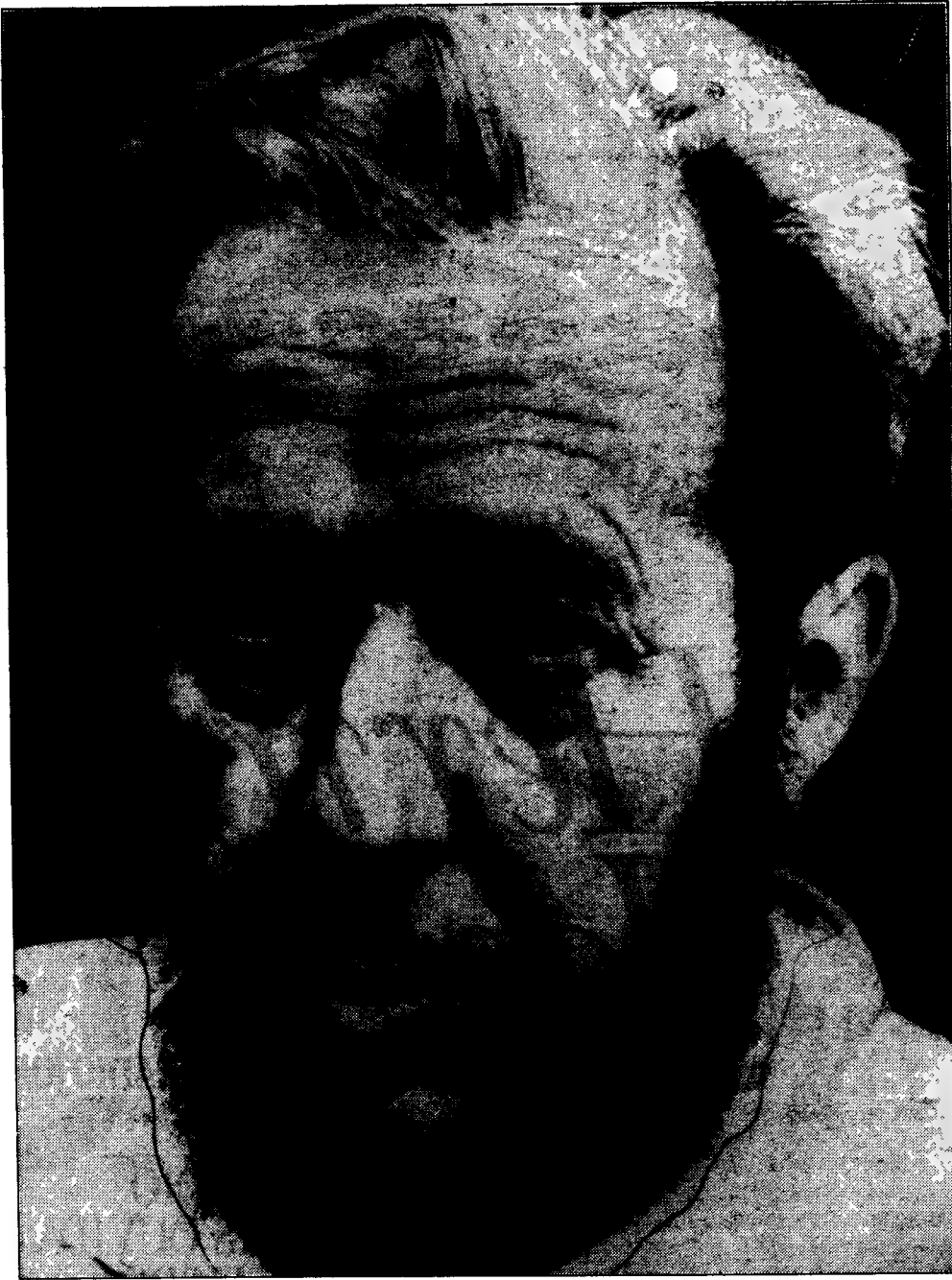


«A histórica cortina de ferro estava corrida até ao fim: e

cujo poder é ultrapassado muito o consultivo: pode - unicamente através do consenso («nem uma voz contra») - opor o seu veto a qualquer lei ou decreto, assim como a qualquer candidatura à Presidência considerada indesejável.

«A União russa»

O ponto em que Solzhenitsyne se aproxima mais da corrente dominante é no que respeita a um império, que,



CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

O bem e o mal

Eis algumas das opiniões de Soljenitsyne, retiradas da sua última obra:

A PERESTROIKA: «Em que consistiram cinco, em breve seis, anos dessa tão falada perestroika? Em remodelações insignificantes no seio do Comité Central. Na confecção de um monstro e artificial sistema eleitoral, com o único objectivo de não fazer o Partido Comunista perder o Poder. Em leis erróneas, confusas e indecisas».

«Não (...). Não faremos nada de bom até que o Partido Comunista ceda, não apenas num ponto da Constituição, mas seja totalmente afastado de qualquer influência sobre a vida económica e estatal; deixe por completo de nos governar, em qualquer sector da nossa vida e em qualquer lugar».

«E, depois, o bloco de granito do KGB continua a pesar sobre as nossas cabeças, não nos deixa iniciar

o caminho do futuro(...) Esse TchekaGB (1), com os seus 70 anos de história sangrenta e facinora, já não tem nenhuma justificação, nem o direito de existir».

A GLASNOST: «Que pensar das gloriosas forças motoras da glasnost e da perestroika? Entre essas palavras na moda, não se encontra a purificação».

«E todas as línguas sujas que serviram o totalitarismo durante décadas viraram-se para a nova glasnost. Em cada quatro trovadores da actual glasnost, contam-se três oportunistas recentes da era Brejnev: e quem, entre eles, exprimiu com uma só palavra o seu próprio arrependimento, em vez de amaldiçoar a anónima «estagnação»?

(...)«O insuportável fluxo actual de uma informação superflua e pormenorizada corrói a nossa alma até à in-

digência; ultrapassado um certo limite, também nos vemos proteger dela. Há, no Mundo actual, cada vez mais jornais diferentes, cada um deles é sempre mais espesso, todos rivalizam para nos oprimir. Há cada vez mais canais de Televisão, que transmitem até durante o dia. (...) Como defender o direito dos nossos ouvidos ao silêncio, o direito dos nossos olhos à visão interior?»

«O que é igualmente aflitivo é que a pseudo-élite intelectual, engendrada pela actual competição publicitária, torna objecto de escárnio o carácter absoluto das noções do Bem e do Mal, cobre esta sua indiferença com o véu do "pluralismo das ideias" e dos actos».

ECONOMIA E PROPRIEDADE: «Adaptar, copiando de maneira irreflectida, um modelo económico estrangeiro, im-

plantado lá em baixo (no Ocidente) durante séculos e por etapas, é igualmente destrutivo(...)». É preciso deixar o campo livre à iniciativa, apoiar e defender todos os tipos de pequenas empresas(...), mas é necessário restringir firmemente, por lei, a possibilidade de concentração sem freio do capital; não permitir, em nenhum sector, a criação de monopólios, o controlo de certas empresas por outras(...)».

«Não se deve deixar a propriedade e o interesse tornarem-se um mal social(...)». Os bancos são necessários, como centros operacionais da vida financeira, mas não se deve permitir que se transformem em excrescências usurárias e em amos encoberdos das nossas vidas (...)».

«O preço da nossa saída do comunismo não deve ser a distribuição leonina, pelos capitalistas estrangeiros, do nosso subsolo, da nossa terra, e em particular das florestas. É uma ideia muito perigosa querer salvar com capital estrangeiro o que foi destruído pela desordem interna».

«Recusar a propriedade privada, nas aldeias, seria isolá-las para sempre. Mas é preciso introduzi-la com

prudência (...). Sob a forma de "sociedades por acções", "organizações" e cooperativas, quase se poderia, hoje, comprar latifúndios, e depois correr com os rendeiros, para já não falar da compra de terras por estrangeiros. Tais transacções não devem ser permitidas em nenhum caso».

O OCIDENTE: «A histórica cortina de ferro isolou o nosso país de tudo o que há de bom no Ocidente: as relações cívicas naturais, o respeito pela pessoa, a diversidade das actividades individuais, o bem-estar generalizado, os movimentos humanitários. Mas essa cortina não estava corrida até ao fim: era por aí que se infestavam a "cultura pop de massa" e as modas mais vulgares. (...) A juventude ocidental torna-se estúpida à força de ser saciada; a nossa, na sua miséria, expõe-se, sem reflectir, a estas formas de diversão. E a televisão actual apressa-se a expandir essas correntes impuras por todo o país».

POLÍTICA E MORAL: «As estruturas estatais são menos importantes do que o clima das relações humanas. (...) A vida política não é, de modo algum, o aspecto primordial da vida do Homem.

(...) Quanto mais se desenvolve a vida política, mais se perde a da alma.»

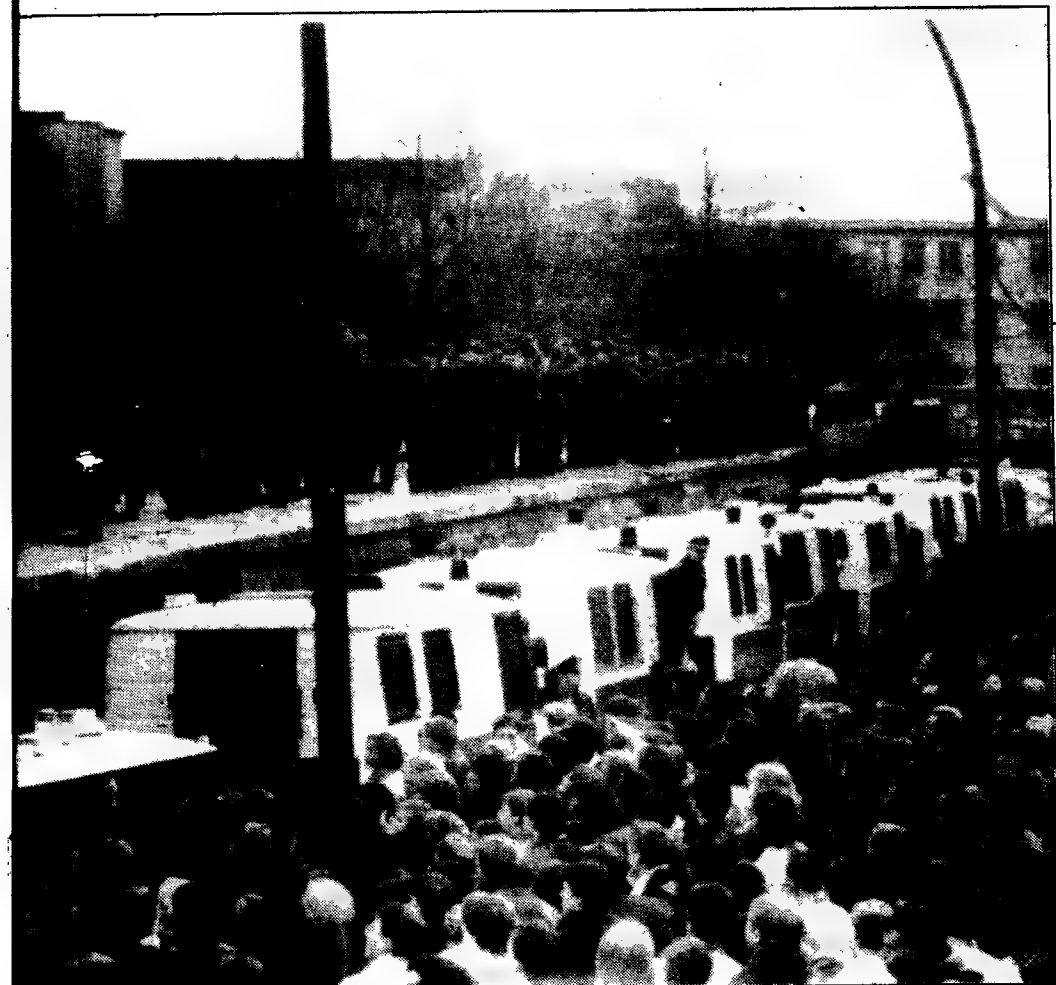
«A pureza das relações sociais é mais fundamental que o grau de abundância. Se uma nação esgotou as suas forças espirituais, nem o melhor sistema estatal a salvará da morte, nem qualquer desenvolvimento industrial: uma árvore não se aguenta de pé com as raízes podres.(...)»

«O princípio da separação "total" dos poderes legislativo, executivo e judicial não é incontestável: não equivale à desagregação desse organismo vivo que é o Estado? Esses três poderes separados têm necessidade de um certo controlo unificador, se não jurídico, pelo menos ético.»

OS DIREITOS DO HOMEM: «Os "direitos do Homem", é tudo muito bonito, mas como verificarmos, nós próprios, que os nossos direitos não se expandem à custa dos outros? (...) A liberdade humana implica, por si só, a autolimitação natural em benefício dos outros»

Exclusivo «Le Monde»/DL
(Trad. e adapt. de Isabel Joyce)

(1) Mistura de Tcheka, o nome da Polícia política nos anos 20, e o actual KGB.



ferro isolou o nosso país de tudo o que há de bom no Ocidente.(...)Mas essa cortina não ao fim: era por aí que se infestavam a cultura pop de massa e as modas mais vulgares

segundo diz, «nos esgota, suga o nosso sangue e precipita a nossa ruína». Tal como o Japão prosperou mal e conseguiu ver livre das suas possessões, também a Rússia não perdeu nada em se separar da Polónia e da Finlândia, após a I Guerra Mundial, e deve, agora, desembaraçar-se resolutamente dos Estados bálticos, caucásios, e das colónias da Ásia Central, ou seja, de pelo menos 12 Repúblicas: apenas o Casaquistão poderá ser convidado a restituir o norte do território, povoado maioritariamente por russos. Em contrapartida, o autor implora aos seus «irmãos» da «pequena Rússia» (a Ucrânia) e da Rússia branca

(a Bielorrússia) para permanecerem no que se deverá tornar a «União russa». Tanto mais que esta, com as suas inúmeras minorias, acabará por manter a forma de uma federação.

Que Soljenitsyne deseja o renascimento e a prosperidade do seu país; que tenha mais que muitos outros - o direito de se fazer ouvir, e que sinta essa necessidade nestes tempos caóticos, tudo isto justifica, antecipadamente, a audiência que não deixará de encontrar na sociedade soviética. A única questão é saber se as suas receitas, que parecerão bem insólitas a muitos ocidentais (é significativo que as referências que utiliza sejam de autores russos, ger-

almente "eslavófilos", do século XIX e do princípio do século XX, mais que de Montesquieu ou Tocqueville, raramente citados), ainda poderão ser aplicadas num país, arruinado é certo, mas cujo ambiente é, no final de contas, o do mundo moderno, e que, aliás, tem a firme intenção de se reintegrar no seu século.

A resposta não tardará a surgir, tanto no interior recôndito da Rússia como em Moscovo. Mas é de lamentar que um Andrei Sakharov já não esteja presente para apresentar a outra tese.

Michel Tatu
Exclusivo «Le Monde»/DL
Tradução de Isabel Joyce



Cooperativa Agrícola dos Produtos de Leite
do Oeste-Estremadura, CRL

CONTRIBUINTE N.º 500075468

GRANDE CONCURSO LEITE OESTE-VERÃO
PROMOVIDO POR
COOPERATIVA AGRÍCOLA DOS PRODUTORES DE LEITE
DO OESTE-ESTREMADURA, CRL
(CAPLOE)
CALDAS DA RAINHA

RESULTADOS DO SORTEIO EFECTUADO DIA 10/10/90

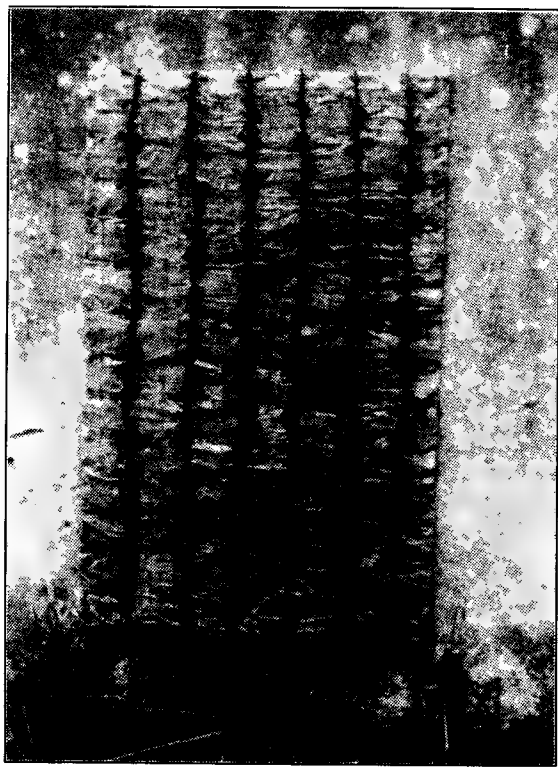
- 1.º Prémio: JOÃO NUNES, PENSÃO AMERICANA, S. MARTINHO DO PORTO
1 Velocípede com motor auxiliar Peugeot
- 2.º Prémio: MARIA MANUELA CABRAL CORREIA, Rua José Tanganho, 16, 1.º Esq.,
Caldas da Rainha
1 Vídeo gravador Sharp
- 3.º Prémio: Guiomar Russo, Travessa da Quinta da Bolacha, 11, 4.º Dt.º, 2700 Amadora
1 Velocípede JBA-BMX
- 4.º Prémio: Ana Paula M. Bragança Pereira, Rua Dr. Francisco Sá Carneiro, 13, 3.º
Dt.º, Caldas da Rainha
1 Velocípede IBA-BMX
- 5.º Prémio: Zulmira da Conceição M. M. Duarte, Rua Narciso de Barros, 16, 2.º Dt.º,
Caldas da Rainha
1 Velocípede IBA-BMX
- 6.º Prémio: Jorge Filipe Henriques Brás, Rua da Alegria, Lote 24, 4.º Esq., Caldas da Rainha
1 Velocípede IBA-BMX

N.B. Os prémios deverão ser reclamados no prazo de 90 dias a contar da data da realização do sorteio, na sede da Cooperativa Agrícola dos Produtores de Leite do Oeste-Estremadura CRL (CAPLOE), Estrada da Tornada, Lavradio, Caldas da Rainha, às horas de expediente diariamente, com excepção de Sábados, Domingos e Feriados, ou seja até ao dia 18/02/91.

BEBA LEITE DO DIA OESTE.
BEBER LEITE É SER JOVEM.

ESTRADA DE TORNADA — LAVRADIO — TELEF. 34169-34170-34180-34190
TELEX 43742 CAPLOE P. APART. 99 2500 CALDAS DA RAINHA CODEX

CULTURA



«Construção», de Maria José Oliveira
(técnica mista sobre tela, 1,20 por 0,80)

Maria José Oliveira inaugura exposição

Na galeria de Arte Moderna, da SNBA, inaugura-se esta tarde, pelas 18 e 30, mais uma exposição de Maria José Oliveira. A mostra intitula-se «Construções» e apresenta várias obras desta artista que trabalha com o barro desde 1967 e expõe desde 1979.

A exposição que hoje se inaugura é, aliás, a quarta de Maria José Oliveira este ano (as outras, na SNBA / Galeria Voz do Operário, Prémio João Hogan e Lisboa «Traje»).

No centenário de Álvaro de Campos

Pessoa desmultiplica-se

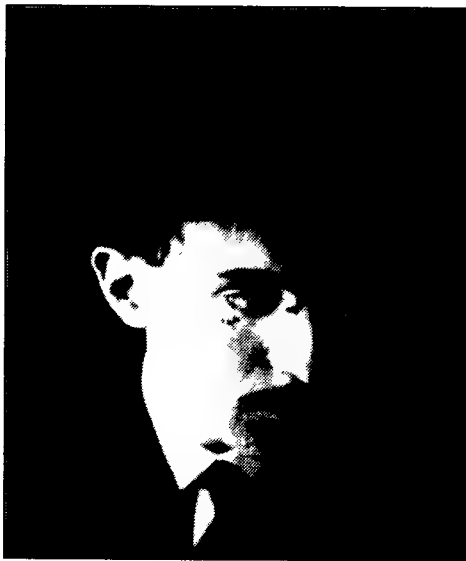
A democracia democratiza tudo. Até os pessoanos. E se em tempos eles eram de menos, hoje são talvez de mais. Todos com mérito, todos devotos sinceros de uma causa nobre, cada um rema, porém, para seu lado, o mesmo é dizer que cada um investiga o que pode, alheio à investigação dos restantes, e o resultado -consequência porventura da democracia- é a desmultiplicação de Pessoa.

Aparentemente é um bem. Na prática, fica-se na dúvida se o será, de facto. Ontem, por exemplo, assinalando o centenário de Álvaro de Campos («Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890...») -escreveu Pessoa na biografia fictícia do seu heterónimo) saiu o primeiro volume da Edição Crítica. Dedicada a Álvaro de Campos, poeta, era de esperar a edição definitiva, os poemas todos, a fixação final do texto, os inéditos descobertos pela equipa que há dois anos anda a trabalhar no espólio. Mas não, a edição ainda não é definitiva. No mínimo faltam alguns inéditos, como se comprova pelo facto de outro livro, entretanto publicado, apresentar mais poemas de Álvaro de Campos. Este outro livro é de autoria de Teresa Rita Lopes, que, antecipando-se ao lançamento do primeiro volume da Edição Crítica, publicou na Estampa o resultado da investigação que conduz à frente de uma outra equipa pessoana.

Resultado: sem contar com os Álvares de Campos que já havia, temos agora o Álvaro de Campos / edição Cleonice Berardinelli, da Imprensa Nacional, e o Álvaro de Campos / edição Teresa Rita Lopes, da Estampa.

Claro que se pode dizer que os dois livros não concorrem e até se completam. Na verdade, na essência e nos objectivos eles são diversos. Um, o da Imprensa Nacional, é da responsabilidade da Equipa Pessoa, coordenada por Ivo de Castro, apre-

senta-se como edição crítica, de poesia apenas, a já publicada e a inédita. O outro é uma espécie de ficção («Álvaro de Campos. Vida e Obra do Engenheiro» se chama), da autoria de Teresa Rita Lopes, e, ficção à parte, reúne inéditos, poesia e prosa, num total de 63 textos.



Os inéditos de um e outro livro cruzam-se, nem sempre a fixação de texto coincidindo, o que se explica pela dificuldade em decifrar os originais. O mal não é este, o mal é (ou parece ser) o publicar a Edição Crítica «poemas» de Álvaro de Campos de que não subsiste às vezes um verso completo. Noutros casos os «poemas» revelados, por dificuldade de decifração, pura e simplesmente não fazem sentido, havendo ainda «inéditos riscados pelo autor» e, certamente, material muito importante.

E diz-se, certamente, porque o jornalista, em rigor, não verificou. É o risco de edições como esta para o grande público (que não para os eruditos ou os pessoanos encartados). A gente pega-lhes e o que lhe apetece, de imediato, é ir a correr ler o poeta nas velhas edições da Ática. Eram incompletas, menos boas, mas mais nos apeticiam (...e apeteçam ainda) do que estas exegeses.

Erro nosso- claro está e não é ironia. Mas fica a pergunta: não será possível, sob a égide das instituições todas, que todas ao Estado afinal pertencem, os pessoanos unirem esforços em vez de dividi-los e darem-nos -perdoe-se o termo- uma edição menos prosaica e mais poética? Se possível, já agora, deixando de lado os fragmentos que o poeta, morto de repente, não teve tempo de destruir? Muitos de nós ficariam agradecidos. E seria a prova de que a erudição não tem só razões que a poesia desconhece.

Rodrigues da Silva

«Non»: 10 mil espectadores no primeiro fim-de-semana

«Non ou A Vã Glória de Mandar», o último filme de Manoel de Oliveira, arrisca-se a ser, para além do mais, o maior êxito de bilheteira de sempre do cinema português. Esta é pelo menos a certeza da Atalanta Filmes que revela ter feito «Non», só no primeiro fim-de-semana...10 mil espectadores e muitas lotações esgotadas, em doze salas, de dez cidades diferentes.

Se nos lembrarmos que um outro êxito anterior da Atalanta («Recordações da Casa Amarela», de João César Monteiro) deve ter feito 40 mil espectadores durante as várias semanas de exibição, fácil é concluir que «Non» vai bater recordes de bilheteira.

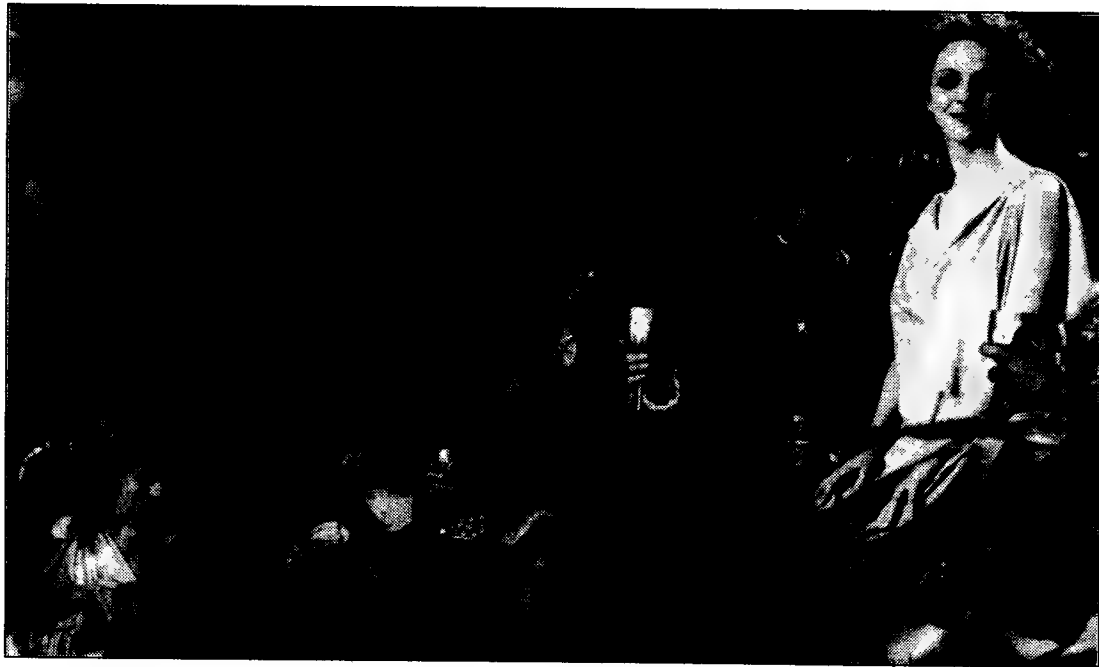
Não seria, aliás, a primeira vez que Oliveira se constituía um êxito para o público (em 1981, «Francisca» foi mesmo o filme português do ano em termos de afluência). No caso de «Non», porém, o que é interessante constatar é que o

filme tem dividido a crítica, mas o público, talvez até pela controvérsia gerada, ocorre para julgar por si.

Mas não será só a polémica crítica que contribui para o interesse do público por «Non». Em primeiro lugar... Oliveira é Oliveira, alguém, já hoje, no imaginário cultural dos portugueses. Depois, há a excelente promoção da Atalanta Filmes, a provar como é que se

defende um produto em que se aposta para ganhar. Finalmente -talvez o mais importante- este filme, deslumbrante objecto artístico, convida a reflectir sobre a nossa identidade comum. Será que, para espanto de muitos, esse rio submerso que somos, sob o país político que se sabe, é por isso mesmo que anseia?

R. da S.



«Non»: o episódio da Ilha dos Amores (à direita, na foto, Teresa Meneses - recordam-se dela, há dez anos, em «Francisca»?)

Política cultural do Governo criticada pela FAUL

Os socialistas da Área Urbana de Lisboa (FAUL) acabam de emitir um comunicado fortemente crítico para a política cultural do Governo. Afirmando, a dado passo, que não são em princípio contra projectos como o do Centro Cultural de Belém, os socialistas dizem, a seguir, que, todavia, um Governo responsável tem que «definir prioridades, traçar objectivos realistas, garantir uma gestão onde a criatividade e uma certa ousadia seja equilibrada pelo bom senso». Não é o caso do Governo Cavaco Silva e do seu secretário de Estado da Cultura -conclui a FAUL. E conclui-o, baseando-se nas afirmações recentes do próprio Santana Lopes, as quais, os socialistas resumem. Assim.

A Régie Sinfonia enfrenta dificuldades de financiamento e os músicos de orquestras como a de São Carlos manifestam descontentamento quanto à sua situação remuneratória e profissional. O Teatro Nacional de São Carlos depara-se com um «buraco» orçamental de um milhão de contos e a sua situação é «incomportável». A Biblioteca Nacional entrará este durante este mês em ruptura financeira porque no «orçamento» deste ano teve menos 50 mil contos do que necessitava para funcionar. O IPC vai ser dirigido pelo próprio secretário de Estado, o que evidencia a precariedade funcional deste organismo.

Para a FAUL, estes factos, deduzidos das afirmações de Santana Lopes, não evidenciam da parte do secretário de Estado se não demagogia. Isto porque, denunciando uma situação como esta, ele se mostra, não obstante, solidário com o Governo, e não se demitiu.

Os socialistas da FAUL terminam garantindo que, «pelo debate e pela crítica», procurarão impedir que «por entre promessas miríficas e a admissão de situações castróficas» o Governo confunda os cidadãos. E, assim, trê a FAUL contribuir para a alternativa (qual? não se diz) que «urge construir».

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Terceiro Festival de Cinema de Portalegre começa dia 26 de Outubro

Clássicos de ontem, clássicos de hoje

O terceiro festival internacional de cinema de Portalegre vai iniciar-se no próximo dia 26 de Outubro, prolongando-se até 4 de Novembro. Dirigido pelo nosso colaborador Lauro António, este festival é constituído por vários ciclos não competitivos. As sessões decorrerão no Cine Teatro Crisfal, no Convento de Santa Clara e no Museu Municipal.

Um dos ciclos é consagrado ao relacionamento do cinema com a comunicação social. Nesta área serão exibidos filmes como «Edição Especial» de James L. Brooks, «Salvador» de Oliver Stone, «A Calúnia» de Sidney Pollack, «O Ano de Todos os Perigos» de Peter Weir e, como não podia deixar de ser, «Os Homens do Presidente» de Alan J. Pakula, com Dustin Hoffman, Jason Robards e Robert Redford a evocarem o papel que o «Washington Post» desempenhou no deslindar do caso Watergate. Mas, os clássicos do «género» também não foram esquecidos: «Um João Ninguém» de Frank Capra, com Gary Cooper, «A Queda dum



«Recordações da Casa Amarela», uma das presenças portuguesas em Portalegre

Corpo» de Mark Robson que é, assinala-se, o último filme com Bogart e «Correspondente de Guerra» de Alfred Hitchcock. Destaque-se, todavia, «O Mundo a Seus Pés» de e com Orson Welles, sem menosprezo, por outro lado, para «O Homem da Manivela» com Buster Keaton.

Curtiz e Jim Henson: duas homenagens

Michael Curtiz foi, durante anos, o realizador mais im-

portante ao serviço dos irmãos Warner. Mas, foi sempre tratado como um tarefeiro competente. Lauro António já se manifestou contra semelhante injustiça e, por isso, inclui agora no «seu» Festival uma homenagem ao autor de «Casablanca». Assim, para além do «filme mais amado de sempre», os portalegrenses poderão apreciar «O Caminho da Redenção», «As Aventuras de Robin dos Bosques», «O Gavião dos

Mares», «O Corsário das Nuvens», «A Carga da Brigada Ligeira», «Canção Triunfal», «Veneno de Cobra», «Vida Nova», «Natal Branco», «Os Comancheros» e «Alma em Suplício». E, porque o cinema destes anos era, sobretudo, um cinema de actores, ver estes filmes é também uma oportunidade de reencontrar o melhor de Joan Crawford, Errol Flynn, Basil Rathbone, James Cagney, Olivia de Havilland, Bing

Crosby, Danny Kaye, John Wayne e, evidentemente, Miss Bergman e Mr. Bogart.

O outro homenageado do Festival de Cinema de Portalegre é Jim Henson. Para aqueles a quem este nome pouco diz, refira-se que Jim lançou ao mundo Cocos, Miss Piggy e os outros do bando dos Marretas. Durante o Festival, poder-se-á ver várias aventuras destes bonecos e ainda «Labirinto» com David Bowie, «O Cristal Encantado», «O Fantasma de Faffner Hall», entre outros.

Clássicos de hoje

O cinema actual não estando ao nível da grande máquina cinematográfica dos anos 30, 40 e 50, continua a produzir obras estimáveis. A direcção do Festival de Cinema de Portalegre está atenta ao facto e, por isso, organizou o ciclo «Caminhos do Cinema Moderno». Graças a ele, poder-se-á ver «O Meu Pé Esquerdo» de Jim Sheridan, «Sonhos» de Akira Kurosawa, «O Cozinheiro, o Ladrão, a Sua Mulher e o Amante Dela» de Peter Greenway, «Henrique V» de Kenneth Branagh, «Adeus, Ra-

pazes» de Louis Malle, «Cinema Paraíso» de Giuseppe Tornatore e «A Paixão de Camille Claudel» de Bruno Nuytten.

Mas há mais. Há, por exemplo, um ciclo consagrado à forma como a juventude é tratada pelo cinema norte-americano de hoje, em que poderão ser vistos «Os Marginais», «Juventude Inquieta» ambos de Francis Ford Coppola, «O Clube dos Poetas Mortos» de Peter Weir, para além de outras obras de importância menor, destinadas a um público apreciador de coisas como «O Rei dos Gazeteiros». As cinematografias espanhola e alemã serão igualmente objecto de retrospectiva. A primeira com filmes de Almodovar e Manuel Gutierrez Aragon e a segunda com filmes de Rudolph Thome, Rosebaum e Alexander Krüge. O cinema português estará presente com três obras recentes e importantes: «Recordações da Casa Amarela», «O Processo do Rei» e «Filha da Mãe». Por estas e por outras, é que se pode dizer que há muita coisa a não perder desde 26 de Outubro em Portalegre.

Uma voz do cárcere

Não é um bom filme: técnica sem relevo, ritmo por de mais lento que acusa deficiência de montagem, imagem indiferente — mas outra coisa há que ver nesta obra de Jean-Claude Dague, «Le Denommé», que assim se apresenta à nossa atenção. Trata-se do assunto, e da própria aventura do realizador.

J. C. Dague conta pura e simplesmente a sua própria história, que é a de um homem que, por uma razão secundária, passou dez anos em prisão, e mesmo nas famosas secções de alta segurança que tantos protestos levantaram, humanitariamente. Contando o que com ele se passou, o realizador mostra, de maneira empolgante, como resistiu e conseguiu manter a sua dignidade num meio em que tudo vai apodrecendo.

Grito de protesto e de acusação que não dissimula, o filme trata da passagem do homem à besta, por obra e graça do mundo carceral! Ele mostra como um não-assassino tem que assassinar para salvar a própria pele, como é difícil não se deixar ir numa atitude de denunciante (de «balance»), pondo-se assim à margem de outros presos, e sofrer-lhe as consequências.

O horror das prisões, ou da prisão, é expresso em «Le Denommé» em toda a sua força — e é por isso que o filme, verdadeiro, autêntico, é de tal modo emocionante. E dele sai uma espécie de grandeza que faz esquecer os defeitos técnicos ou estéticos que lhe devam ser imputados.

Defeitos que não tem, contudo, a interpretação, excelente e difícil, que assume bem a responsabilidade moral da obra: assim Michel Galabru ou Philippe Leothard ou Bernard Fresson, que constituem, com outros, um grupo de actores de que o cinema francês de hoje pode honrar-se.

Uma palavra final para os diálogos, que alguma crítica considerou por de mais brutais ou vazios. Mas é que o vocabulário carceral (em França, como certamente por todo o mundo...) é extremamente reduzido, vocabulário de sobrevivência, de uns, vocabulário redutivo do outro lado, cujo fim é humilhar e reduzir a nada os prisioneiros. E, assim, esta banda sonora de «Le Denommé» constitui uma das suas qualidades maiores que importa apreciar — como participante no clima psicológico e, mais ainda, no clima moral em que a obra de Jean-Claude Dague se situa.

H. Galy-Charles

Gipsy Kings no Casino Estoril

Perturbam e fascinam aqueles que os ouvem. Nativos de Arles e Montpellier, são ciganos e chamam-se Gipsy Kings. Dos tempos em que, para sobreviver, cantavam nas praças e nos restaurantes não reza a história. Agora são mundialmente famosos e nos próximos dias 18 e 19 do corrente estarão no «Salão preto e Prata» do Casino Estoril para dois espectáculos irresistíveis.

Mágicos, fazem perder a cabeça ao público mais certinho. Cantam a liberdade, o amor e a vida. São frenéticos. Seduzem pelo ritmo das suas músicas, pelo virtuosismo da voz e vibrações das guitarras que dedilham com paixão.

Três deles são filhos de José Reyes, cantor do Manitas de Plata; os outros quatro são seus cunhados ou primos.

Inicialmente chamavam-se «Los Reyes», na época em que Brigitte Bardot os convidou para a festa do seu 40.º aniversário, ajudando-os a lançarem-se no mundo da música. Sentem-na desde que nasceram, todos os que os circundam cantam ou tocam guitarra, é uma família de músicos por vocação.

«Djobi, djoba», «La dona», «Bamboleo», «Caminando», «Voy», ou «Volare» são apenas alguns dos muitos títulos que os consagraram desde 1982.

A Tonino chamam «dedos de buro» e de Nicolas dizem que tem voz milagrosa. Enfeitam quem os escuta e entre



«Gipsy Kings», reis de um reino indecifrável

o público vasto e heterogéneo que normalmente os aplaude encontram-se nomes famosos como os de Bruce Springsteen, Eric Clapton ou Lady Di.

Chico (Jahoul) Bouchikhi é o líder do grupo e também guitarrista; os restantes elementos são Nicolas Reyes (voz e guitarra), Andre Reyes (coros e guitarra), Tonino Baliardo (guitarra solo), Paco (Jacques) Baliardo (guitarra), Diego (Maurice) Baliardo (guitarra) e Canut (François) Reyes (guitarra).

Depois de Gipsy Kings, álbum cujo sucesso em Portugal foi enorme, têm agora «Mosaïque», o seu disco mais recente que aproveitarão para

divulgar nos próximos espectáculos no Casino Estoril.

Espectáculos que, conforme nos disseram, «terão um reportório rico e variado e serão desempenhados com tanta emoção que dificilmente o público resistirá a ficar colado às cadeiras».

O Casino Estoril, habituado que está a apresentar os melhores nomes do music-hall internacional, só apostando em superproduções que tornem históricas as suas galas de ouro no «Salão Preto e Prata» está orgulhoso.

É de facto um grande prazer e uma grande vitória conseguir trazer os «Gipsy Kings» até ao público português que assim terá oportunidade de

ouvir ao vivo os discos que desaparecem dos escaparates dias depois do seu lançamento.

Gipsy Kings reis de um reino indecifrável onde a magia, a alegria, o exotismo e o ritmo se aliam para conquistar corações.

Salsa, jazz, rock-cigano, bossa-nova, flamenco, música árabe, tudo está presente no som dos Gipsy Kings a quem Manitas de Plata e Paco de Lucia influenciaram.

No Casino Estoril, dias 18 e 19, tudo isto e muito mais ajudará a compreender porque são sempre únicos os espectáculos dos reis ciganos que, embora franceses, têm o mundo a seus pés...

DESPORTO

Caso dos romanos dopados

Dirigentes «decretam» silêncio Carnevale lança acusações

O Roma, equipa da primeira Divisão do futebol italiano, anunciou a proibição do acesso da Imprensa às suas instalações e a imposição do silêncio aos seus jogadores, acerca da suspensão por um ano aplicada a Carnevale e Peruzzi.

Dino Viola, presidente do clube, afirmou a propósito que as limitações aos contactos com a Imprensa são impostas pela lei em vigor, até conhecimento da sentença do Comité de Apelação da Federação Italiana de Futebol, para o qual o Roma recorreu do castigo aplicado a Carnevale e Peruzzi.

A lei em vigor, segundo Viola, obriga jogadores e clube ao mais rigoroso silêncio, uma vez que os futebolistas do Roma vão ser ouvidos pelo Comité de Apelação.

Entretanto, Andrea Carnevale acusou os dirigentes do Roma de o terem obrigado a mentir na sequência do recente caso de «doping» que lhe custou um ano de suspensão.

Carnevale, com contrato válido com o Roma por mais três épocas, disse não se considerar dopado, pois «não sou nenhum Ben Johnson, ele sim necessita de se dopar para melhorar os resultados desportivos».

Em entrevista à televisão italiana, o dianteiro do Roma afirmou que os dirigentes do Roma obrigaram-me a mentir, pois a única coisa que fiz foi tomar uma pílula para apressar a digestão de uma refeição mais pesada.

Inglaterra pretende Mundial-98

A Inglaterra, país cujos clubes foram excluídos de participar nas taças europeias entre 1985 e 1990, pretende apresentar a sua candidatura ao Campeonato do Mundo de Futebol de 1998 — afirmou o presidente da Liga inglesa William Fox.

«Queremos que o Mundial se realize em Inglaterra em 1998», disse Fox, acrescentando que a candidatura não é apenas por prestígio, mas porque «o dinheiro que gera pode ajudar-nos a construir novos estádios de que bem precisamos».

A norma da FIFA neste sentido estabelece que o país anfitrião de uma fase final da Taça do Mundo tem de dispor de oito estádios com 40 mil lugares sentados e, pelo menos, um com 80 mil lugares para a final.

Marrocos, Suíça e França já apresentaram as suas candidaturas para organizar o Mundial de 1998 e este último país perfila-se como favorito.

O prazo para a entrega das candidaturas termina em Junho do próximo ano e um ano depois a FIFA anunciará o país que acolhe o Mundial.

Brasil: Campeonato

Realizou-se a 2.ª jornada do Campeonato brasileiro tendo-se registado os seguintes resultados: Vasco - Internacional RS, 3-0; Botafogo - Goiás, 2-0; Corinthians - Baía, 0-0; Portuguesa - Bragantino, 1-1; Santos - Atlético, 0-0; Inter - Cruzeiro, 1-0; São José - São Paulo, 0-0; Náutico - Flamengo, 0-0; Palmeiras - Vitória, 2-1.

No Grupo 1 comandam o Atlético Mineiro, Baía, Santos e Vasco, enquanto no Grupo 2 a liderança pertence ao Palmeiras e Cruzeiro.

Título para o Brøndby

O Brøndby ganhou o Campeonato dinamarquês de futebol pela quarta vez em seis anos ao derrotar o København Boldklub, por 1-0.

O Brøndby, que defronta aos húngaros do Ferencváros na segunda ronda da Taça UEFA, tem uma vantagem de nove pontos sobre o 1903.

Paulo Futre foi injectado em Madrid e o nódulo que tinha na coxa está desfeito. O atleta afirma que irá arriscar tudo para jogar e o médico Camacho Vieira admite o «milagre»

Futre: «Arrisco tudo porque quero jogar»

«Fui injectado, em Madrid, com um produto novo que nada tem a ver com cortisona, e que me desfez o nódulo que tinha na coxa. Tanto o médico do Atlético de Madrid, como o dr. Camacho Vieira, me dizem que a recuperação é difícil. No entanto, se estiver a noventa por cento das minhas capacidades, direi a Artur Jorge que poderá contar comigo, caso contrário informarei que não posso jogar. Se puder, arrisco tudo. Quero jogar e se o fizer assumirei toda a responsabilidade». Futre «dixit». Está dito.

Sobre a arreliadora lesão contraída por Paulo Futre, o dr. Camacho Vieira mostra-se optimista, afirmando ser possível que o excelentíssimo futebolista recupere a tempo de integrar o «onze» de Artur Jorge para o difícil encontro de amanhã. Camacho Vieira diria: «Futre está a recuperar de forma sensacional e confio que possa estar em condições de alinhar frente aos holandeses».

Quanto a Semedo, está totalmente apto, e os demais gozam de «perfeita saúde», mostrando todos eles grande empenhamento nas diversas sessões de treino efectuadas. A avaliar pela esquematização táctica imposta por Artur Jorge o «team» inicial não andará muito distante deste: Silvano; João Pinto, Venâncio, Veloso e Leal; Oceano; Paneira, Carlos Xavier e Semedo (ou Futre); Rui Águas e Cadete.

Michels: Optimista e confiante

O técnico da selecção holan-



Último apronto das esperanças, com João Pinto no centro das operações

desa, Rinus Michels anunciou «a ausência de razões para ter medo da formação portuguesa». Michels falava na final da sessão de treinos da selecção «dourada» realizada no estádio do Sporting de Espinho: «O valor dos jogadores que compõem a selecção holandesa permite-me encarar a partida com algum optimismo», acrescentou o «general», tendo adiantado «esperar que seja um bom jogo de qualificação», mostrando-se confiante na obtenção de «um resultado positivo».

O principal responsável pela conquista para a Holanda do «Europeu-88» (na RFA) considerou que, seja qual for o esquema táctico apresentado por Artur Jorge, «é a Portugal que cabe tomar a iniciativa, pois perdeu um ponto na Finlândia e não deverá interessar-lhe muito perder mais neste jogo».

Quem são os «eleitos» de

Michels: Hans van Breukelen, Joop Hiele, Adriaan Tilman, Stan Valckx, Graeme Rutjes, marciano Vink, Frank de Boer, Danny Blind, Aron Winter, Gerald Vanenburg, Richard Witschge, Dennis Bergkamp, John van't Schip (que foi hoje a casa para assistir ao parto da mulher e poderá não regressar ao Porto a tempo de jogar), Ruud Gullit, Marco van Basten e Hans Gillhaus.

As «esperanças»

A selecção portuguesa de «Sub-21», comandada por António Oliveira, terá hoje (21 horas, no estádio do bessa, no Porto, um novo e importante ensejo para se confirmar como a verdadeira esperança do futebol português. triunfo português no primeiro compromisso do grupo 6 da fase qualificativa para o Euro-

peu de 1992, proporcionou um excelente triunfo (1-0) a equipa lusa sobre a Finlândia, neste país nórdico.

Enquanto o seleccionado «A» procura dentro de si soluções ainda há pouco tidas como impraticáveis, as «esperanças» continuam a manifestar, no dia-a-dia, as inúmeras potencialidades que «mestres» Carlos Queiroz há muito vem burilando, e de que a campanha de Riade foi o exemplo mais acabado.

Portugal vai defrontar hoje um adversário consideravelmente mais forte que os finalandeses, porquanto a Holanda é, sem dúvida, uma das maiores potências do futebol mundial.

Os pupilos de António Oliveira terão, portanto, uma ótima oportunidade para confirmarem que o futuro do futebol português mora para aquelas bandas, pese embora este adversário apresente argumentos de maior peso que os dos finalandeses, a exigir à equipa lusa um reforço suplementar na entrega ao cumprimento da tarefa.

A formação lusa está praticamente definida, existindo apenas algumas dúvidas quanto à utilização do médio «deonino» Filipe, que tem vindo a ser assistido a uma lesão, encontrando-se quase a cem por cento.

António Oliveira deverá apresentar a seguinte equipa inicial: José Carlos; Abel, Paulo Madeira, Fernando Couto e Magedo; Paulo Sousa, Hélio, Filipe e Jorge Couto; João Pinto e Folha.

Começou a invasão no futebol feminino

Chutadora búlgara no Carcavelos

Inédito: uma futebolista búlgara vem actuar em Portugal, contratada pelo Grupo Sportivo de Carcavelos para reforçar a equipa que tradicionalmente é 2.ª classificada na Taça Nacional de Futebol Feminino, apenas normalmente cedendo nos embates com o Boavista.

Desta feita, a colectividade presidida por José Ruas avançou em flecha, recrutando Diana Kalfina, ponta de lança com 160 jogos no Campeonato búlgaro, 48 internacionalizações e diversos títulos, como a melhor goleadora dos torneios locais. Uma valorização grande para a turma que igualmente contratou Maria Emília Soares (única mulher portuguesa com o curso de treinadora de nível nacional) e a

preparadora física Mónica, professora da disciplina.

Pego: incidentes

Domingo passado, enquadrando o jogo entre o Grupo Desportivo do Pego e o Clube de Futebol de Estremoz (para a 2.ª eliminatória da Taça de Portugal, aconteceram mosquitos por cordas, com a força da GNR presente a ter de solicitar reforços que permitissem a retirada do trio de arbitragem. Sobre os acontecimentos o nosso colega «Recorde» registou dois depoimentos completamente diferentes. Manuel Cabaço, presidente do Pego, afirma:

— Não se passou nada de especial... Tivemos um homem vestido de preto dentro do cam-

po, que originou confusões. O 1.º golo do Estremoz foi marcado num «penalty» que nunca existiu. O 2.º apareceu na sequência de uma falta inventada pelo árbitro. Ora, quando isto acontece, o público começa a ficar nervoso e revolta-se. Mas, o mais grave é que, quando faltavam dois minutos para o jogo terminar, houve uma grande penalidade contra a equipa do Estremoz, que foi apontada pelo juiz de linha, mas o árbitro acabou por assinalar simplesmente pontapé de baliza. Foi aí que o ambiente aqueceu mais um pouco.

Notámos que havia uma grande amizade entre os dirigentes do Estremoz e o trio de arbitragem...

É diferente o ponto de vista de José Maia, presidente do

clube de Estremoz:

— Sabemos que um fiscal de linha foi agredido e que a GNR pediu reforços dos seus efectivos para que o árbitro saísse em segurança, o que acabou por acontecer a altas horas da noite... Nunca nos sentimos tão mal como no Pego. As pessoas atiravam pedras para onde estávamos sentados e depois, no final do jogo, subiram para o telhado dos balneários, onde se encontravam os árbitros. A GNR apresentou uma queixa-crime e vai solicitar um inquérito à Federação.

Quanto a nós, o árbitro Palma Lucas (de Setúbal) teve um comportamento espectacular e soube mostrar uma coragem exemplar, porque senão o jogo não teria chegado ao fim. Houve uma altura em que podia expulsar metade da equipa do Pe-

go, mas teve a calma suficiente e pulso para aguentar o jogo. No Pego, ainda tentaram furar os pneus do nosso autocarro.

Réplica de Manuel Cabaço, presidente do Pego:

— Posso garantir que os árbitros não foram nada molestados...

Um caso para averiguações. Mais um, infelizmente, que traduz violência à solta nos terrenos futebolísticos.

Taça de Portugal

O São Martinho garantiu a passagem à 3.ª eliminatória da Taça de Portugal ao vencer por 4-3 após prolongamento no campo do Amarelo. No final do tempo regulamentar as duas equipas estavam empatadas a três golos.

Calendário muda

Foi antecipado para sábado, às 15 horas, o jogo Estrela da Amadora-Marítimo.

Árbitros antecipados

Segundo informa o nosso colega «Público», já estão designados os árbitros para dois jogos do Benfica: o português Soares Dias (União-Benfica) e o viseense Donato Ramos (Benfica-Nacional).

Magnusson operado

Na Suécia, teve lugar nova operação ao adutor esquerdo de uma perna do Magnusson, intervenção cirúrgica que esteve a cargo do dr. Lars Peterson. Desta feita foi-lhe retirado um fragmento ósseo da área afectada a que se seguiu uma tenotomia parcial.

DESPORTO

Xadrez

Kasparov-Karpov:
lance selado

A terceira partida para o título mundial de xadrez entre o seu detentor, Gary Kasparov, e o antigo campeão, Anatoly Karpov, foi adiada após 41 lances, concluídas cinco horas de jogo.

Kasparov, jogando com pretas, colocou o 41.º lance num envelope a ser aberto pelas 17 e 30 locais de hoje (21.30 em Lisboa e tmG), hora prevista para o reatar da partida.

Os dois jogadores e respectivas equipas de assistentes deverão avaliar durante a noite a situação da partida, considerada pelos especialistas como favorável a Kasparov.

O nono lance do actual campeão alterou por inteiro o fio do jogo, ao ponto de provocar alguma agitação entre os auxiliares de Karpov.

As primeiras doze partidas do torneio da final do Campeonato do Mundo estão a realizar-se em Nova Iorque, com as doze últimas marcadas para a cidade francesa de Lyon.

Relação dos lances da terceira partida:

Karpov (peças brancas)	Kasparov (peças negras)
1. D4/P-Q4	NF6/N-KB3
2. C4/P-QB4	G6/P-KN3
3. NC3/N-QB3	BG7/B-N2
4. E4/P-K4	D6/P-Q3
5. NF3/N-B3	0-0/0-0
6. BE2/B-K2	E5/P-K4
7. BE3/B-K3	QE7/Q-K2
8. DXE5/PXP	DXE5/PXP
9. ND5/N-Q5	QD8/Q-Q1
10. BC5/B-B5	NXE4/NXP
11. BE7/B-K7	QD7/Q-Q2
12. BXF8/BXR	KXF8/KXB
13. QC2/Q-B2	NX5/N-B4
14. RD1/R-Q1	NC6/N-B3
15. 0-0/0-0	NE6/N-K3
16. NB6/N-N6	QXB6/RPXXN
17. RXD7/RXQ	BXD7/BXR
18. QD2/Q-Q2	BE8/B-K1
19. B3/P-QN3	E4/P-K5
20. NE1/N-K1	F5/P-KB4
21. BD1/B-Q1	NE5/N-K4
22. NC2/N-B2	RXA2/RXP
23. QD5/Q-Q5	KE7/K-K2
24. NB4/N-N4	C6/P-B3
25. QXE6+/QXN CH	KXE6/KXQ
26. NXA2/NRR	NF7/N-B2
27. BE2/B-K2	ND6/N-Q3
28. NB4/N-N4	BC3/B-B6
29. NC2/N-B2	F4/P-B5
30. RD1/R-Q1	H5/P-R4
31. F3/P-B3	E3/P-K6
32. G3/P-N3	G5/P-KN4
33. BD3/B-Q3	H4/P-R5
34. KF1/K-B1	C5/P-B4
35. KE2/K-K2	B5/P-N4
36. CXB5/BXP	NXB5/NXP
37. BC4+/B-B4 CH	KE7/K-K2
38. RD5/R-Q5	BF6/B-KB3
39. RXC5/RXBP	NC3+/N-B6 CH
40. KF1/K-B1	BF6/B-N3
41. NE1/N-K1	partida adiada



Imagem do homem mais aplaudido da noite: Manuel João, comandante Portimonense que «não tem papas na língua» e, portanto, é constantemente flagelado pelos juizes do futebol federativo



Foi bem preenchida a festa. Em primeiro plano reconhecem-se Mário Almeida, Fernando Oliveira, Manuel Vaz e Fernando Pedrosa. Mais distantes: Marques Mendes, Araújo e Sá, Vieira de Carvalho e Adriano Pinto

O festim dos importantes

Não fomos convidados, a festa era apenas para gente ilustre, bem colocada na vida, figuras do campo empresarial, da galeria preponderante em política, populares no palco desportivo, todos reunidos por José Maria Pinho (antigo presidente do Rio Ave) na sua vivenda em Canidelo, Vila do Conde. Ministros como Fernando Nogueira e Silva Peneda, Marques Mendes (outro desportista, actualmente em

funções como secretário de Estado), antigos presidentes de clubes (Fernando Pedrosa, João Rocha, Mário Rosa Freire, Lúcio Marques, Fernando Martins, Emílio Macedo, António Gomes, Alvaro Ramos, Amado de Freitas), actuais líderes de diversos estandartes (Pinto da Costa, Fernando Oliveira, Valentim Loureiro, Manuel João), Pinto de Sousa (antigo presidente do Conselho de Arbitragem), autarcas

em actividade (Mário de Almeida, Manuel Vaz, José Gama, Vieira de Carvalho), Adriano Pinto (presidente da Associação de Futebol do Porto), João Rodrigues presidente da Federação de Futebol, dr. juiz Araújo e Sá, ainda outros convivas para participarem naquilo que redundou em autêntica manifestação de desagravo ao presidente portimonense Manuel João (recentemente castigado pela justiça

federativa) que, afirmando só se calar quando lhe cortarem a língua, anuncia para muito breve desmascarar muitos «desportistas» que andam por aí em circulação. Logo, um explosivo depoimento do dirigente algarvio está prestes a saltar para a ribalta, provavelmente queimando totalmente quem já está alguma coisa chamuscado...

N. de S.



Pinto da Costa, Fernando Nogueira, Marques Mendes, José Maria Pinho e Valentim Loureiro



Valentim Loureiro, Fernando Martins, João Rocha, Fernando Nogueira e Mário Almeida

Automobilismo

Nannini: «minha carreira terminou»

Alessandro Nannini admitiu que a sua carreira terminou, apesar da reimplantação do antebraço efectuada sexta-feira à noite na sequência de um grave acidente de helicóptero.

A dramática confissão do piloto italiano, de 31 anos de idade, foi revelada pelo seu pai, Danilo, ex-corredor de automóveis, depois da visita que lhe fez no Hospital de Florença onde se encontra internado.

«Para mim não há projectos futuros, pois a minha carreira terminou», disse Nannini, segundo declarou o seu pai. «Este caso é um sinal do destino, um consolo, porque na pista Alessandro corria riscos maiores e mais graves», adiantou Danilo Nannini com evidente emoção.

A esposa do piloto, Paola Nannini, afirmou que Alessandro está com a moral elevada e coloca muita vontade nas acções que já vem empreendendo.

O professor Carlo Bufalini, que dirigiu a equipa médica que operou o piloto disse ser

incorrecto especular sobre se ele poderá voltar a correr, mas não excluiu essa hipótese.

«Para mim é difícil dar uma opinião, porque não conheço exactamente as funções exigidas à mão de um piloto, sendo esta a primeira vez que reimplanto um membro a um corredor, embora me pareça que não seja necessário que tenha os dedos de um pianista», acrescentou.

Bufalini adiantou que se até sexta-feira a situação do piloto não se complicar já se poderá saber se o membro está ou não recuperado.

Prost «versus» Mansell

O actual campeão do Mundo de Fórmula Um, Alain Prost, disse que o seu colega na Ferrari, Nigel Mansell, gosta mais de golfe do que de pilotar automóveis de corrida.

«A verdade é que Mansell apesar de não gostar de treinar é um bom piloto», disse Prost em entrevista concedida ao «Globo». «Mansell está sempre mais preocupado com o

golfe do que com as corridas, pelo que os reajustamentos nos carros resultam apenas do meu trabalho», adiantou o piloto francês.

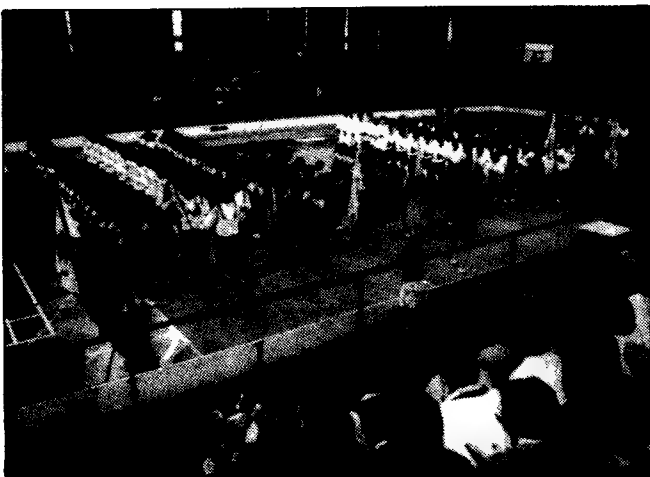
As críticas de Prost em relação a Mansell acentuaram-se a partir do Grande Prémio de Portugal, altura em que uma má largada quase que o afastou da hipótese de revalidar o título.

Mansell, que havia anunciado a sua retirada da Fórmula Um, reviu a sua posição e assinou um contrato com a Williams válido por uma época.

Herbert rende Donnelly

A Escuderia da Camel-Lotus anunciou que o britânico Johnny Herbert vai substituir Martin Donnelly até final da temporada nas provas de Fórmula Um.

Esta substituição deve-se ao grave acidente sofrido por Donnelly há duas semanas no Grande Prémio de Espanha, em Jerez de la Frontera. Donnelly ainda continua hospitalizado.



Seixalíada

Terminou a oitava edição da Seixalíada uma das maiores manifestações desportivas de âmbito popular de quantas se realizam no País. E chegou ao final com uma bonita festa no pavilhão do Clube do Pessoal da Siderurgia Nacional, em Paio Pires, que incluiu a exibição de ginástica e de patinagem artística.

Durante três semanas a Seixalíada reuniu cerca de 12 mil praticantes de 30 modalidades desportivas, uma verdadeira maratona desportiva, organizada pela Câmara Municipal do Seixal, com o apoio dos agentes desportivos do concelho e das juntas de freguesia.

5.º JUÍZO CÍVEL DA
COMARCA DE
LISBOA

ANÚNCIO

Processo n.º 1231
2.ª Secção

Por este Tribunal correm editos de 30 dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste anúncio, citando o executado JOÃO PEDRO DRAGO DE SOUSA UVA, actualmente em parte incerta e com última residência conhecida em Rua de Angola Torre A 7.º Esq.º — 7800 Beja, para no prazo de CINCO dias, findo o dos editos, na Execução Sumária, movida por Faustino A. Carreiras — Comércio e Indústria de Automóveis, Lda., com sede na Rua Alexandre Herculano, 7320 Castelo de Vide, deduzir oposição, pagar ao exequente, a quantia exequenda de esc. 1 162 500\$00, juros e custas, ou nomear bens à penhora suficientes para garantia de pagamento daquela quantia, sob pena de considerar devolvido ao exequente esse direito.

Lisboa, 8 de Outubro de 1990.

O JUÍZ DE DIREITO

(assinatura ilegível)

O ESCRIVÃO ADJUNTO

(assinatura ilegível)

«DL» 1.ª Pub. — 16/10/90

DESPORTO

O Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol indicou à FIFA o nome dos dez «melhores árbitros», numa lista que contraria a «escala» nacional

Sepa Santos preterido e Fortunato «despromovido»

O Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol já nos habituou com arbitrariedades, pelo que não surpreende o ritmo e a constância com que outras vão surgindo. No passado fim-de-semana a «equipa» liderada pelo advogado Lourenço Pinto, reuniu em sessão plenária e entre outras decisões tomadas, foi anunciada a lista dos 10 árbitros a indicar à FIFA, para que este lhe outorgue o estatuto de internacional. Recorde-se que habitualmente o Comité de Arbitragem daquele organismo internacional, escolhe sete portugueses mas nada a impede de reduzir aquele número.

O Conselho Arbitral cá do burgo, indicou os «dez eleitos» pela seguinte ordem: Rosa Santos, Carlos Valente, Francisco Silva, Veiga Trigo, Fortunato Azevedo, Pinto Correia, Vítor Correia, Jorge Coroado, José Pratas e Moreira de Sousa. Esta ordem em nada é coincidente com a classi-

ficação (?) atribuída por aquele órgão da FPF no termo da época passada, já que Fortunato Azevedo surgiu em 1.ª (agora aparece em 5.ª). Rosa Santos foi 5.º agora é 1.º e o desordenamento é geral sendo excepção o 10.º lugar de Miranda de Sousa.

Não deixa de ser curioso e enigmático o facto do bracaraense Fortunato Azevedo ter sido eleito o «árbitro do ano» para agora surgir no 5.º posto, como surpreendente é o facto de Sepa Santos (8.º na lista anual) não figurar no rol remetido à FIFA, aparecendo o eborense José Pratas que fora 14.º na tabela nacional.

O «DL» contactou Sepa Santos, a propósito de ter sido preterido a favor de Pratas, tendo aquele árbitro afirmado: *Olhe não sei, nem me quero envolver em polémicas. Dizem-me que eu não figurava na lista dos pré-internacionais para esta época e esse factor é essencial para a eventual promoção a internacional. Se é ou não assim,*

não sei. Vou aguardar por outras oportunidades e nem o facto de me terem assegurado de que na passada temporada obtivera a melhor classificação e ter sido colocado na 8.ª posição me faz falecer o ânimo para continuar a servir com total empenho e dedicação a causa.

Tem razões que bastam o árbitro lisboeta para se encontrar desmoralizado e desmotivado, ainda que refira outro preceito.

Também é surpreendente que Francisco Silva e Veiga Trigo surjam posicionados em lugares «intocáveis», quando é certo que na temporada em curso, as suas actuações não lhe abonam a credibilidade como juizes de craveira internacional e como exemplos desta nossa convicção, bastará recordarmos as suas actuações no Marítimo-Guimarães (Francisco Silva) e Belenenses-Porto (Veiga Trigo).

Enfim, o Conselho da Arbitragem da FPF persiste em



Sepa Santos: «nenhuma decisão desmobiliza a minha dedicação à arbitragem»

decisões que só os seus membros poderão entender. Bom seria que tudo fosse transpa-

rente. A arbitragem não admite situações opacas.

Alves Henriques

Hoje, no «universitário»

Jornada anglo-lusa de rãguebi juvenil

Realiza-se hoje (a partir das 18 horas) no Estádio Universitário de Lisboa, o primeiro dos dois confrontos acordados entre a equipa de iniciados do Grupo Desportivo de Direito/Entreposto e a turma inglesa do Mill Hill School. A avaliar pelos resultados averbados pela formação lusa na passada temporada e as excelentes indicações fornecidas no Torneio Aberto do passado domingo, aguarda-se bom espectáculo e equilíbrio entre as forças em presença. Esta nossa convicção finca-se, também, no facto de, em encontros da categoria de iniciados, não se verificar muita diferença entre as equipas britânicas e portuguesas.

Na próxima quinta-feira (dia 18), os estudantes ingleses jogarão com a equipa de S. Miguel, repetindo o jogo com Direito às 12 horas de sábado (dia 20), sendo posteriormente recebidos na sede do GDD. As recepções que o GD Direito oferece à comitiva inglesa tem o patrocínio da Central de Cervejas e as entradas no Estádio Universitário são livres.

INATEL

INSTITUTO NACIONAL PARA APROVEITAMENTO DOS TEMPOS LIVRES DOS TRABALHADORES

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE EQUIPAMENTO E APLICAÇÕES INFORMÁTICAS

ANÚNCIO

- 1.º — Encontra-se aberto, pelo INATEL — Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores, com sede na Calçada de Santana, 180, em Lisboa, concurso público para o fornecimento de equipamento e aplicações informáticas para a «Gestão das Actividades Socioeconómicas e Delegações» sob as modalidades de compra, aluguer ou mista, a adoptar no momento da adjudicação.
- 2.º — O caderno de encargos encontra-se à disposição dos interessados na sede do INATEL, a partir da data da publicação do anúncio no «Diário da República».
- 3.º — Os concorrentes terão de prestar uma caução provisória na importância correspondente a 2,5% do valor da proposta (valor de compra), nos termos e condições que constam do caderno de encargos.
- 4.º — As propostas deverão ser entregues na sede do INATEL, até às 17 horas do vigésimo primeiro dia após a publicação do anúncio.
- 5.º — O acto público do concurso terá lugar na sede do INATEL, às 10 horas do primeiro dia útil imediato ao do termo do prazo para entrega das propostas.

Lisboa, 90.10.10

INSTITUTO NACIONAL PARA APROVEITAMENTO DOS TEMPOS LIVRES DOS TRABALHADORES

O Presidente da Direcção
Luís Paulo Garcez Palha

JLL *jornal de letras, artes e ideias*

Ano X - 437 - De 16 a 22 de Outubro de 1990 - 125500 - Semanário - Director: José Carlos de Vasconcelos - Editor: Luís Almeida Martins

ESTA SEMANA NÃO PERCA

NOVO HETERONÍMIO DE ALVARO DE ALMEIDA

A ARCA DO DEBASSOS

INTELECTO DE BERNARDO SOUSA E ALVARO DE ALMEIDA
IN TEXTO DE SÉRGIO SOUSA E ALVARO DE ALMEIDA

NOBEL CELEBRA PAZ

IN TEXTOS DE A. RAMOS ROSA, DAVID RODRIGUES-FERRERIA, F. ASSIS PACHECO E J. J. LETRUA

PÁGS. 4/6

MANOEL DE OLIVEIRA

NON E SIM

IN AS OPINIÕES DE JOÃO ANTUNES, JOSÉ DE MATOS-CRISTÓ, JOSÉ VAZ PEREIRA, PEDRO LARANJA ROSADO E SALVATO TELES DE MENEZES

PÁGS. 22 E 23

FEIRA DE FRANKFURT

A OESTE NADA DE NOVO

IN TEXTO DE FRANCISCO JOSÉ VIEGAS

PÁGS. 10/17

Concurso DN "Portugal por sua conta"



Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

Participe no novo concurso do Diário de Notícias: «Portugal por Sua Conta».
Descubra Portugal de Norte a Sul. E diga-nos em que sítio foi tirada a fotografia que publicamos diariamente.
Se não souber... faça de conta.

Todas as semanas, ganhe contas poupança, do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, de centenas de contos.

- 1.º PRÉMIO: 750 000\$00 + 250 000\$00 (se tiver menos de 28 anos).
- 2.º PRÉMIO: 500 000\$00

DE 8 DE OUTUBRO A 17 DE DEZEMBRO

desarmar até final d

acordo START ano», disse Ba-
nhado de Che-
saída da missão
ONU. Por seu
nistro dos Negó-
geiros soviético
ue tinham sido
«importantes pro-
m grande número
es complexas». A
a venda de mísseis
os Trident à Grã-
Bretanha foi uma das áreas
onde as duas superpotências
chegaram a acordo, segundo
chegaram a acordo, segundo
indicou James Baker. A
União Soviética exigiu que
essas armas fossem incluídas
na redução que atingirá cerca
de 30 a 35 por cento dos arse-
nais nucleares estratégicos.
Por outro lado, Eduard Chir-
vardnadze mostrou-se cor-
victo de que o tratado sobre
redução de armamentos co-

AGENDA

I Série N.º 239
Dia 16 de Outubro

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros e Ministério das Finanças

Despacho Normativo n.º 122/90:

Cria no quadro da Direcção-Geral da Acção Cultural um lugar de assessor principal.

Gabinete do Ministro da República para a Região Autónoma dos Açores e Ministérios do Planeamento e da Administração do Território e da Educação

Portaria n.º 1055/90:

Aprova o quadro de pessoal da carreira de investigação científica da Universidade dos Açores.

Ministérios das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

Despacho Normativo n.º 123/90:

Cria no quadro de pessoal da Direcção-Geral das Florestas um lugar de assessor principal da carreira de técnico superior.

Despacho Normativo n.º 124/90:

Cria no quadro de pessoal da Direcção-Geral das Florestas um lugar de assessor principal da carreira de técnico superior.

Ministérios das Finanças e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 1056/90:

Altera o quadro de pessoal da Direcção-Geral da Navegação e dos Transportes Marítimos.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:

Torna público terem o Panamá e Omã aceite as emendas de 1986 introduzidas nos artigos 24.º e 25.º da Constituição da Organização Mundial de Saúde, assinada em Nova Iorque em 22 de Julho de 1946.

Ministério da Educação

Portaria n.º 1057/90:

Aprova os modelos de carta de curso do grau de licenciado em ensino e de diploma do diploma de estudos superiores especializados do Instituto Politécnico da Guarda.

Portaria n.º 1058/90:

Dá nova redacção ao n.º 3 da Portaria n.º 464/89, de 23 de Junho, que autoriza a Universidade Aberta a conferir o grau de licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de Estudos Portugueses e Franceses, ministrando o respectivo curso. Revoga o n.º 3-A da Portaria n.º 464/89, de 23 de Junho.

Portaria n.º 1059/90:

Autoriza o funcionamento do curso de Gestão, que obteve reconhecimento dos efeitos correspondentes ao grau de licenciatura do ensino público através da Portaria n.º 772/89, de 6 de Setembro, nas instalações que a Universidade Internacional possui em Chaves.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto n.º 43/90:

Extingue a servidão militar aeronáutica da Marateca.

Região Autónoma dos Açores

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 33/90/A:

Altera vários artigos do Decreto Regulamentar Regional n.º 11/79/A, de 2 de Maio, sobre o Instituto Regional de Apoio ao Sector Cooperativo (IRASC).

Assembleia Legislativa Regional

Resolução da Assembleia Legislativa Regional n.º 7/90/A:
Aprova a Conta da Região relativa ao ano de 1988.

Tribunal de Contas

Resolução do Tribunal de Contas n.º 5/TC-I/90:

Aprova as instruções relativas à apresentação das contas das Administrações dos Portos de Lisboa e do Douro e Leixões — gerência de 1988 e 1989.

CONTINENTE

Céu muito nublado. Vento moderado a forte de Sul soprando com rajadas muito fortes a partir da manhã. Períodos de chuva por vezes intensa, especialmente a partir da tarde nas regiões do litoral Oeste. Trovoadas. Mar cavado a grosso com ondulação noroeste de 4 metros tornando-se Oeste de 4 a 5 metros na Costa Ocidental e cavado com ondulação Sudoeste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

Amanhã

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado forte de Sul, tornando-se moderado de Oeste a partir da tarde. Aguaceiros.

Depois de amanhã

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco ou moderado de Noroeste. Pequena descida da temperatura mínima.

MADEIRA

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Oeste, por vezes com rajadas. Períodos de chuva fraca. Mar cavado com ondulação noroeste de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco. Períodos de chuva fraca.

Amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco.

Depois de amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Nordeste.

AÇORES

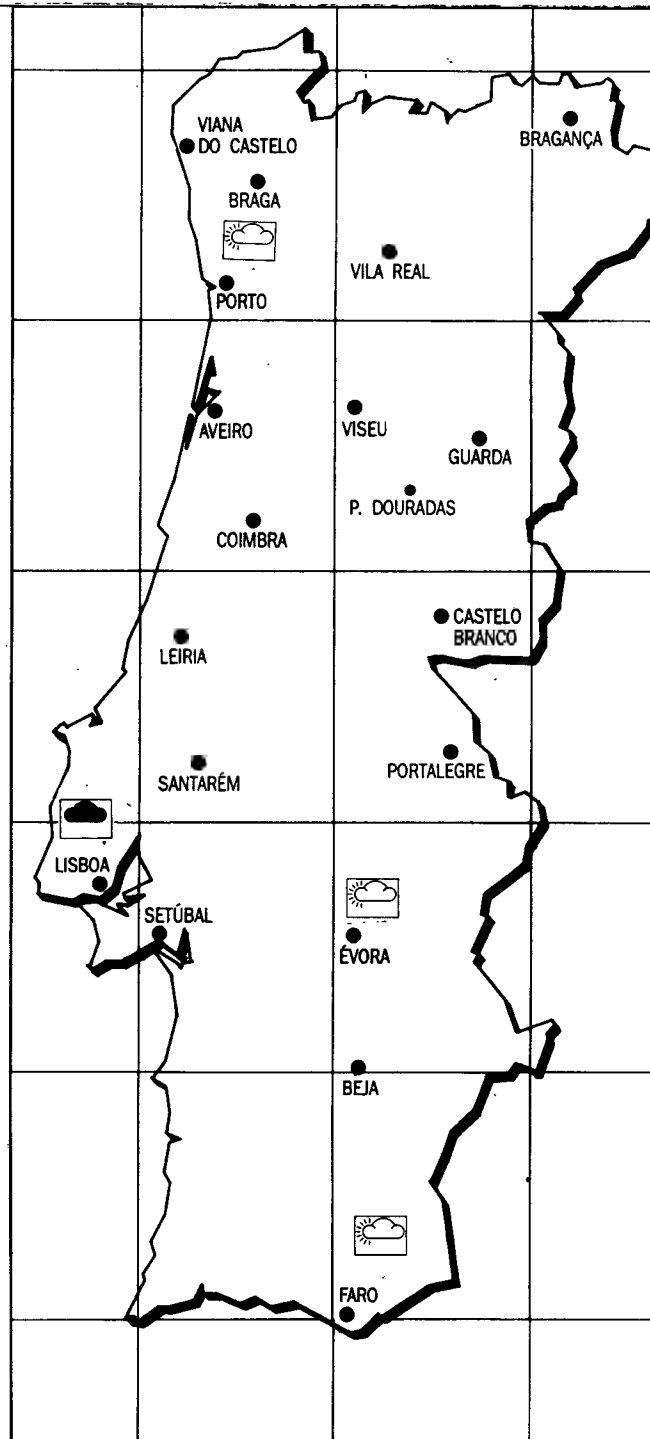
Grupos Ocidental e Central: Céu geralmente muito nublado. vento moderado de Noroeste por vezes com rajadas, rodando para Oeste. Aguaceiros fracos. Mar cavado com ondulação noroeste de 3 a 4 metros.

Grupo Oriental: Céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Noroeste por vezes com rajadas, rodando para Oeste. Períodos de chuva. Mar cavado com ondulação noroeste de 2 a 3 metros.

Amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Oeste. Aguaceiros fracos.

O ESTADO DO TEMPO

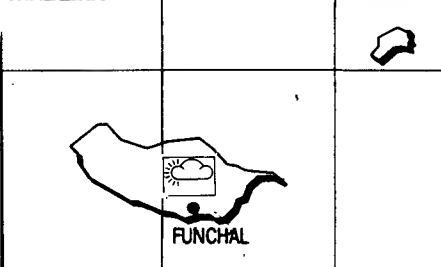


	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança.....	7	8	Encoberto
V. Castelo.....	14	18	Encoberto
Vila Real.....	9	11	Encoberto
Porto.....	14	17	Chuva
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	14	15	Aguaceiros
C. Carvoeiro.....	16	17	Aguaceiros
C. Branco.....	10	13	M. nub.
Portalegre.....	11	11	Encoberto
Lisboa.....	16	16	Chuva
Évora.....	12	15	M. nub.
Beja.....	14	14	P. nub.
Sines.....	16	18	M. nub.
Faro.....	18	18	P. nub.
Sagres.....	19	19	M. nub.
P. Delgada.....	15	16	P. nub.
Horta.....	16	17	P. nub.
Funchal.....	19	19	Aguaceiros

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid.....	8	8	M. nub.
Londres.....	13	13	P. nub.
Paris.....	12	12	M. nub.
Bruxelas.....	14	14	M. nub.
Amsterdão.....	14	14	M. nub.
Genebra.....	14	14	P. nub.
Roma.....	15	17	Nebulosa
Oslo.....	12	13	Nebulosa
Copenhaga.....	13	13	Nebulosa
Estocolmo.....	9	10	Nebulosa
Berlim.....	11	11	P. nub.
Viena.....	10	10	Limpo
Varsóvia.....	8	9	Nebulosa
Atenas.....	14	17	P. nub.
Moscovo.....	3	6	Nebulosa

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Buenos Aires.....	12	21	Limpo
Caracas.....	18	30	Nublado
Hong Kong.....	25	27	Limpo
Johannesburgo.....	14	20	Nublado
Los Angeles.....	18	25	Nublado
México.....	-	-	-
Nova Deli.....	19	32	Nublado
Nova Iorque.....	12	27	Limpo
Rio de Janeiro.....	22	33	Nublado
São Francisco.....	12	21	Limpo
São Paulo.....	18	31	Chuva
Tóquio.....	20	24	Chuva

MADEIRA



AÇORES



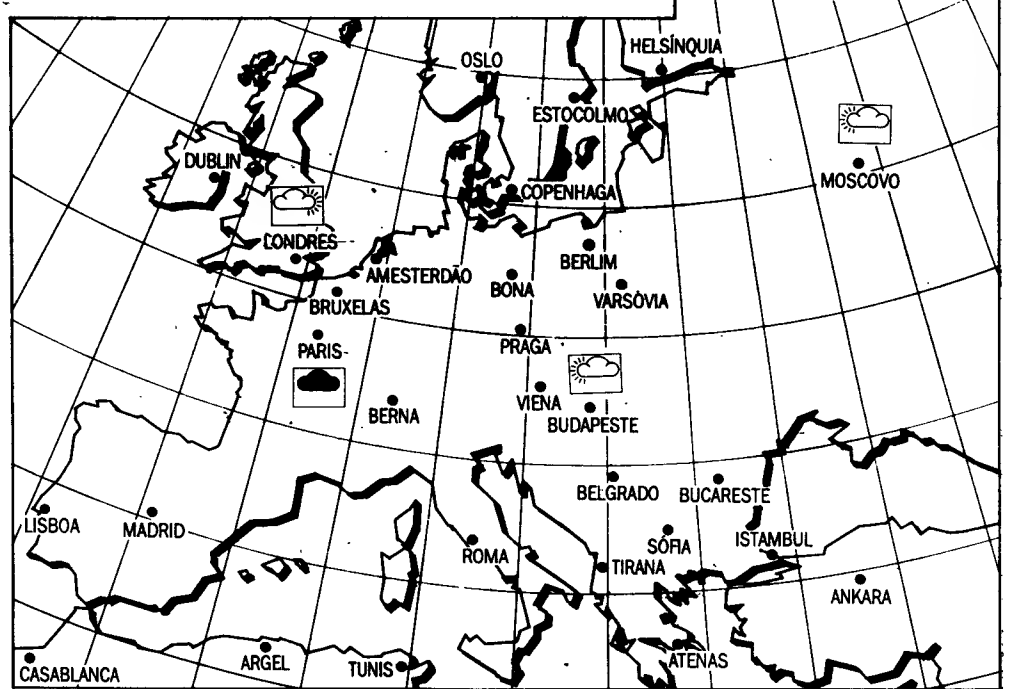
	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoada
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
01.19 3,5m	07.03 0,9m
13.35 3,8m	19.29 0,8m

Amanhã

01.56 3,6m	07.37 0,8m
14.13 3,8m	19.58 0,8m



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Alameda - Chile: Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A, Tel. 521269; Areeiro - Praça Londres: João XXI, Av. João XXI, 16-A, Tel. 886462; Baixa: Cortez, Rua São Nicolau, 93, Tel. 325378; Boa-Hora: Sepol, Calçada Boa Hora, 94-A, Tel. 3631958; Chafariz Dentro: Cruz de Malta, Largo Chafariz Dentro, 36, Tel. 866126; Entre Sete Rios - 2.ª Circular: Da Luz, Estrada da Luz, 124-A, Tel. 7263139; Estrela: Gama, Calçada da Estrela, 130, Tel. 3960339; Feira Popular: Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A, Tel. 763016; Olivais Sul: Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43, Tel. 310026; Rato - Príncipe Real: Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; Xabregas - Madre Deus: Conceição, Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 381279; Telheiras Sul - Quinta S. Vicente: Quejas, Rua Prof. Francisco Gentil, 36-A, Tel. 7584144; Buraca - Amadora: Vaz Martins, Praceta António Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; Carnaxide: H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; Moscavide: Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; Odivelas - Quinta do Mendes: Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, Lote 110, Tel. 9324242; Pontinha: Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Alcântara: Probidade, Rua Alcântara, 15 A-B, Tel. 3638589; Almirante Gago

Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; Alvalade - Estados Unidos: Rio Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C, Tel. 881409; Baixa: Du-rão, Rua Garret, 90, Tel. 3476185; Benfica: União, Estrada Benfica, 592-594, Tel. 700092; Campo de Ourique: Elma, R. D. Maria Pia, 358-A, Tel. 686176; Intendente: Intendente, Largo Intendente Pina Manique, 50-51, Tel. 547838; Marquês Fronteira: Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Pampulha - Janelas Verdes: Nazário Pinto, Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 3967460; Picheleira: Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; Saldanha: Dalva, Av. Duque D'Ávila, 125, Tel. 545225; Colina Sol - Brandoa - Amadora: Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; Olival Basto: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Cabrita, P. Miraflores, Lote 12, Tel. 4101486. Permanente; Linda-a-Velha: Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; Tires: Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; Alcáideche: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; Porto Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015.

Até às 22 h; Carcavelos: Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; Malveira da Serra: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Oeiras: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10, Tel. 4430691. Permanente; Parede: Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 6, n.º 6-B, Tel. 2464825. Permanente; S. João do Estoril: Das Areias, Urb. Areias. Até às 22 h; Sassoeiros: Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; Birre: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2851212; Madorna: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Amoreira: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; Cascais: Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 2801705. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

Amadora: Melo, P. D. João I, 9-B, Tel. 4932756. Permanente; Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A, Tel. 4932210. Até às 22 h; Queluz: Gil, Av. Miguel Bombarda, 28, Tel. 4350117. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; Cacém: Rico, L. Adriano S. Gil (Aguilva), Tel. 4312833. Permanente; Mem Martins: Químia, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h;

Mercês: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; Rinchoa: Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; Sintra: Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9230456. Permanente; Colares: Abreja, Tel. 9290088; Loures: Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Permanente.

OUTRA
BANDA

Almada: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A, Tel. 2750076. Permanente; Cova da Piedade: Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337. Permanente; Monte de Caparica: Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; Costa de Caparica: Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; Laranjeiro: Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; Lavradio: J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; Sesimbra: Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; Barreiro: Ferreira & Pilar, Av. República, 1, Tel. 2072023. Permanente; Baixa da Banheira: Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; Corroios: Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; Amora: Nova Amorense, EN 10 - Bloco A - Loja A - Paivas, Tel. 2216824. Permanente; Arrentela: Ana Branco, Quinta Murtinheira, Tel. 2215590. Até às 22 h; Montijo: Moderna, R. Bulhão Pato, 60, Tel. 2310156. Até às 22 h; Moita: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga, Tel. 2390025. Até às 19 h; Alhos Vedros: Gusmão, R. Cândido Reis, 30, Tel. 2040020. Até às 19 h; Alcochete: Gameiro, L. Ant.º Santos Jorge, 15, Tel. 2340100. Até às 19 h.

HÁ 20 ANOS

Emergência
no Canadá

O informador do Gabinete do Primeiro-Ministro do Canadá, Pierre Elliot Trudeau, anunciou hoje de manhã, numa conferência de imprensa, realizada no Parlamento de Ottawa, a proclamação do estado de emergência em conformidade com a lei de 1952 sobre as medidas da guerra. Esta lei entrou em vigor às 4 da manhã locais (9 horas de Lisboa). Foram suspensas todas as liberdades civis no país e dados à Polícia poderes extraordinários de detenção, em face da deterioração da «crise dos raptos».

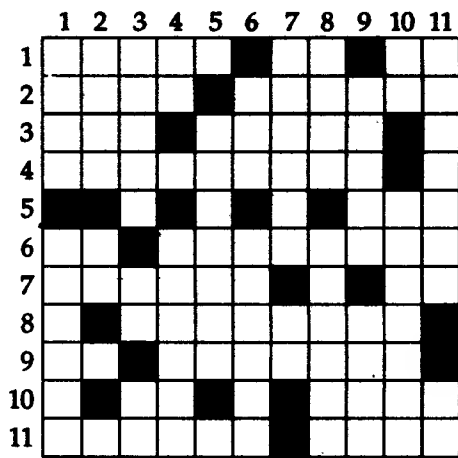
Josephine Baker: uma
ilha para os seus filhos

Josephine Baker, desapossada há dois anos do seu castelo de Milandes, em que vivia com os seus numerosos filhos adoptivos, projecta comprar uma ilha ao largo de Ischia. (...) Se conseguir obter a ilha, fundará nela uma comunidade de 400 petizes, vindos de todas as partes do mundo.

Brasil: prisões
de sacerdotes

A comissão da conferência nacional do episcopado brasileiro iniciou ontem uma reunião de dois dias para discutir o agravamento das relações entre a Igreja e o Estado e elaborar um relatório destinado ao Presidente Emilio Garrastazu Médici, sobre as prisões de sacerdotes.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 18 024

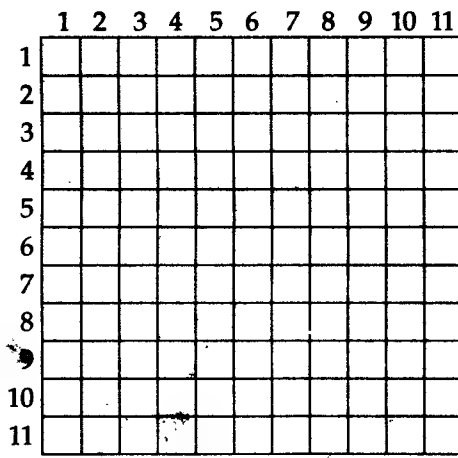
HORIZONTAIS:

- 1 - Mais cedo. Post scriptum.
- 2 - Cidade da Índia nas margens do Falgu. Cidade do Japão.
- 3 - Alcool de melão. Classes.
- 4 - Guarnecêsemos de asas.
- 5 - Saia frequentemente à rua (inv.).
- 6 - Verso (abrev.). Delicada.
- 7 - Óbolo. Campeão.
- 8 - Rapariguas (prov.).
- 9 - Medida japonesa igual a dois decilitros. Ratazanais.
- 10 - Rénio (s.q.). Pernadas de sobreiro.
- 11 - Ter raiva. Total.

VERTICAIS:

- 1 - Cidade da Índia. Torcer.
- 2 - Embarcações grandes. Ósmio (s.q.).
- 3 - Leme (fig.). Mil e cem em romano. Rubídio (s.q.).
- 4 - Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Correr com grande velocidade.
- 5 - Ataca.
- 6 - Pronome relativo. Quebrar.
- 7 - Bofe (pop.). Preposição e artigo.
- 8 - A Tailândia. Destroços.
- 9 - Endurecido.
- 10 - Ilha do Pequeno Belt.
- 11 - Átomo. Empregassem.

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora em segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 834

HORIZONTAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Sabugal. Antiga medida de capacidade.
- 2 - Uma das partes do Mundo. Arrostando.
- 3 - Domestico. Distinção.
- 4 - Recrutarei.
- 5 - Ave brasileira, semelhante ao zabelé. Guarnecera de arames.
- 6 - Sufixo que designa estado. Acredita.
- 7 - Segundo mês sagrado dos Hebreus, que corresponde à Lua de Abril. Todos os corpos que existem no espaço.
- 8 - Cidade da Roménia. Vê. Rio de Itália.
- 9 - Queridas. Dar mios.
- 10 - Trituravas. Filtrara.
- 11 - Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Atravessar.

VERTICAIS:

- 1 - Cidade fortificada de Espanha. Patrão.
- 2 - Separaríamos.
- 3 - Macaco. Verbais.
- 4 - Extremidades dos braços. Nome de homem.
- 5 - Desequilibradas mentais.
- 6 - Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
- 7 - Ave trepadora. Tálho (s.q.). Aqui.
- 8 - Incineraremos.
- 9 - Ilha do estado da Baía. Seguias.
- 10 - Nome de homem. Apagara.
- 11 - Em partes iguais. Calote. Rezar.

SOLUÇÃO DO
PROBLEMA N.º 18 023

HORIZONTAIS: 1 - O. AMOR. PEDE. 2 - Ama. Aaro. 3 - Cás. Fim. Nas. 4 - Ur. Revir. Na. 5 - Moa. Azedai. 6 - Ao. Uf. Acolá. 7 - Rb. Aude. 8 - SE. Arreios. 9 - Amon. Oras. 10 - Baga. Ad. Ama. 11 - Ata. Usarias.

SOLUÇÃO DO
PROBLEMA N.º 16 833

HORIZONTAIS: 1 - Mealhada. Am. 2 - Imo. Unelos. 3 - Reais. Ios. 4 - Aro. Malta. 5 - Gostarem. 6 - Al. Em. 7 - Cabaços. 8 - An. Catraias. 9 - Arear. S6. 10 - Idoso. Vazia. 11 - Rosas. Au. SS.

PROVÉRBIO:
O AMOR PEDE;
A AMIZADE DA.

EFEMÉRIDES

- 1690
- O benfeitor português São João de Deus, fundador da Ordem Hospitalera com o seu nome, é canonizado.
- 1940
- Os EUA proíbem o envio de aço e ferro para o Japão, no decurso da Segunda Guerra Mundial.
- 1970
- Anwar Sadat ascende à presidência do Egipto, sucedendo a Nasser.
- 1982
- Os EUA ameaçam suspender os pagamentos às Nações Unidas e retirar-se da respectiva assembleia geral, caso seja votada a expulsão de Israel.
- 1985
- São conhecidos os votos da emigração para a eleição da nova Assembleia da República, ficando o PSD com 88 deputados, o PS com 57, o PRD com 45, o PCP com 35, o CDS com 22 e o MDP com 3.
- 1986
- Os restos mortais do escritor Fernando Pessoa são trasladados para os claustros do Mosteiro dos Jerónimos.
- 1988
- O Prémio Nobel da Economia é atribuído ao norte-americano James McGill Buchanan e o da Literatura ao nigeriano Wolf Soyinka.
- 1989
- Morre Emídio Santana, 82 anos, director do jornal «A Batalha».
 - Um comité da conferência internacional sobre o comércio de espécies em perigo determina a proibição total do comércio internacional do marfim, carne e pele de elefante, a fim de evitar a sua extinção.
 - Morre o actor norte-americano Cornel Wilde, 74 anos, um dos veteranos de Hollywood.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
UM SONHO DE MULHER
Filme de Gary Marshall
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

ASSALTO AO AEROPORTO
Filme de Renny Arlin
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

AIR AMERICA
Filme de Roger Spottiswoode
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

DICK TRACY
Filme de Warren Beatty
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

MO' BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
Filme de Spike Lee
M/16 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
DIAS DE TEMPESTADE
Filme de Tony Scott
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

AIR AMERICA
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

MO' BETTER BLUES - QUANTO MAIS MELHOR
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6

DICK TRACY
M/12 anos - As 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7

DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - As 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - As 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 15.15, 18.00 e 21.30

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194

A ORDEM DA ÁGUIA
Filme de William Zipp
M/12 anos - As 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
JUSTIÇA IMPLACÁVEL
Filme de Michael Pare
M/12 anos - As 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANISHA

T. 9434762
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - As 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

DESAFO TOTAL
M/12 anos - As 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
GAROTA ATREVIDA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - As 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA
PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO MICHAEL POWELL, às 18.30
UM CASO DE VIDA OU DE MORTE
OS SAPATOS VERMELHOS
Com Anton Walbrook, às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
Filme de Joe Dante
M/12 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

DICK TRACY
M/12 anos - As 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - As 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
NON OU A VÁ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - As 13.30, 15.30,
17.30, 19.45 e 22.00

AUDITÓRIO 2
SWEETIE
Filme de Jane Campion
M/12 - As 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
A CIGANA
Filme de Philippe de Broca
M/12 anos - As 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
NON OU A VÁ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - As 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 2

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - As 14.00, 16.00,



«Non ou a Vá Glória de Mandar», de Manoel de Oliveira

18.00, 20.00 e 21.30

KING TRIPLEX 3

A VINGANÇA
Filme de Tony Scott
M/16 anos - As 14.30, 16.45,
19.30 e 21.30

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - As 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

DICK TRACY
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NINAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
AIR AMERICA
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
A VINGANÇA
M/16 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLÍMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
LIGAÇÕES AMOROSAS
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - As 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2

UM SONHO DE MULHER
M/12 - As 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão - T. 326305
O ÚLTIMO COMBATE DE BRUCE LEE
Filme de Robert Clouse
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
E A MORTE O NEGOU

Filme de Flora Gomes
M/12 anos - As 14.30, 16.30,
18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2

AMIGO REENCONTRADO
Filme de Jerry Schatzberg
M/12 anos - As 16.30, 19.00,
21.45 e 24.00

QUARTETO 3

DICK TRACY
M/12 anos - As 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - As 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.15

SÃO JORGE 3

AIR AMERICA
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
NON OU A VÁ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - As 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TEATRO S. LUZ

R. António M.ª Cardoso - T. 327172
CICLO - A FESTA DO CINEMA
CHUVA NEGRA
Filme de
ridley Scott, às 18.00

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
AIR AMERICA
M/12 anos - As 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723 A - T. 736660
JACKNIFE
M/16 anos - As 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telef. 2752127

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 15.30 e 21.30

COSTA
DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905011

Sala 1
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - As 15.45 e 21.30

Sala 2
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - As 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
NON OU A VÁ GLÓRIA DE MANDAR
M/12 anos - As 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 15.30 e 21.30

CASCAIS
MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841769
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 anos - As 15.15 e 21.15

Sala 2
AIR AMERICA
M/12 anos - As 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
ASSALTO AO AEROPORTO
M/12 - As 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144
Sala 1
AIR AMERICA
M/12 anos - As 15.15 e 21.30

Sala 2
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - As 15.15 e 21.45

Sala 2
JOE CONTRA O VULCÃO
M/16 anos - As 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BAGLÓRIA

Centro Comercial Babilónia

T. 4934871
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570
DICK TRACY
M/12 anos - As 15.00 e 21.30

DUELIZ
KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - As 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
DIAS DE TEMPESTADE
M/12 anos - As 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
A VINGANÇA
M/12 anos - As 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA
CAPITÓLIO

Parque Mayer - T. 3466783
De 3ª a Sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. e Feriados às 16.00 e 21.30
AI CAVAQUINHO

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco Bória, 25 - T. 607299
Sáb. às 15.30 e 17.00
Dom. às 15.30
A MENINA DO MAR
De Sophia de Mello Bragança

CENTRO COMERCIAL
DAS AMOREIRAS

Galeria 2062
Todos os dias às 19.00 (entrada livre)
VINCENT
De Leonard Nimoy, com encenação e
adaptação de António Feio,
interpretado por Virgílio Castelo

CHAPTÔ

R. Costa do Castelo, 7 - T. 861410
De 3ª a Dom. às 21.30
O PAPÁ NÃO ESTAVA LÁ
De Fernando Gomes

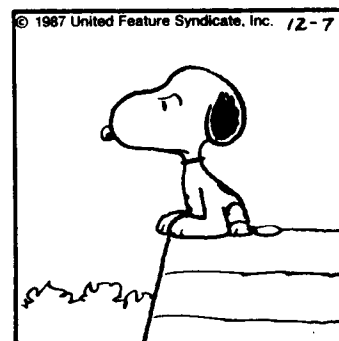
COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy
CAFÉ TEATRO
Sexta e Sáb. às 24.00
PISCATÓRIA
De António Carvalho

GRUPO DRAMÁTICO
RANERO JOSÉ

Trav. Henriques Cardoso, 107 - T. 773856
Aos Domingos às 21.00
MATCHES DE IMPROVISACÃO E
ASSALTOS DE MÁSCARAS</

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 16.10 - PONTO POR PONTO
16.50 - O MUNDO
Um documentário sobre a evolução política da Grécia em cidades-estados, bem como a colonização grega da Ásia Menor, onde se verificou a luta contra o império persa.
17.15 - BRINCA BRINCANDO
Segredos de Mimix: «Super Rato», «Touni e Littel», «Beulebeue», «Ola Kitty» e «Caderno Diário».
18.20 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
(22ª Sessão)
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - RODA DE FOGO
82º Episódio
21.10 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.20 - MODELO E DETECTIVE
5º Episódio: quase refeitos pela perda do bebé, o alegre e informal David Addison e a sua detective-modelo, a gélida e «glamourosa» Maddie Hayes, estão cada vez mais empenhados na sua relação profissional,



No 2º canal às 18.30, o 15º episódio da série «A Irmã Kate»



«Allô, Allô», no 1º canal às 23.20

- apesar das peculiares «brigas» e daqueles diálogos em que nenhum escuta o outro.
22.20 - PRIMEIRA PÁGINA
23.20 - ALLÔ, ALLÔ
5º Episódio
23.50 - 24 HORAS
00.20 - O TEMPO
00.25 - REMATE

RTP-2

- 14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - VIAJANDO PELO MUNDO
5º Episódio
16.45 - RECREIO 2
«Crystal Tipps e Allistair» e «Lucas e Filho»
17.30 - ETERNO FEMININO
22º Episódio: para além da habitual rubrica de «bricolage», Teresa Guilherma propõe para hoje a questão «o que pensa dos carecas», que terá resposta das pessoas com cabelos compridos e grandes bigodes, que, a par de Pedro Santos e de um médico especialista em calvície, são os convidados deste magazine.
18.30 - A IRMÃ KATE
15º Episódio
18.55 - TI-TI-TI
42º Episódio
19.25 - CIRCO
19.40 - VIA RÁPIDA

- 19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»: um atirador, disfarçado com uma farda de coronel da Força Aérea, assassina uma bonita jovem. Mike Stone e Steve Keller vão investigar este caso na Base Aérea de Hamilton.
20.45 - DICK TRACY
22º Episódio
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.55 - CINEMADOIS
«O Amante Magnífico» (L'Amant Magnifique) França (1986): Aline Issermann a realizadora e co-argumentista desta envolvente história de amor foi jornalista, operária numa exploração agrícola e desenhadora antes de assinar uma série de curtas metragens e passar definitivamente à realização. Este seu segundo trabalho de fundo, que foi curiosamente rodado em Portugal, parte de uma história simples, linear quase banal que se debruça sobre o caso de amor entre uma mulher e um homem tendo como pano de fundo uma coude-laria.
Intérpretes: Isabel Otero, Hippolyte Girardot, Robin Renucci, Didier Agostini, Daniel Jegou, Corinne Cosson, Michel Fortin, Ana Azevedo, Patrick Perez e Anne Marbeau-Laborey.
Duração: 96 minutos.
23.35 - UNIVERSIDADE ABERTA

AMANHÃ RTP-1

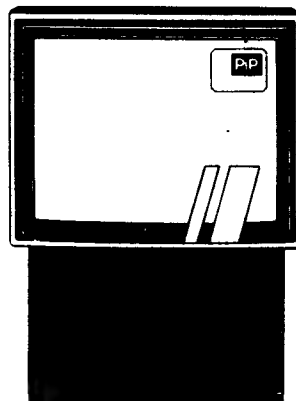
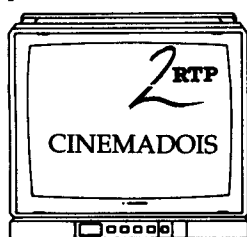
- 09.01 - BOM DIA
10.00 - RUA SÉSAMO
10.30 - PONTO DE ENCONTRO
11.45 - CULINÁRIA
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.25 - BOLSA DIA A DIA
13.27 - O TEMPO
13.30 - SEM LEGENDAS
14.20 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
14.25 - PRIMEIRA MATINÉE
«O Charlatão»
16.10 - PONTO POR PONTO
16.50 - O CORPO HUMANO
17.15 - BRINCA BRINCANDO
18.15 - RUA SÉSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - A RODA DA SORTE
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - RODA DE FOGO
21.10 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.25 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.35 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Nova Iorque-Fora de Horas»
23.30 - 24 HORAS
00.05 - O TEMPO
00.10 - REMATE

RTP-2

- 12.02 - OS CENTURIÕES
12.25 - FILHOS E FILHAS
12.50 - LIVROS JOVENS
13.05 - UM LAR PARA OS ANIMAIS
14.00 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - MADEIRA - CÁ ENTRE NÓS
16.50 - BRINCA BRINCANDO
17.30 - O ETERNO FEMININO
18.30 - AS TRÊS DAMAS DO QUIOSQUE
19.00 - TI-TI-TI
19.25 - CIRCO
19.40 - VIA RÁPIDA
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - JOAQUIM LETRIA
23.35 - XINGU
00.15 - O TEMPO

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

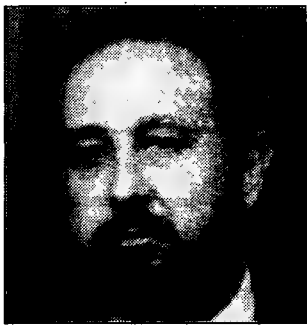




«Não tenho queixas do primeiro-ministro nem reclamações a fazer»

Mário Soares em conferência de imprensa, 15.10.90

A PERGUNTA DO DIA



Rui Godinho
vereador da Câmara
Municipal de Lisboa

As inundações que se registaram no passado sábado em Lisboa não se deverão, em boa parte, ao facto de os sumidouros se encontrarem cheios de lixo?

«A quantidade de precipitação caída no passado sábado em Lisboa (42 lts./m²) constitui um valor pouco comum, mas inferior a Novembro de 1967 (100 lts./m²) e a Fevereiro de 1983 (89 lts./m²). Refiro, no entanto, que as primeiras chuvas arrastam sempre mais sedimentos que as seguintes. Registaram-se, contudo, no passado sábado, situações de inundações em alguns pontos da cidade, que ficaram a dever-se ao arrastamento de terras e outros detritos que entupiram alguns sumidouros. Nenhuma destas inundações foi resultado de entupimento anterior ou mau funcionamento dos sistemas de escoamento existentes, todos eles a funcionar normalmente como consequência do programa de limpeza e desentupimento sistemáticos que a CML desenvolve desde finais de Agosto, como prevenção das consequências das primeiras chuvas. Gostaria ainda de referir que situações críticas da cidade neste domínio constituem preocupação da CML, estando neste momento em curso ou adjudicadas obras de remodelação de sistemas de escoamento de águas pluviais em Alcântara, na Junqueira, no Arco do Carvalhão, e irão ser lançadas num futuro próximo obras idênticas nas Portas de Sto. Antão e na Praça de Espanha.»

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

Entrevista
com Miguel Trovoada

A selecção
de futebol
no Porto
à procura de Norte

ENTREVISTA

No dia 16 de Outubro de 1936, D. Manuel Bramão criou a primeira escola portuguesa de pilotos da aviação civil. A II Guerra Mundial, iniciada poucos anos depois, foi responsável pelo seu fim, mas a semente estava lançada

«É sempre agradável voar por cima do mundo»

D.L. - Como surgiu o seu gosto pela aviação?

M.B. - Eu fiz sempre muito desporto e, daí, surgiu-me naturalmente o desejo de voar. Tirei o meu *brevet* de piloto e, nessa altura, pensei que era necessário fazer alguma coisa para desenvolver a aviação civil porque, nos outros países, este ramo estava em grande crescimento e nós estávamos a ficar para trás.

D.L. - Foi então que surgiu a ideia de criar uma escola de pilotos...

M.B. - É verdade, faz hoje precisamente 54 anos.

D.L. - Foi difícil?

M.B. - Fazer uma coisa nova traz sempre problemas, mas resolveram-se. Tive um instrutor muito bom, o general Costa Macedo, e depois na escola segui exactamente o mesmo sistema de instrução que tinha recebido. É claro que teve que se fazer uma série de combinações, teve que se pedir autorização ao Estado, mas conseguiu-se tudo.

D.L. - De onde viam os aviões?

M.B. - Vieram da América. Eram dois aviões que não eram conhecidos cá em Portugal e que mandei vir da América.

D.L. - A adesão foi grande?

M.B. - Sim, houve logo muita gente. A melhor juventude portuguesa da altura começou-se a entusiasmar e conseguimos formar mais de 200 pilotos. Pouco depois foi inaugurada a escola de pilotos milicianos e a Mocidade Portuguesa criou também um centro de aviação, onde muitos dos instrutores tinham sido formados pela minha escola.

D.L. - Que faziam as pessoas depois de tirarem os seus *brevets*?

M.B. - A aviação comercial estava a começar, a TAP surgiu pouco depois. Isso dá-me especial satisfação pois ajudei a criar uma nova carreira. Muitos dos rapazes formados pela escola seguiram a aviação civil.

D.L. - E a sua carreira pessoal?

M.B. - Bom, eu sou engenheiro agrónomo e essa foi sempre a minha profissão.

D.L. - Nessa altura, voar era uma grande aventura?

M.B. - Não. Era muito mais simples do que hoje.

D.L. - Mas não era também mais perigoso?

M.B. - Não. Os aviões eram muito pequenos, aterravam em qualquer lado e é sempre agradável a pessoa desligar-se deste mundo, voar por cima dele. Além disso, é um meio de transporte extraordinário. Eu, por exemplo, na minha primeira viagem aos Estados Unidos fui de barco e demorei oito dias.

D.L. - O que aconteceu à sua escola?

M.B. - Quando começou a II Guerra Mundial a escola continuou até o *stock* de peças que tinha para a manutenção dos aviões se esgotar porque a fábrica americana começou a produzir só para a guerra e eu fiquei sem possibilidade de adquirir mais peças. Entretanto, fui para os Estados Unidos em missão do Ministério da Economia, com a responsabilidade do abastecimento de Portugal e da África portuguesa não só de produtos alimentares mas também de matérias-primas para a indústria. Mais tarde, fui para a embaixada portuguesa, como conselheiro comercial. Tinha tanto trabalho que me restava pouco tempo para os aviões, embora tenha continuado sempre a acompanhar os desenvolvimentos da aviação. No entanto, foi uma época interessantíssima.

D.L. - Ficou, então, totalmente desligado dos aviões?

M.B. - Não. Colaborei com as entidades oficiais na criação de novos or-

ganismos. Nessa altura, a entidade que dirigia a aviação civil era o Conselho Nacional do Ar, que era muito reduzido e necessitava de ser reorganizado para ficar em condições de acompanhar melhor o desenvolvimento da aviação. Eu fui, então, para os Estados Unidos estudar o desenvolvimento da aviação civil americana, que nessa altura era a mais completa, e quando vim fiz um relatório que esteve na base da criação do Secretariado da Aeronautica Civil.

D.L. - Quando começou, como é que as pessoas encaravam os aviões?

M.B. - Havia sempre uma certa curiosidade, e aquilo era tão simples e atraente que as pessoas acabavam por se entusiasmar muito. Nós fizemos uma grande campanha de divulgação pelo País todo, em que dávamos baptismos de vôo, e isso levou muita gente a procurar a escola e levou à criação de mais doze escolas e de vários aeródromos.

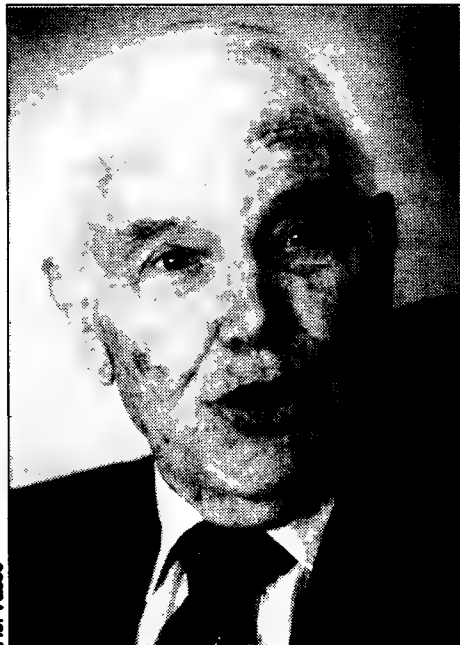
D.L. - O que pensa do acesso das mulheres à carreira de piloto?

M.B. - Acho muito bem porque não creio que exista algum atributo nos homens que os torne mais aptos para esta carreira. Já durante o tempo da guerra houve aviadoras muito famosas.

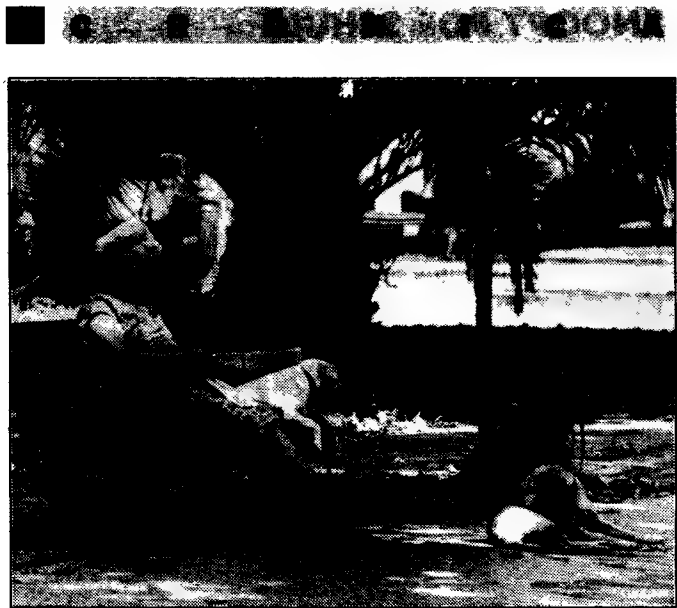
D.L. - O senhor, que acompanhou a aviação quase desde o seu nascimento, como olha hoje para os vai-vem espaciais?

M.B. - É uma coisa formidável. O desenvolvimento que a aviação tem tido num espaço de tempo tão curto é realmente espantoso. Hoje é tudo muito diferente do tempo em que comecei.

D. S.



Rui Vasco



Marés Vivas

É o tempo em que as varandas se abrem e deitam para a terra os restos de uma intimidade perversa. Alguns pássaros poisam ainda nos beirais e o rio corre empolgado entre os barcos.

Tudo acontece sob o último sol de Outubro, lembrando vestígios de outras épocas, talvez à luz das velas ou de campânulas de vidro, a ouvir histórias de avós velhas.

Todos trazemos uma memória particular do Outono. O mar que invade as casas, a chuva que se abate sobre uma aldeia, um vulcão que entra surpreendentemente em erupção ou ainda um encontro de rua, entre árvores, folheando um livro de alguém que habita longe, noutro país, de um poeta que sabemos vivo, fechado num quarto à procura das palavras.

Anda-se pela cidade, há homens que carregam montes de papel e mulheres que se escondem atrás das portas. Casas houve que caíram, outras que cheiram ainda a incêndios.

Tudo estremece quando passam os eléctricos e as paredes avinagradas deitam um fumo castanho que se enovela por cima dos telhados, afugentando os pombos.

Ouvem-se choros, por vezes gemidos não localizáveis, dois rapazes abraçados que se despedem da tropa e, mais ao fundo, junto ao cais, alguém que se ama atrás de um banco.

No Outono, os cães iniciam uma aventura irrepreensível, as folhas são varridas alimentando uma tradição de séculos, surgem as castanhas, os guarda-chuva. Um sopro de melancolia estende-se pelos cantos.

Pensa-se depois num amigo que se atirou para debaixo de um combóio ou se lançou a um rio atado a uma pedra. Ainda outro que desapareceu no deserto para sempre ou foi engolido pelas ondas.

Uma mulher idosa lê um jornal achado num jardim, procura qualquer coisa do passado, uma notícia que fale de França, de outro país qualquer com emigrantes.

Há um tumulto na cidade, uma euforia estranha persegue a rebentar. As antenas dos prédios permanecem imóveis, ameaçadas, um arco-íris negro ocupa o céu da cidade e as sirenes apitam na madrugada.

É o sinal de que há outras coisas neste mundo, não captáveis, mais fortes do que o Outono. São as marés vivas, um sopro que vem do centro da terra, um desespero maldito.

Rui Ferreira e Sousa

A.M.A. *Auto Monumental do Alentejo*

CONCESSIONÁRIOS  

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

Diário de Lisboa

Governo não apoia Marinha Mercante

Ao mesmo tempo que os diversos intervenientes discutem o papel futuro dos portos portugueses na economia nacional, à luz do mercado único e da concorrência internacional, a Marinha Mercante vem a terreno e acusa o Governo de ignorar as questões fundamentais, usando uma óptica enfiada, somente preocupada com as perspectivas de fiscalidade.

Para o Executivo o que conta é a cobrança das receitas, quando esta actividade, declaradamente de grande importância para o conjunto da economia nacional, atravessa uma fase crítica, a que a incapacidade de utilização do único «Ro-Ro» disponível - o «São Miguel», veio dar mais força.

A par da fuga de navios para «bandeiras de conveniência», como forma de escapar aos pesados encargos fiscais, há também a falta de perspectiva que permita responder à competitividade global, que só poderá vir a ser resolvida com a reestruturação das frotas e dos sistemas fiscais.

Pág. 3

Rosa Mota e Carlos Lopes são apontados pela analista Diana Smith como exemplos dos que em Portugal venceram porque conseguiram ultrapassar uma burocracia asfixiante, num País em que cada vez mais se anunciam medidas em vez de se as discutir nas instâncias próprias

Estado prejudica o País na corrida para 1993

Estado-mãe galinha, governo-pai tirano, sociedade-filha buliçosa, cidadãos divididos entre a obediência contrariada e a anárquica auto-afirmação, país à procura da sua identidade - eis os traços característicos do Portugal de hoje, identificados por Diana Smith naquele que é o primeiro relatório especial editado pelo *Camões Center* da Universidade de Columbia: "Portugal e o desafio de 1992".

A adesão portuguesa à CEE constitui o último desafio colocado a um país que teve um século XX muito "complicado"

e que está, e estará, a pagar uma factura expressiva, considera a ex-correspondente do *Financial Times* em Portugal.

A publicação, escrita de forma incisiva, analisa a coexistência conflituosa entre estruturas herdadas do Portugal autárquico e arcaico salazarista, estruturas derivadas do "25 de Abril" e estruturas oriundas da CEE e o correlativo processo dialéctico de estruturação/reestruturação/desestruturação social, económica, política, cultural e ideológica.

Torna-se, assim, implícito o tratamento

pela autora dos métodos e lógicas dos agentes representativos deste processo de destruição/construção estrutural.

Ajudar a identificar os obstáculos a um desejado desenvolvimento de Portugal é uma virtude do estudo de Diana Smith. A burocracia estatal, fonte de corrupção e castrante da iniciativa social, é o principal. Existem, porém, sinais de esperança: novas mentalidades, oportunidades e referências. Aguardemos o resultado do braço-de-ferro.

Centrais

Frutos secos dão o mote

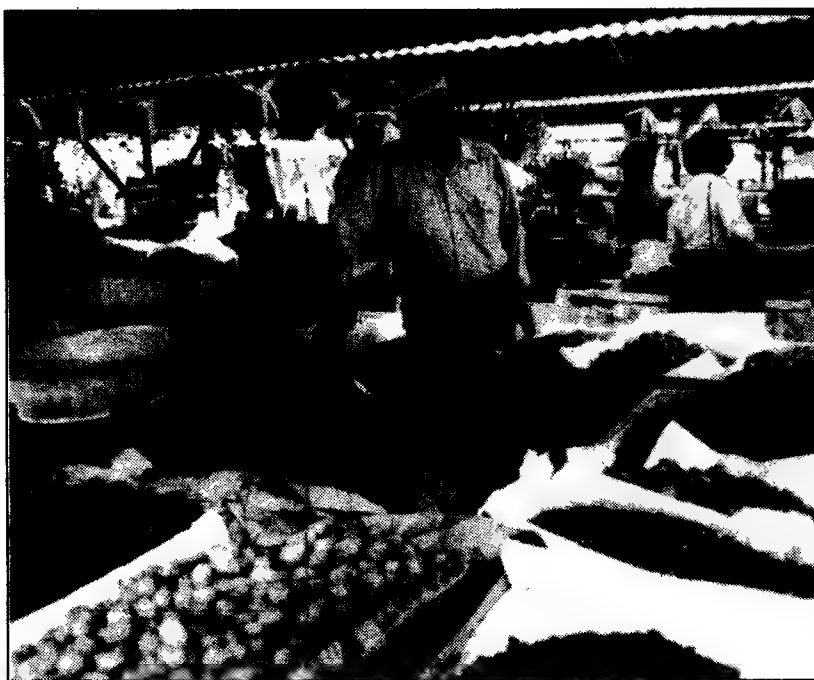
Agricultura do Oeste com futuro incerto

A Região de Torres Novas, conhecida pela zona do figo, vive momentos de incerteza quanto ao seu futuro agrícola. Há poucos produtores e escasseia a mão-de-obra. Os figos são de fraca qualidade se pensarmos na sua comercialização e exportação, apesar do excelente clima do concelho. Servem para transformar em álcool, mas mesmo assim o aparecimento dos melaços, mais baratos, fazem-lhes sombra.

Os engenheiros agrários, como disse ao «DL» Carlos Gomes, do Ifadap, acreditam no futuro do sector se «houver uma política de vistas largas» e a Câmara Municipal da cidade faz o que pode,

colocando, porém, a tónica na importância da indústria. Incentivos não são muitos e os que há são pouco conhecidos. Neste contexto, surgem os jovens agricultores da AJARN, Associação dos Jovens Agricultores da Região do Ribatejo-Norte, a dar uma última palavra: «Os problemas mais graves estão na ausência de emparcelamento e no crédito não bonificado». Todas estas questões se levantam, agora que se começa já a pensar na VI Feira Nacional dos Frutos Secos e Secados. Um empurrão está a ser dado pelo Projecto Piloto para a Reconversão do Figueiral da Região de Santarém.

Pág. 7



VI Feira Nacional dos Frutos Secos: uma feira que não sai do âmbito regional

O nuclear volta à ordem do dia

Os problemas do Golfo e a consequente subida do preço do petróleo vieram agitar de novo a necessidade ou não de se construírem centrais nucleares. Entre vantagens e desvantagens, não é fácil esquecer a tragédia de Tchernobyl e todos os perigos de uma alternativa energética bastante contestada por peritos e ecologistas, como refere o artigo do *Le Monde* assinado por Françoise Vaysse.

Pág. 6

Banco central muda mercado cambial

O Banco de Portugal mudou o regime de funcionamento do mercado cambial. O aumento da incerteza na determinação dos câmbios exige que as empresas preparem as suas defesas. Se aqui o banco central quer e manda, já diferente é o que se passa com os seus conselhos macroeconómicos. Ninguém o ouve.

Pág. 8

AGROPROMOTORA

CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS

PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA

RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 720 — TELEFAX — 743411 — 1600 LISBOA

ECONOMIA

*Subida generalizada de preços
em toda a Europa*

Petróleo agrava inflação

Reflexo da subida do valor do barril de petróleo, os preços aumentaram em Portugal 1,3 por cento no passado mês de Agosto, revela um documento da Organização para a Co-Operação e Desenvolvimento Económico (OCDE).

Nesse mês, a média dos aumentos dos 24 Estados associados foi de 0,8 por cento, contra 0,3 no mês precedente. Este agravamento foi o mais acentuado desde Janeiro, altura em que os preços também sofreram influência dos preços da energia.

Apenas cinco Estados, entre os quais Portugal, registaram subidas superiores a um por cento: a Dinamarca e o Reino Unido, com um por cento (contra 0,3 e 0,1 por cento, respectivamente, no mês de Julho), a Suíça, com 1,1 por cento (contra 0,1 no mês referido) e a Turquia, com 2,5 por cento (contra 0,9).

Em 12 meses, incluindo Agosto, a taxa de inflação para os associados da OCDE atingiu 6,6 por cento, contra seis por cento no período de 12 terminado em Julho. Se se retirar a Turquia, estes val-

ores baixam para 5,3 e 4,8 por cento, respectivamente.

No caso concreto de Portugal, a inflação foi de 12,7 por cento nos 12 meses contados até Agosto último e de 5,3 se se considerar seis meses.

A subida dos preços da energia no conjunto da OCDE foi de 2,8 por cento, em Agosto, o que constitui um aumento recorde desde Abril do ano passado, após ter diminuído 0,2 por cento em Julho (excepto a Grécia, a

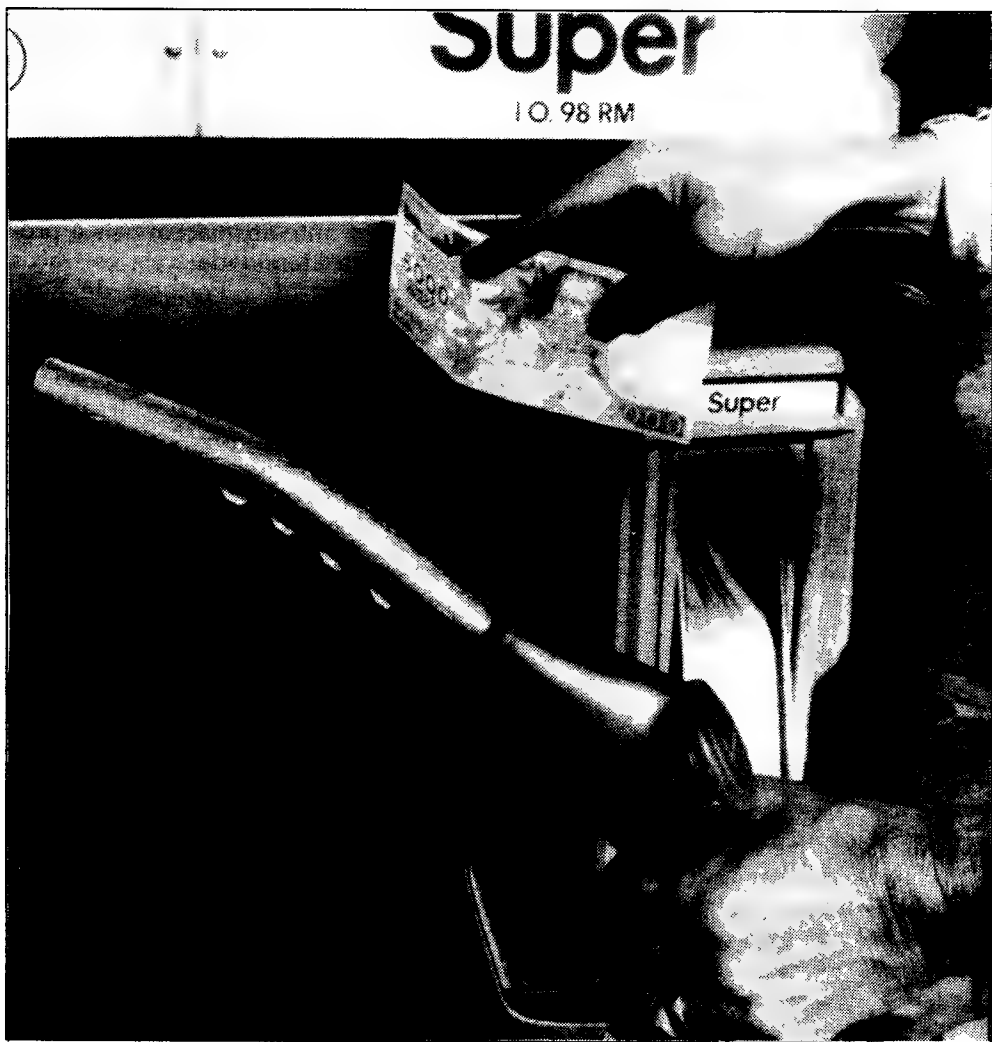
Islândia, Portugal, a Suécia e a Turquia, para os quais não há dados disponíveis).

Entretanto, em Setembro, a inflação anual na Grã-Bretanha ascendeu a 10,9 por cento, atingindo o nível mais alto desde Fevereiro de 1982. No mês referido o aumento foi de 0,9 por cento, preven-
do-se, no entanto, que venha a descer com a redução das taxas de juro para 14 por cento.

Por outro lado, prevê-se

também que a adesão da libra ao Sistema Monetário Europeu venha a favorecer a luta contra a inflação, mostrando-se o ministro britânico do Tesouro convencido de que em 1991 se verifique uma forte descida.

Esta entidade atribuiu o anormal aumento da inflação em Setembro à pressão dos preços dos combustíveis, mas também à subida dos preços do vestuário e das tarifas telefónicas.



Combustíveis afectam inflação

BREVES

Portugal bem colocado para fábrica Ford-VW

Portugal é um candidato bem colocado para a eventual instalação da fábrica de automóveis Ford-Volkswagen, que envolve um investimento de cerca de 401 milhões de contos e produzirá 190 mil automóveis por ano. Esta hipótese é adiantada pelo «Journal of Commerce» (dos EUA), que ouviu representantes de ambas as marcas.

Pinto & Sotto Mayor destaca-se na corretagem

O Banco Pinto & Sotto Mayor é apontado, pela revista «Euromoney» como uma das principais instituições que em Portugal se dedicam à corretagem, logo a seguir à Carnegie, Banque Nationale de Paris e Beta. Esta conclusão resulta da análise de 300 respostas de investidores institucionais que permitiram elaborar a classificação em 18 mercados financeiros.

Nova campanha de imagem nos Estados Unidos

S. Diego foi a cidade escolhida para a terceira campanha de imagem de Portugal nos Estados Unidos. Desta vez chefiada pelo ministro do Comércio e Turismo, Faria de Oliveira, a comitiva portuguesa está a procurar sensibilizar empresários e investidores da Costa Leste.

Agricultores do Oeste ameaçam Governo

Os agricultores da Região Oeste dão ao Governo o prazo de um mês para verem satisfeitas as suas reivindicações, após o que desencadearão formas de luta que podem ir até ao corte de estradas. Liderados pela CNA, exigem o pagamento imediato do subsídio às intempéries e às sementeiras de forragens, restrições à importação de produtos hortícolas frescos, medidas que impeçam o diferencial de preços entre a produção e o consumo, a equiparação do subsídio de gasóleo aos valores comunitários e juros bonificados para os investimentos agrícolas.



INATEL

CURSOS DE FORMAÇÃO

CURSO DE DICÇÃO

(APERFEIÇOAMENTO VOCAL)

CURSO PRÁTICO DE FANTOCHES

INSCRIÇÕES ATÉ 22 DE OUTUBRO



OS CANDIDATOS SELECIONADOS FICAM SUJEITOS AO PAGAMENTO DE UMA PROPRINA DE 500\$00.

INFORMAÇÕES: INATEL, SEDE, CALÇADA DE SANTANA, 180
1198 LISBOA CODEX TEL: 538871

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ____ / ____ / ____ Pelo período de

1 ANO	— 18 000\$00
6 MESES	— 9 000\$00
3 MESES	— 4 500\$00
1 MÊS	— 1 500\$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio

☐ cheque

☐ vale do correio

• Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar: o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00 • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

ECONOMIA

Armadores estão preocupados e responsabilizam Governo

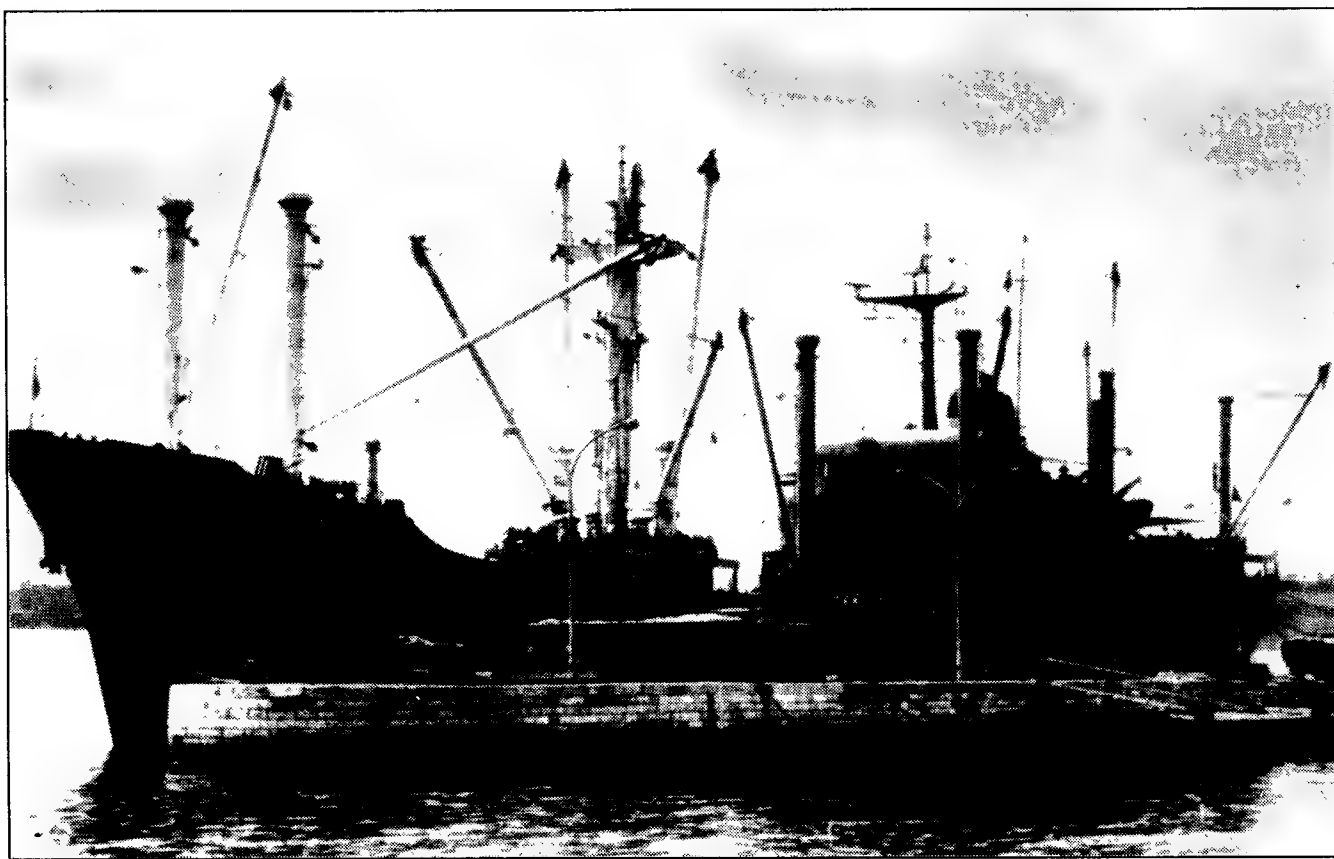
Situação vigente no sector não dá garantias de futuro, numa altura em que se tornou patente a incapacidade de resposta a questões específicas

Os armadores portugueses consideram que a situação que está a ser vivida no sector é preocupante e responsabilizam o Governo de ignorar as questões «encarando-as apenas pelo prisma estreito e sem perspectivas da fiscalidade», contando unicamente com a cobrança de receitas e «sem curar de saber se tal atitude pode levar ao desaparecimento de uma actividade importante para o conjunto da economia nacional».

Quem o afirma é Mário Salvado, presidente da Câmara Portuguesa dos Armadores da Marinha Mercante (CAPAM), para quem a presente situação é grave e está a evoluir rapidamente e de forma a causar problemas aos armadores nacionais.

Estas afirmações surgem numa altura em que, tal como em situações semelhantes, há questões pontuais que chamam a atenção pública para o que se passa no sector, como agora em que, devido a razões pontuais, este é mais afectado. Exemplo disso é a situação vivida desde que foi tornado público que a Marinha Mercante não possui um único navio com características que permitam prestar apoio logístico a qualquer operação de carácter estratégico-militar.

De facto, perante uma consulta feita pelas autoridades militares norte-americanas quanto à possibilidade de haver um ou mais navios portugueses capazes de serem integrados numa operação de transporte de material militar para a zona do Golfo, para o qual foi proposto o único navio do tipo «roll on - roll off» de que a frota mercante portuguesa dispõe, as autoridades concluíram que nem sequer essa unidade tem in-



O cargueiro «São Miguel», que trouxe mais luz sobre as insuficiências da Marinha Mercante nacional

teresse, devido à sua pequena capacidade de transporte.

A situação em que se encontra o sector está a ser preocupante, tendo sido afirmado por Mário Salvado que, embora «este se trate de um único episódio, o facto de Portugal não dispor de um único navio de características que nem sequer são altamente sofisticadas, mas de necessidade à escala nacional, impõe reflexões que, mesmo que breves, são urgentes».

Segundo o presidente da CAPAM, a primeira reflexão, decorrente do acompanhamento destas questões à escala mundial, é que «deixou praticamente de haver problemas de reestruturação das frotas mercantes à escala de

cada nação», o que poderá contrariar a ideia generalizada de que «Portugal tem urgente necessidade de reestruturar a sua frota mercante».

Tal resulta do facto de que o que existe hoje é «um problema de competitividade à escala global, num mercado em que as diversas barreiras nacionais têm, por diversas razões, caído sucessivamente».

Quer as regras comunitárias, quer as imposições do GATT, da OCDE e de outros acordos de âmbito mundial contribuem igualmente para o desaparecimento de quaisquer veleidades de protecctionismos nacionais ou regionais, acrescentou Mário Salvado.

Conforme afirmou, depois

de ter desaparecido a política das «bandeiras nacionais», está completamente ultrapassada a era das «Conference Lines», dos «arranjos visando certas reservas de tráfego ou práticas de tarifas preferenciais».

Fuga de navios

A redução de custos é uma exigência neste ramo do comércio internacional, segundo disse também Mário Salvado, que recordou que por isso os armadores procuram diminuir os custos tonelada/milha, «seja pela procura de melhores ou mais adequadas características dos navios, seja pelo encurtamento dos tempos de viagem entre portos de origem e portos de destino, ou ainda pelas economias de combustíveis ou de encargos de tripulações».

Conforme afirmou, quando os armadores que dispõem destes factores favoráveis oferecem fretes mais vantajosos em qualquer mercado, dada a queda de fronteiras e barreiras protecctionistas, é «inevitável que os clientes previram os seus serviços».

Esta concorrência, tida como não sendo desleal, torna-se maior, mesmo dentro de cada país, com a «fuga» dos navios para «bandeiras de conveniência» que, ao abrigo da legalidade, proporcionam vantagens aos armadores.

Tal acontece, segundo o presidente da CAPAM, até em Portugal, onde são já numerosos os armadores que têm navios registados sob diversas «bandeiras de con-

veniência», «uma vez que assim evitam pesados encargos fiscais que continuam a existir para os navios inscritos no registo nacional».

Consequências e processos

Uma das consequências

nefastas mais «visível» é a considerável redução da frota mercante nacional, bastando para tal analisar os elementos do Registo Nacional - embora tal redução resulte do não do abate dos navios, mas porque os armadores, tal como os seus congéneres de países com tradições marítimas, procuram os «registos de conveniência» da Libéria, Panamá, Chipre, Ilha de Man, Hong-Kong, Ilhas Caiman, Bermudas e Kerguelen - ilhas francesas situadas no Pacífico, entre outras.

Para além dos conhecidos registos sob «bandeiras de conveniência», já existem outras modalidades de fuga aos encargos fiscais, na generalidade dos países armadores e mesmo nos países de acolhimento de navios. É assim que surgem e são utilizados os «registos internacionais» dinamarques e alemão-federal, «na senda de sistemas bem sucedidos do Registo Internacional Norueguês que, segundo dados públicos, será seguido de um registo semelhante baseado no Luxemburgo, país do interior da Comunidade Europeia, sem portos de mar mas em posição privilegiada para defender os interesses dos armadores comunitários».

Redimensionar os portos para a competitividade

A competitividade do comércio externo português só pode ser feita com a contribuição de portos económicos e eficientes. Este o ponto-chave do colóquio ontem realizado na FIL, em Lisboa, durante o qual foi analisada a situação carenciada vigente e as medidas necessárias para a ultrapassagem do pouco promissor panorama actual.

Neste encontro, onde participaram especialistas nacionais e estrangeiros, António Costa de Almeida, representante na EDP no Conselho Português de Carregadores (CPC), deu a visão da área que representa, tendo afirmado que «as autoridades portuguesas não quiseram, ou não souberam, ter a perspectiva das implicações do estrangulamento, administrativo, económico e logístico, da economia nacional causado pelo mau enquadramento da actividade portuária».

A importância da questão nos anos 90, o cenário a considerar para os transportes, os portos como elo fundamental da cadeia de transportes marítimos, a escolha do modo de transporte e a dimensão do «negócio marítimo», dependente da capacidade dos portos minimizarem os encargos exigidos aos utentes e da maximização dos benefícios oferecidos, foram outros pontos focados.

Como questão de debate esteve a necessidade de que Portugal seja um ponto de passagem e não de paragem, o que deve ser desenvolvido a par do descongestionamento das estradas. No entender do CPC, «a chave do sucesso» só pode estar em «portos eficientes e económicos, o que é uma filosofia que merecerá o concurso dos participantes no colóquio».

COTAÇÕES



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44895	50895
ALEMANHA (marco)	87395	89815
ÁUSTRIA (xelim)	12850	12870
BÉLGICA (franco)	48881	48331
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	116820	118870
(notas de 5 a 1000)	116870	119820
DINAMARCA (coroa)	23885	23845
ESPAÑA	18366	19486
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	134815	137865
(notas de 5 a 1000)	134865	138815
FINLÂNDIA (marca)	37828	37888
FRANÇA (franco)	26825	26815
HOLANDA (florim)	78885	79815
IRLÂNDIA (libra)	237885	241885
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (lira)	18888	19883
NORUEGA (coroa)	22870	23830
REINO UNIDO (libra)	262858	267888
SUÉCIA (coroa)	23875	24825
SUÍÇA (franco)	104810	105860
VENEZUELA (bolívar)	28399	38199

OBSERVAÇÕES:

1 - No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Diana Smith considera, em estudo publicado nos EUA, que o teste real para Portugal começa agora, terminados que estão o isolacionismo salazarista e a instabilidade que se seguiu ao "25 de Abril"

Portugal deve analisar para enfrentar «1993»

Portugal tem motivos (alguns) para estar otimista com o avanço da sua integração na CEE e razões (muitas) para proceder a uma severa auto-análise, no período de tempo que antecede o Mercado Único Europeu, previsto para 1 de Janeiro de 1993. Esta é a súmula do primeiro relatório especial publicado pelo Centro Camões para o Estudo do Mundo de Expressão Portuguesa, que está integrado no Instituto de Pesquisa sobre a Mudança Internacional, da Universidade de Columbia, em Nova Iorque.

A autoria do estudo, intitulado *Portugal and the challenge of 1992* ("Portugal e o desafio de 1992"), é de Diana Smith, a qual não peca pela avaria de críticas nem pelo tom ligeiro destas.

Um dos responsáveis do *Camões Center*, Kenneth Maxwell, afirma, na introdução do relatório, que a cobertura de Portugal pela autora durante os anos 80, enquanto correspondente do *Financial Times*, foi única pela sua rectidão e profundidade. Se isto nem sempre a tornou figura popular em Lisboa, acrescenta, originou, por outro lado, que a sua

leitura fosse quase obrigatória para os banqueiros e investidores europeus e norte-americanos.

Diana Smith entende que o Mercado Único é um desafio tão grande para todo o Portugal - Administração, cidadãos, estruturas e infraestruturas, comunicações, telecomunicações e forças produtivas - que não faz sentido alguém perder tempo ou energia a determinar quem é o *big boss* do País.

Como diz: «Portugal já não tem mais desculpas para não se comportar como uma democracia ocidental: é agora que o teste real começa. A partir de agora, as autoridades - e os cidadãos - já não podem apresentar como desculpa que "a Constituição proíbe..."».

Até porque se «Portugal pagou um alto preço económico, social e político pela sua solidão introvertida», este pagamento ainda não acabou: «A conta continuará a chegar mesmo depois de 1992».

A procura do equilíbrio

O recentramento português no contexto internacional é (deveria ser) uma das principais razões de preocupação dos dirigentes

nacionais.

As consequências de meio século de "Estado Novo" (caracterizado por obscurantismo cultural e ideológico, condicionamento industrial, repressão política, emigração e guerra colonial) e o *kafarnaum* que se seguiu ao "25 de Abril" (descolonização e redução/regresso geográfico ao tor-

rão primeiro, re-descoberta da Democracia, instabilidade endémica derivada da procura de novas hegemonias políticas, económicas, sociais e ideológicas, imigração de um milhão de "retornados") originaram que a CEE recebesse um País à procura de si, confuso e contraditório.

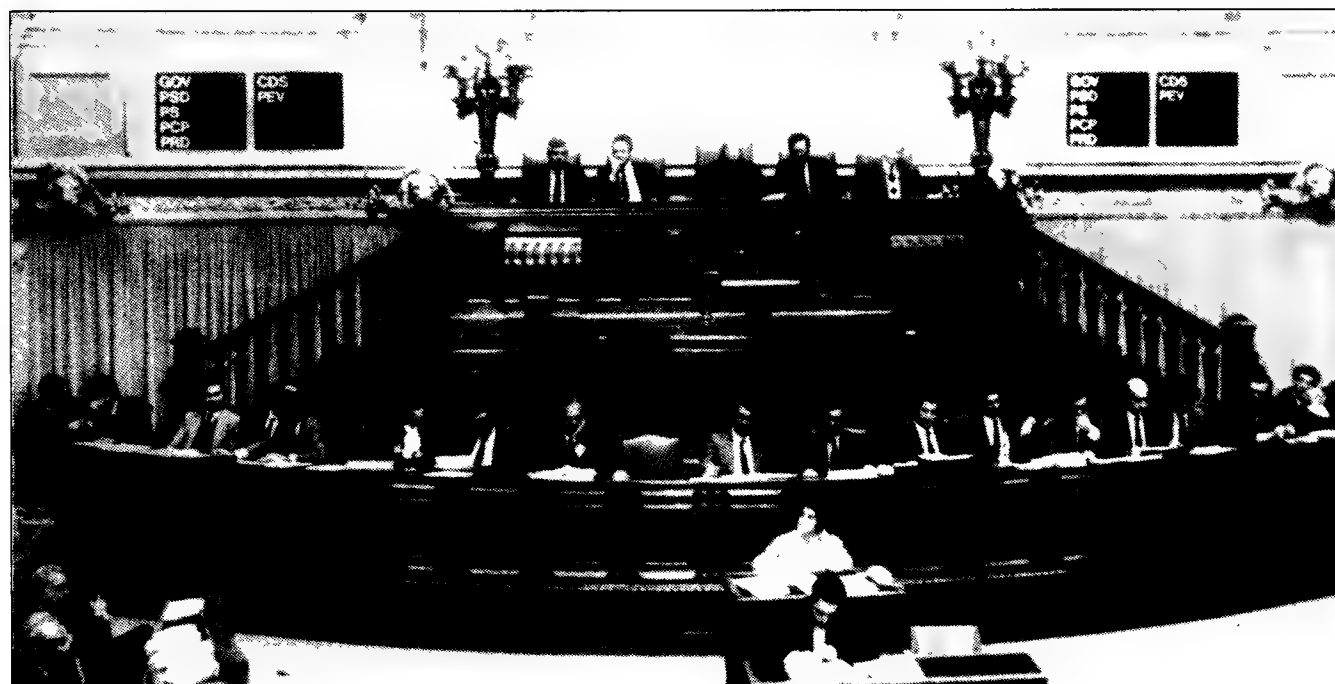
Sem a correcção dos

problemas e a adaptação das estruturas e mentalidades aos novos tempos, os fundos comunitários não aproveitarão ao País - não terão passado de (chorudas) rendas importadas por e para alguns grupos sociais.

A inserção de Portugal em novos espaços teve (está a ter) por consequência o fim de algumas estruturas, a

reestruturação de outras e a criação de novas.

Em consequência, no presente, e dado o peso e a força do passado (este não se acaba, ou aproveita, por decreto), os agentes que desempenham o papel de representantes do País apresentam muitas contradições e primarismos nos seus comportamentos inter-



«As medidas deixaram de ser debatidas e passaram a ser anunciadas»

Responsáveis ignoram lógicas comunitárias

Cavaco Silva corporiza muitos dos traços característicos do novo Portugal, pós-Salazar e pós-25 de Abril: autoritário, contraditório, falso liberal e sensível às críticas que lhe fazem, escreve Diana Smith. Não é de um dia para o outro que se mudam, ou anulam, os efeitos e condicionalismos de décadas de vida colectiva...

Quatro anos de "cavaquismo", afirma, mostraram ao eleitorado, perplexo, que os pontos de vista do primeiro-ministro são tão contraditórios como diversificados os seus apoiantes.

Depois das negociações realizadas com a Oposição, durante os anos do governo minoritário, «Cavaco Silva perdeu a cabeça quando obteve a maioria absoluta e tentou "mexicanizar" Portugal, fazendo um regime de partido único, democrático na superfície, hegemónico por dentro. As medidas deixaram de ser debatidas e passaram a ser anunciadas. As críticas e a Oposição passaram a ser estigmatizadas como comunistas ou ridicularizadas como ignorantes».

Autocracia interna...

O comportamento "absolutista" de Cavaco Silva, atribuível aos resquícios de arcaísmo na sociedade portuguesa, ou à persistência da sua força, evidencia-se em particular nas relações com a Comunidade Europeia.

Diana Smith relembra o episódio da nomeação do representante da Comissão Europeia em Portugal. A propósito, afirma: «O orgulho nacional é por vezes confundido com o direito de nomear funcionários públicos». Na ocasião, o *staff* do primeiro-ministro tinha o seu candidato, que não tinha passado na selecção feita em Bruxelas, ao passo que a escolha da Comissão recaía sobre um profissional da comunicação, que tinha vencido um concurso - justo - com diversos exames e entrevistas.

Este conflito ter-se-á ficado a dever, admite, não sem alguma ironia, a «erros tácticos de um *staff* habituado em casa a preencher postos-chave com uma ciente política se-

leccionada ou tecnocratas que não questionam a Administração»; «terá sido presumivelmente um dos últimos tiques de um Estado português à moda antiga, onde os interesses particulares de um grupo pesavam mais do que todos os outros».

A complementar este "quero, posso e mando" está o síndrome da "defesa contra campanhas orquestradas", onde aos *media* tem estado reservado um lugar privilegiado. Este síndrome ainda não desapareceu. Pior, segundo Smith: «Ganhou uma ressurgência preocupante depois do governo da maioria absoluta, alcançada em 1987. A dificuldade do chefe do Governo em tratar com as críticas ou a Oposição de depressa se tornou evidente».

...ignorância externa

Ao descrito estado de coisas na frente interna junta-se, à laia de compensação, uma falta de sentido das realidades na frente externa.

Segundo diz, nos círculos comunitários sente-se a ausência da compensação portuguesa pelas manifestações de boa-vontade oriundas de Bruxelas.

Parece que o tráfego destas manifestações só conhece o sentido Bruxelas-Lisboa: «Certas afirmações como "Nós somos mais pobres do que vós; têm de apoiar o nosso esforço para vos tentar igualar" são, sem dúvida, o fruto da inexperiência e insegurança internacionais».

Assim, «os tecnocratas portugueses querem ser vistos, em Portugal, como defensores zelosos e musculados dos melhores interesses do país em Bruxelas, e, aqui, como vigorosos e inteligentes negociadores na ofensiva, não na defensiva».

Ora, constata Diana Smith, muitos dos actuais dirigentes portugueses, bem como os seus conselheiros, não estão habituados às subtis e sofisticadas discussões com que a Comunidade funciona.

R. N.

Estado burocrático e paternalista

Despaternalizar a sociedade exige tempo. Corrupção, autocracia e oportunismo de negócio perdidas continuarão a existir.

Dinheiro, sector público e burocracia de Estado são os principais «defeitos estruturais» de Portugal apontados por Diana Smith no seu estudo. Se o controlo de crédito persiste, apesar das promessas feitas, e se Sines é sinónimo de «um capitalismo de Estado faraónico», é, porém, na abordagem da burocracia estatal e dos seus efeitos que a autora se mostra mais cáustica.

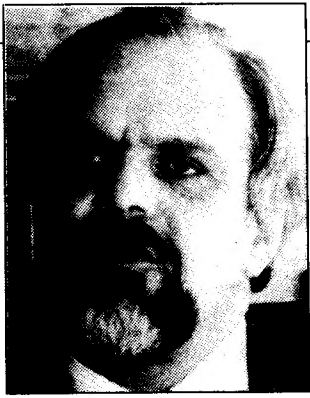
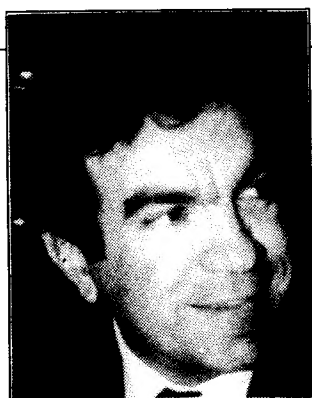
Não há preocupações "diplomáticas" ou derivadas de qualquer "manual de etiqueta e boas maneiras aplicado à linguagem": «Um país pode ter um exército de brilhantes homens de negócios, filas de estrangeiros amigos, credores, investidores e compradores ansiosos de o ajudar a crescer e uma vasta ambição para progredir e prosperar - e não obstante vacilar, em vez de correr à cabeça, por causa de um crónico impedimento mo-

tor». Esse impedimento, identifi- ca, é a burocracia: «Os 600 mil funcionários públicos são usados como bastião para um didáctico centralismo de Estado, que pode ser considerado colonialista, napoleónico ou, inclusivé, cripto-soviético».

Os efeitos da burocratização excessiva formam uma "legião": «A endémica corrupção banal e insignificante transforma-se, por vezes, em fraude de grande escala, como os casos do Fundo Social Europeu; as "ofertas" aos funcionários para removerem obstáculos legais ou burocráticos; as "cunhas" através das quais as pessoas acedem a funções ou empregos, para os quais não têm qualificações; o absentismo, através do qual os trabalhadores (mal pagos), com um certificado médico que atesta a existência de uma doença inexistente, arranjam tempo para outros

CONOMIA

sar-se B»



Mira Amaral, Roberto Carneiro, Valente de Oliveira e Álvaro Barreto, apontados como agentes de mudança

Futuro exige fim do «inho»

Romper com a tacanhez de raciocínio e referências e respeitar os cidadãos - desde logo, como pessoas - são desafios e esperanças de Portugal

Há sinais de esperança no presente de Portugal. A autora de "Portugal e o desafio de 1992" identifica-os: as novas mentalidades, as novas perspectivas, as novas oportunidades, mas não se esqueça de apontar as ameaças herdadas do passado. A curteza de vistas é uma delas. O conceito que constrói é tão engraçado como esclarecedor: o "síndrome do inho".

A transição que o País está a viver é caracterizada por dois grandes aspectos. Por um lado, está a passar de *outsider* a membro de pleno direito da CEE. Por outro, está a mudar antigas atitudes introspectivas caracterizadas pela afirmação: «Tenho um pequeno e seguro negócio ou um pequeno e seguro emprego de escritório e levo uma pequena e segura vida pelo que posso ter a minha pequena casa e pequeno carro e pequenas poupanças pa-

ra a minha pequena velhice».

Este é, diz, o auto-depreciativo e ilegitimamente modesto «síndrome do inho», omnipresente no velho Portugal, graças ao qual uma casa era uma "casinha", um emprego um "empreguinho" e um homem um "homenzinho", cuja esposa era uma "mulherzinha" e os filhos "filhinhos".

As coisas estão a mudar, constata: «Um perigoso, mas ultimamente remunerador, novo mundo está a emergir, no qual "inho" desapareceu do vocabulário e onde ambiciosos jovens graduados querem carreiras e não empregos enfadonhos».

Não será uma transição fácil. A persistência dos vestígios da mentalidade "inho" ameaça perturbá-la. Em particular, «nas vilas e cidades das pequenas fábricas e pequenos negócios do Norte conservador, onde o trabalho pesado e a mini-

agricultura, não necessariamente produtivos ou criadores da consciência de mercado, são a tradição». Aqui, o que importa é estar empregado mais do que saber se o tempo das pessoas é bem utilizado ou se estas utilizam bem o material ou a terra, afirma.

Cidadãos "imbecilizados"

De resto, o "síndrome do inho" persiste no Governo, onde, escreve Diana Smith, alguns ministros, secretários de Estado, directores gerais, sub-directores e funcionários vêm a população como "homenzinhos" e "mulherzinhas" sem rosto e pessoas estúpidas e incapazes de auto-determinação, trabalho honesto ou raciocínio inteligente. «Isto é uma ressaca do espírito colonial de missão educativa, com a nuance de que as autoridades portuguesas relacionam-se com os seus cidadãos e nativos asiáticos, africanos ou índios sul-americanos com igual desdém pela sua inteligência, enquanto proclamam que agem em nome do "Interesse Nacional" - um, no qual, presumivelmente, o povo não tem parte».

Só que «a fé infantil no papel Estado, característica dos velhos tempos, está a ser substituída por um saudável ceticismo sobre a capacidade do Governo realizar diariamente as suas tarefas de forma eficiente». Com esta atitude céptica chegou uma sede de independência económica, um desejo de realização pessoal e sucesso nos negócios e uma disposição de aceitar riscos nos negócios, que tinham estado ausentes da cena conservadora portuguesa».

Estes comportamentos, expectativas e agentes novos e "anormais", porque desatantes do contexto predominante, estão representados no Governo - outro bom sinal detectado pela autora: se há vestígios de

autocracia em algumas áreas, também há quem se mostre dinâmico, com perspectivas e "pense europeu". Álvaro Barreto, Mira Amaral, Valente de Oliveira, Roberto Carneiro e Teresa Patrício Gouveia são as "estrelas" identificadas (alguns abandonaram, entretanto, os cargos ministeriais).

O "cruzado" voluntarista

Se destaca a ex-secretária de Estado da Cultura, por ter contribuído para o combate ao "síndrome do inho" com a legislação sobre o mecenato, Diana Smith realça, ainda mais, o papel de Roberto Carneiro.

Segundo pormenoriza, este ministro tomou conta do enorme Ministério da Educação «com o zelo do Cruzado cujo objectivo não era a conquista de Jerusalém aos sarracenos, mas a conquista do poder intelectual de Portugal às forças negras da negligência, burocratização e educação politizada».

Por outro lado, afirma que Roberto Carneiro está a trabalhar - e esperançado - na irradiação do crónico e erosivo semi-analfabetismo das áreas rurais, em particular no Norte, e na praga que mais eloquentemente denuncia: o persistente trabalho infantil, «a exploração de pequenas, iletradas e mal alimentadas crianças». Como garante: «Este não é um fenómeno minoritário, mas um facto típico da vida nortenha e nordestina que Roberto Carneiro está disposto a suprimir».

Como? «Seduzindo os pais para colocar e conservar a sua descendência na escola, oferecendo melhores construções escolares, professores e educação vocacional, transportes, cuidados de saúde e, se for preciso, conselho psicológico e refeições, o que é um imã para as famílias pobres».

R. N.

O português e desprezado Cristóvão Colombo

Se não é capaz de celebrar o apogeu do seu passado, como é que Portugal pode fazer o melhor no presente? Será que Sevilha constitui um exemplo do paradoxo português: uma nação que se sente incompreendida mas que negligencia a sua imagem?

Com estas interrogações, Diana Smith questiona o auto-apagamento de Portugal nas Comemorações dos Descobrimentos, que o coloca na curiosa posição de participante convidado na Exposição de Sevilha, um pouco na pele de quem ganhou a corrida mas entregou a taça ao adversário.

Existem razões para que se passasse o contrário: desde logo, diz, o facto de Cristóvão Colombo ser português, como o prova Mascarenhas Barreto no livro "Cristóvão Colombo - agente secreto do Rei D. João II".

O tratamento que, em Portugal, tem sido dado a esta tese é de difícil compreensão, como se tivesse sido formulado um qualquer pacto de silêncio, o que contrasta de forma gritante com a divulgação e aceitação que tem tido no estrangeiro.

Assim, e ao contrário do empenhamento do Estado espanhol, Portugal liquidou as suas próprias comemorações: uma doente e sortida Comissão dos Descobrimentos, criada em 1987, implodiu em 1988.

Enquanto a Espanha galvaniza a sua energia para tornar Sevilha uma «bomba», os portugueses acolhem o aniversário das suas Descobertas, que mudaram o mundo, com um apologetico encolher de ombros, constata.

R. N.



Rosa e Lopes: vitória do novo espírito de Portugal contra a arrogante burocracia

empório ou incompetente, tem penetrado devagar em Portugal».

Uma Administração de espírito napoleónico autoriza-se todas as formas de interferência burocrática e de autoritarismo e assume que todos os cidadãos são culpados até prova em contrário. "Despaternalizar" a sociedade vai exigir ainda uma geração, ou mais, estíma.

Entretanto, o excesso burocrático continuará a fazer as suas vítimas, das quais Smith destaca as oportunidades de negócios perdidas, cuja lista já é (demasiado) extensa. Se a situação persistir com e apesar da chegada do Mercado Único, o País viverá tempos

terríveis, prevê.

Evitar estas previsões implica um futuro mais democrático, no sentido da consulta aos anseios das pessoas, e menos tecnocrático ou autocrático, o que passa pela alteração da estratégia do PSD de concretizar reformas arrasando tudo o que se lhe opuser. Diana Smith relembra o Verão de 1989: conflitos do Governo com médicos, enfermeiras, advogados, juizes, polícia, sargentos, professores, empresários, sindicatos e os seus próprios diplomatas e empregados. «Toda a gente menos os pensionistas, o que começa a ser pouco para ganhar eleições».

R. N.

ocrático ta

ige tempo.
unidades
io a existir

trabalhos melhor pagos; o "jeitinho" para conseguir alguma coisa nem sempre dentro da lei; o funcionário, empregado a *full-time*, confrontado com o tédio do processamento de papéis e certificados oficiais; a divisão da essência do regime e carácter português entre a submissão, de má vontade, às autoridades e a anárquica auto-afirmação, tão bem ilustrada pela forma caótica de condução».

Manipulação autocrática

Diana Smith extrai daqui: «Séculos de condicionamentos devidos à manipulação autocrática desviaram o progresso de Portugal».

Apesar do País estar, agora, a viver em democracia, ainda ignora o sentido profundo desta: «A democracia, no seu sentido mais profundo, no qual os cidadãos sentem que são livres e recorrem contra um Estado per-

14.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

P.º 11 348-2.º S-14.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa

ANÚNCIO

Faz saber que por este Juízo e segunda Secção, nos autos de Acção de Anulação de Deliberações Sociais, registados sob o número 11 348, em que é autor Narciso Francisco Camelo da Silva, casado, residente na Rua Norton de Matos, 3-1.º Dt.º-Moinho da Funcheira-Amadora e ré Espinheira & Duran Lda., com sede no Largo de Santos, n.º 1, Letras D e E, em Lisboa, por despacho de 18/9/90 foi nomeado representante especial da referida ré o senhor Joaquim Castilho de Jesus Silva, sócio-gerente daquela, nos termos do disposto no n.º 2 do art.º 21.º do C.P.C., ficando suspenso o prazo para a contestação, decorrendo o prazo de trinta dias para vir aos autos, após a publicação dos anúncios.

Lisboa, 25 de Setembro de 1990

O JUIZ DE DIREITO

Pedro Santos Gonçalves Antunes

A Escrivã-Adjunta

Elsa Machado Marques

DL 1.º PUB. 16/10/90

PRECISA-SE

VENDEDORES DE ESTOFOS PARA TODO O PAÍS

Os interessados deverão enviar curriculum vitae para:

INIMO — Indústria Ibérica de Mobiliário Lda
Lugar de Regadas — Fânzeres Apartado 4
4420 GONDOMAR CODEX

ECONOMIA

Subida do preço do petróleo relança o interesse pelo átomo e agita a bandeira do nuclear, mas a memória de Tchernobyl ainda não desapareceu

O medo, a razão e os riscos das centrais nucleares

O desenvolvimento da energia nuclear vai depender da capacidade que a indústria do sector tiver para responder às interrogações actuais da população, no que principalmente diz respeito à segurança dos reactores, às instalações do ciclo e à gestão dos resíduos radioactivos, em particular a armazenagem de resíduos de alta actividade.

Em todas estas funções que exerceu no passado, Philippe Rouvillois conseguiu uma sólida reputação de «homem honesto», que não perdeu quando esteve à cabeça da CEA - Comissão da Energia Atómica, nem quando se dirigiu aos seus pares preocupados com a eventualidade de um «terceiro choque petrolífero».

Na conferência mundial realizada há um ano em Montreal, os partidários do nuclear não hesitaram em explorar tanto o problema do efeito de estufa como o das chuvas ácidas para promoverem o átomo, «a energia não poluente», tentando assim apagar da memória o desastre de Tchernobyl, em 1986.

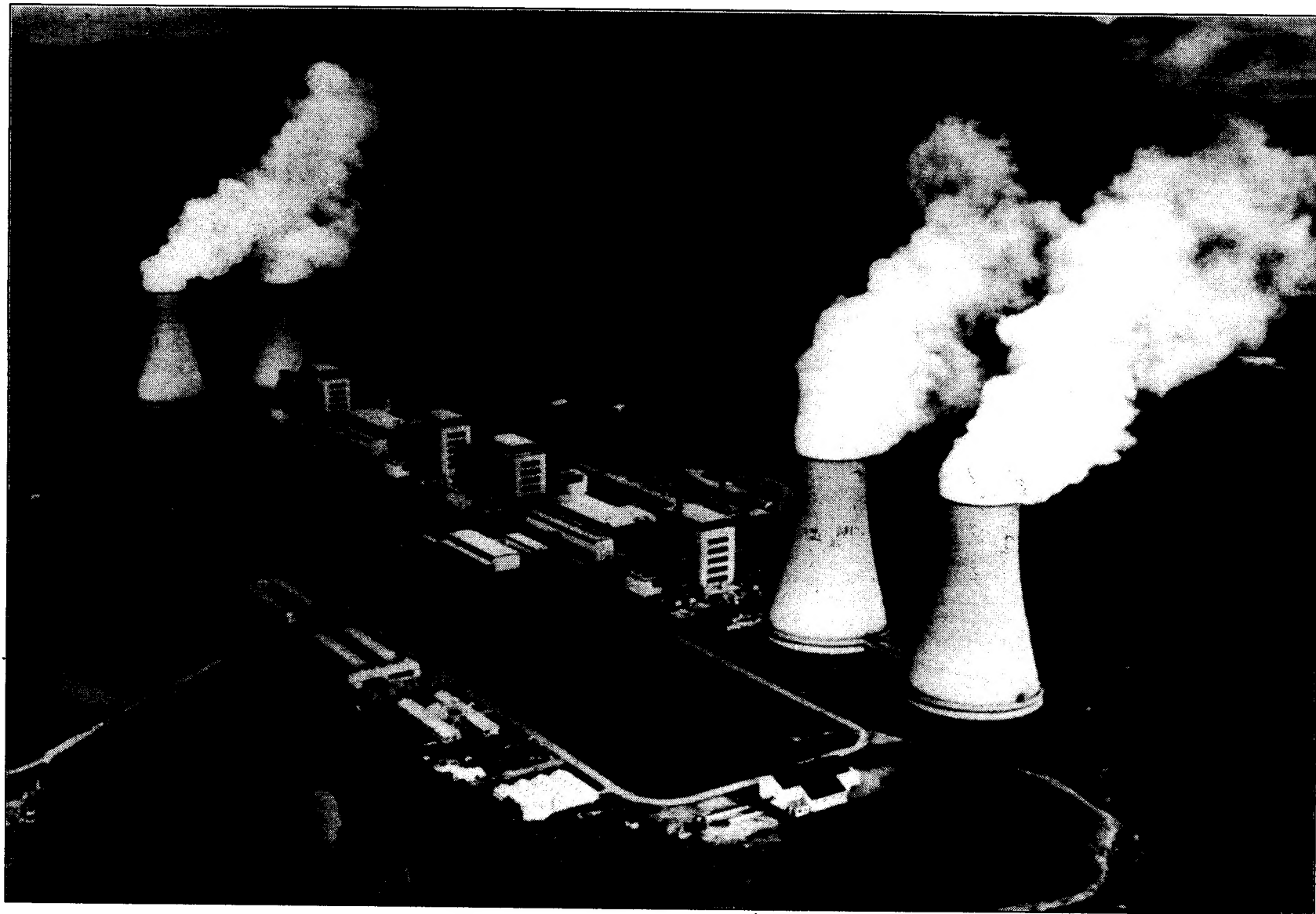
Depois de ter abandonado este tema, utilizam novos argumentos sobre a crise do Golfo para promover a sua indústria. Os menos activos não são os franceses: algumas semanas depois do início da questão iraquiana, vimos os dirigentes de Framatome tomar posições sobre esta matéria. Trata-se de uma atitude que não é de estranhar: o nuclear tricolor nasceu do primeiro choque petrolífero de 1973 e a França é o país que mais tira daí a grande parte da sua electricidade.

Em 1989, 75 por cento da produção eléctrica francesa era de origem nuclear, contra 61 por cento da Bélgica, 50 por cento da Coreia do Sul e Hungria, 45 por cento da Suécia, 39,5 por cento da RFA e 27,8 por cento do Japão.

Actualmente, 429 parcelas estão instaladas em 27 países que abrigam 40 por cento da população mundial. A Europa, incluindo a URSS, é o primeiro continente nuclear do mundo com 229 parcelas instaladas, seguida dos EUA e do Canada com 130, a Ásia com 64 e o resto do mundo com seis.

Dobro do consumo

Quais são os argumentos dos «nucléocratas»? Em primeiro lugar, o consumo mundial de energia devia passar para o dobro em 2020, sob o triplo efeito da demografia, do crescimento



Centrais nucleares: tudo está por discutir e por decidir, numa altura em que o petróleo sobe de preço e a energia escasseia

económico das nações industrializadas e das necessidades dos países em desenvolvimento.

Em seguida, a crise do Golfo faz lembrar que a repartição geográfica desigual das energias primárias, petróleo, carvão e gás, ameaça a independência de regiões inteiras, muitas vezes as mais poderosas.

A América do Norte consumiu, em 1987, 27,6 por cento da energia mundial, mas não possui mais do que 3,7 por cento de reservas de petróleo e 6,7 de gás natural do mundo. A Europa ocidental utilizou 17,3 por cento dessa energia e dispõe de apenas dois por cento de reservas de petróleo e 4,7 por cento de gás.

O nuclear é uma energia de preço estável e mais barato. Os custos de construção são quase duas vezes mais elevados para uma central nuclear do que para uma central de gás e três vezes mais para uma de fuel, mas em relação aos combustíveis são vantajosas.

«Mesmo quando o barril custava 15 dólares, uma central nuclear francesa era competitiva em relação ao fuel, pois produzia duas mil

horas por ano», assegura Jean-Claude Leny, presidente da Framatome.

A alta dos preços do petróleo nada mais faz que cavar um fosso entre o custo do kilowatt/hora do nuclear, que fica em 20 centimos do franco, e o do produzido a partir do fuel, que ultrapassa os 50 centimos num barril de 30 dólares. Assim, as conclusões dos partidários do átomo é «mais do que nunca, o nuclear é uma solução incontornável» e os acontecimentos do Golfo vão, sem dúvida, acelerar a sua utilização nos meados desta década.

Para Jean-Claude Leny, a reactivação do nuclear surgirá quando «os acontecimentos do Golfo forem integrados ao nível das políticas nacionais». A análise da CEA tem outras realitizações: «A convicção de que o nuclear vai arrancar nesta década, não é mais do que um acto de fé».

Medo do futuro

Gérard Errera, director das relações internacionais e governador da AIEA - Agência Internacional de Energia Atómica, pensa que não «se construirá o futuro do

nuclear com o medo da poluição ou da guerra ou sobre o efeito de estufa, mas com respostas muito precisas como a segurança ou a não-proliferação».

Nos meios próximos de Philippe Rouvillois, acredita-se que um certo número de factores joga contra um nuclear numa espécie de «encruzilhada». Esta indústria não pode dispensar a adesão da opinião pública, em resposta a todas as questões que se põem, ou que se puseram até nos países mais «fechados»: antes da Perestroika, a ecologia era um dos canais de contestação dos países do bloco de Leste.

A fragilidade de certas centrais nesta região apenas alimenta este movimento. Na primeira fila destas preocupações, a CEA coloca as interrogações na segurança e no aprovisionamento dos lixos. Trata-se, segundo Rouvillois, de uma «parada mundial» que implica uma «solidariedade com os países cujos níveis são considerados insuficientes».

No plano económico, há a registar que muitos países em desenvolvimento dispõem de recursos naturais em quantida-

dade, como é o caso do carvão. É um facto que ele produz gás carbónico, poluente, mas o nuclear é «comilão» de capitais, o que rareia naqueles países. Muitos industriais aguardam com prudência que o nuclear seja reposto nos EUA e mantêm uma esperança inelutável para que isso se torne realidade.

Entre eles, Jean-Claude Leny considera que, para fazer face ao crescimento do consumo e à renovação das instalações antigas, os EUA vão ter necessidade de construir entre 100 a 150 parcelas de mil megawatts, nucleares ou não, daqui ao fim do século.

Pareceres divergem

Em particular, os pareceres divergem acerca das possibilidades de recepção hidráulica, tão abundante no Canadá. Segundo uns, este último deseja despejá-lo nos EUA; segundo outros, em particular o presidente de Framatome, os contratos de fornecimento de electricidade assinados entre os dois países permitiram aos americanos «recuar a muralha» por algum tempo. Se a questão americana for debatida, não é ne-

cessário perder de vista a evolução da situação nos países que suspenderam os seus programas como a Suécia, a Espanha e a Itália. E quanto aos países ditos «avanzados»?

Será necessário privá-los, «à priori», do nuclear por razões de segurança? Duas grandes escolas confrontam-se sobre este problema: a mais estrita, dita «Boiteux», nome do antigo presidente da EDF, largamente difundida, é a favor da exclusão. Mas, em caricatura, ela reserva o nuclear aos ricos, devendo os mais pobres contentar-se com fontes de energia mais primárias.

Inclina-se, porém, para uma política estrita de acompanhamento e de preparação do nuclear nesses países. O caminho é estreito, como sublinha ainda Rouvillois: «Cada um reconhece que a condição 'sine qua non' do desenvolvimento da energia nuclear é o levar à prática controlos rigorosos em matéria de não-proliferação. É um empreendimento difícil, mas não existe outra via».

Françoise Vaysse
Exclusivo DL/Le Monde

ECONOMIA

Apesar das excelentes condições climáticas e geográficas do concelho de Torres Novas, o sector agrícola ressent-se da falta de agricultores e de mão-de-obra. O figo continua de fraca qualidade, pouco competitivo. Só a reconversão poderá salvar uma região que representa, em figueira, 70 por cento da produção nacional

Frutos secos e secados vivem futuro incerto

A região de Torres Novas vive momentos decisivos para a consolidação do seu sector agrícola, momentos de incerteza e de discussão sobre qual a melhor política para a agricultura do concelho, uma zona enclavada entre Tomar e Santarém, de aptidões climáticas excelentes, tradicionalmente conhecida pela Região do Figo.

A V Feira Nacional dos Frutos Secos, que decorreu naquela cidade durante a semana passada, foi o pretexto para um encontro entre técnicos agrários, jovens agricultores e autarcas com a imprensa, altura em que algumas questões foram colocadas. Em causa está o futuro de um sector com características particulares em Portugal, sector que conta com apoios comunitários: o dos frutos secos e secados.

A realidade é preocupante. Há falta de produtores, a qualidade do produto não é a melhor, as normas para a comercialização escasseiam atrasando as exportações, os jovens agricultores hesitam em investir, os mais velhos combatem a modernização. Por outro lado, se os engenheiros agrários não são peremptórios na defesa do sector, embora considerem que «tem futuro», da parte do município, a grande força vai para a indústria.

Torres Novas possui foral há 800 anos, fica situada num nó rodoviário importante, tem um clima mediterrânico e um micro-clima ótimo para a cultura de frutos secos e secados, está integrada na Região de Turismo dos Templários e na zona Agrária de Tomar, constitui um triângulo sócio-económico importante conjuntamente com Abrantes e Tomar. E ficará, com a futura auto-estrada, a dois passos de Lisboa.

Apesar deste panorama brilhante e dos 40 mil habitantes, o sector agrícola de Torres Novas vive uma altura de impasse, ressent-se da falta de mão-de-obra para a agricultura, um sector que só é viável através de uma reconversão eficaz, com investimentos e reforço da qualidade do produto para

o tornar concorrenciável.

Pequeno e doce

A figueira é a grande riqueza da região e representa 70 por cento da produção nacional. Mas o figo da zona, preto e de pequena dimensão, apesar de muito doce e de bom paladar, é pouco comercializável. É um figo que se destina mais a ser transformado em aguardente e álcool, constituindo a sua principal matéria-prima. Contudo, como referiu ao «DL» o engenheiro Carlos Gomes, técnico do IFADAP, o aparecimento dos melaços, mais baratos, veio prejudicar a sua comercialização. A aguardente de figo é, segundo este técnico agrário, a menos perigosa para a saúde, contendo menos metanol que a de alfarroba e a vínica.

Por isso, o surgimento recente de um projecto-piloto para a reconversão do figueiral na região de Santarém, elaborado pela Cooperativa Agrícola dos Produtores de Figo de Torres Novas, com o apoio comunitário, vem colocar no mercado, a breve trecho, o figo lampo e o figo pingo mel, um fruto de maiores dimensões utilizado tanto fresco com seco.

Por outro lado, segundo Carlos Gomes, que acredita na viabilidade do sector agrícola da região e na sua capacidade de intervenção no estrangeiro, existem três zonas de cultivo, a dos citrinos, integrada na Serra d'Aire - uma zona, até à data, de pinheiro e de eucalipto; a de bairro, essencialmente de figueira, mas também de amendoal e nogueira e a zona de lezíria, de cultura diversificada.

Para este engenheiro, a zona do Pafarrão, por exemplo, situada no sopé da serra d'Aire, dá «melhores laranjas que o Algarve». O mercado não se alargará, porém, se não houver uma normalização das embalagens com vista à exportação, se a produção não aumentar e se a qualidade do figo não melhorar.

O peso da indústria

Por parte da Câmara, referiu ao

«DL» o professor e vereador Venâncio, todos os apoios possíveis são dados, mas «a agricultura tem menos importância económica do que a indústria quando se coloca a questão do futuro do concelho». O sector mais importante é o do papel, existindo igualmente têxteis, metalurgia e madeiras.

Esta opinião não é partilhada pela engenheira Noémia Faria, presidente do executivo da Feira e técnica da Cooperativa Agrícola dos Produtores de Figo, bem como pelo engenheiro Carlos Costa, técnico da Zona Agrária de Tomar. Para eles, não se pode falar em futuro sócio-económico daquela região sem se dar um grande empurrão no sector agrícola, nomeadamente nos frutos secos e secados.

Uma palavra decisiva cabe ao jovens do concelho. Para Fernando Carasqueira, associado da AJARN - Associação dos Jovens Agricultores do Ribatejo-Norte, existe apoio para a instalação de novos agricultores, mas não para a sua continuidade: «Os juros não são bonificados e o emparcelamento não é feito».

Mais de uma centena jovens trabalham já neste moldes, em instalações de horticultura, floricultura, pequenos ruminantes e estufas.



Apesar do esforço dos produtores, os frutos secos e secados continuam com fraca qualidade

Outros fazem-no nas terras dos próprios pais.

Para o engenheiro agrônomo Jorge Abreu Rodrigues, técnico do PDAR - Programa de Desenvolvimento Agrário Regional, a falta de informação de como chegar ao dinheiro é um dos problemas, a somar à ausência de emparcelamento, à falta

de água e ao problemas inerentes ao próprio território. «Há muitos agricultores de fim-de-semana e de fim da tarde, e poucos a viver exclusivamente da terra. Seria necessário inverter esta situação», disse ao «DL» Jorge Abreu Rodrigues.

Rui Ferreira e Sousa



Engenheiro Carlos Gomes: «O futuro passa pela reconversão do figueiral, pelos jovens agricultores e por uma política agrícola de abertura ao estrangeiro»

Projecto piloto dá alma ao figo

O Projecto Piloto para a Reconversão do Figueiral da Região de Santarém foi iniciado no ano passado e destina-se à reconversão dos figueirais destinados à produção de álcool, em variedades destinadas ao consumo em fresco, bem como de amendeiras e nogueiras.

A figueira vai comportar uma área de 60 hectares em 1991, a amendeira 30 hectares e a nogueira 10 hectares, abrangendo os concelhos de Santarém, Golegã, Constância, Ourém, Torres Novas, Tomar, Alcanena e Vila Nova da Barquinha.

Estão a ser desenvolvidas

acções de implantação de campos demonstrativos daquelas três espécies, acompanhadas da respectiva assistência técnica e vulgarização de técnicas culturais. São acções que beneficiam os empresários agrícolas daqueles concelhos com área disponível de dois hectares.

Este projecto piloto está a cargo da Cooperativa Agrícola dos Produtores de Figo de Torres Novas e é patrocinado pelo Ministério da Agricultura, com ajudas comunitárias.

Estas ajudas são de 225 mil escudos por hectare nos casos da figueira e da amen-

doeira e 560 mil e 500 escudos para a nogueira. A indemnização por perda de rendimento cifra-se na ordem dos 79 mil escudos por hectare.

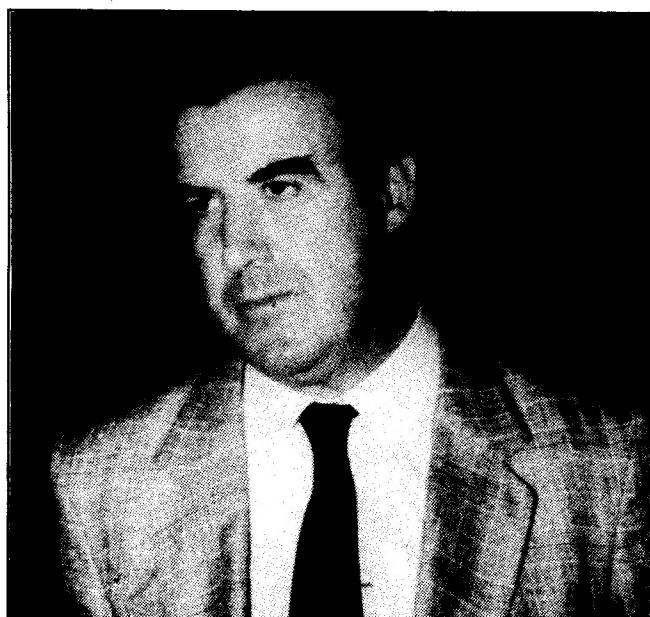
Registe-se que Portugal contribui com cerca de três por cento para a produção mundial do figo, menos dois por cento do que no ano de 1982. O principal produtor mundial é a Turquia com 370 mil toneladas, ou seja, cerca de 40 por cento da produção mundial. Em 1982 a Turquia detinha 30 por cento da produção. Na Europa a Grécia é o maior produtor com 12 por cento da produção mundial.

Banco de Portugal muda mercado de câmbios

Reduzir especulação, aproximar Portugal do SME e "avisar" empresários são os objectivos

Mudou o funcionamento do mercado de câmbios em Portugal. Reduzir as aplicações especulativas, dar mais um passo para assegurar a entrada de Portugal na segunda fase da união económica e monetária, se acontecer em 1994, e fazer perceber aos agentes económicos que não podem desejar ao mesmo tempo a inclusão do escudo no sistema monetário europeu (SME) e uma política monetária fácil ou facilitada, são os objectivos relacionados da mudança, segundo o governador do Banco de Portugal (BP), Tavares Moreira.

Na sessão onde foram divulgadas as mudanças, Paulo Amorim, director do Departamento de Estrangeiro do banco central, explicou as novidades e a sua lógica: «Antes, os bancos iam para o fixing vender/comprar moeda estrangeira, com um câmbio fixado pelo BP. Isto acabou. Agora, os bancos ficam sem garantias quanto



Tavares Moreira: «Os agentes económicos em Portugal não podem contar com facilidades».

ao câmbio e com um grau maior de risco».

O funcionamento deste mercado passa a ser feita com todas as moedas cotadas directamente contra o escudo.

Depois de o BP dar câmbios indicativos de abertura da sessão, os bancos, preparados para transaccionar quantidades mínimas, farão as suas ofertas. As operações reali-

zadas acima dos montantes mínimos conduzirão à determinação, por média ponderada, dos câmbios-base; estes, ajustados de um spread de dois por mil, para mais ou para menos, originam os câmbios oficiais de compra e venda pelos bancos à clientela.

Tavares Moreira afirmou, a propósito: «A nova realidade cambial terá efeitos sobre as empresas. Estas têm de perceber que a taxa de câmbio já não é um mecanismo de defesa como o foi». No mesmo sentido pronunciou-se o vice-governador, António Borges: «Parece que o mercado cambial está a sentir-se órfão, porque o pai deixou de estar presente no dia-a-dia. Os agentes económicos têm de ganhar autonomia e mudar de atitude na forma de encarar o problema».

Empresários com dificuldades

Quanto ao sentido das mensagens enviadas ao

mundo empresarial, Tavares Moreira não deixou lugar a dúvidas: «Os agentes económicos em Portugal não podem contar com facilidades». António Borges, por sua vez, assegurou: «O prazo é curto para a integração na Europa comunitária e provocará certas dificuldades para alguns agentes económicos».

No novo regime de aplicação da política cambial, mantém-se o objectivo tendencial anual definido pelo Governo (desvalorização anual do escudo de três por cento), que passa a ser definido apenas em relação às principais moedas do mecanismo das taxas de câmbio do SME (libra, marco, lira, franco francês e peseta - moedas dos Estados com mais importância no nosso comércio externo).

Representa isto que a taxa de câmbio passará a responder às pressões da oferta e procura de escudos. O banco central deixará o índice flutuar em torno do objectivo ten-

dencial, no interior de um intervalo, e deixará de ser uma presença constante no mercado. As suas intervenções estão reservadas para situações de excessivo afastamento.

Esta menor previsibilidade da evolução do escudo tornará mais incertos os ganhos, para os não residentes, de aplicações de curto prazo em escudos, enquanto os agentes económicos residentes poderão eliminar o risco de câmbio acrescido, com o recurso mais frequente ao mercado forward.

Neste mercado, as operações entre bancos e clientes continuam a ter que ser contra escudos e estar ligadas a transacções de bens, serviços e capitais (autorizados), liquidadas através do banco em questão e as datas de vencimento a coincidir. Contudo, a moeda contratada a prazo já não tem de ser a moeda de liquidação da transacção subjacente.

Rui Nunes

Arrefecimento da economia adiado pelas eleições

Provocar ou não uma recessão económica: eis os extremos do dilema com que os responsáveis pela política económica estão confrontados. São frequentes, para não dizer unânimes, as opiniões que a economia portuguesa está sobreaquecida: todos os meses, o Banco de Portugal o afirma na sua "Síntese Mensal da Conjuntura", por exemplo. O próprio ministro das Finanças escreve isso mesmo no último número dos "Cadernos de Economia": «Não me parece inadequado neste momento sujeitarmos a economia real a uma versão teutónica de um "duche escocês", que teria de ser necessariamente um aperto brutal».

Em causa está a adesão ao sistema monetário europeu. Evitar o e aprender com o exemplo espanhol é um argumento forte para justificar o arrefecimento da economia. É que a Espanha entrou no SME alegadamente para combater a inflação e confronta-se com a apreciação

da peseta, o afastamento da média comunitária da inflação e sérias ameaças de recessão, suscitadas pelo descontrolo da economia e da "euforia" do crescimento.

Este exemplo é para evitar, garantem-nos. Como? Com o arrefecimento da economia antes da entrada no SME, respondem. Será isto tão fácil como, aparentemente, óbvio? Não, garantem. Porquê? Porque não há vontade política para tal.

Se o exemplo dado pela Inglaterra com a sua decisão de colocar a libra no SME é mais bem visto, é porque as expectativas na economia britânica são de descida da inflação. É nas expectativas que, mais uma vez, reside o buslil da questão. Como evitar a repetição do que se passou com Miguel Cadilhe? Há quem responda com uma pergunta: «Como é que se criam condições para essas expectativas se não há política para isso?».

O Governo, por seu turno, não está a agir como se tivesse

por objectivo o referido arrefecimento e manifesta ausência de políticas e de vontade: é ponto assente, tornado certeza evidenciada pelos factos, que Cavaco Silva desistiu de definir e aplicar qualquer política de concertação social, tal como os padrões, por outro lado, estão dispostos a conceder aumentos superiores aos que seriam consentâneos com o arrefecimento almejado.

Quando o facto dos empresários terem a expectativa da baixa da inflação é reputado de «fundamental», não se torna claro, com este contexto, os meios de conseguir a baixa da inflação.

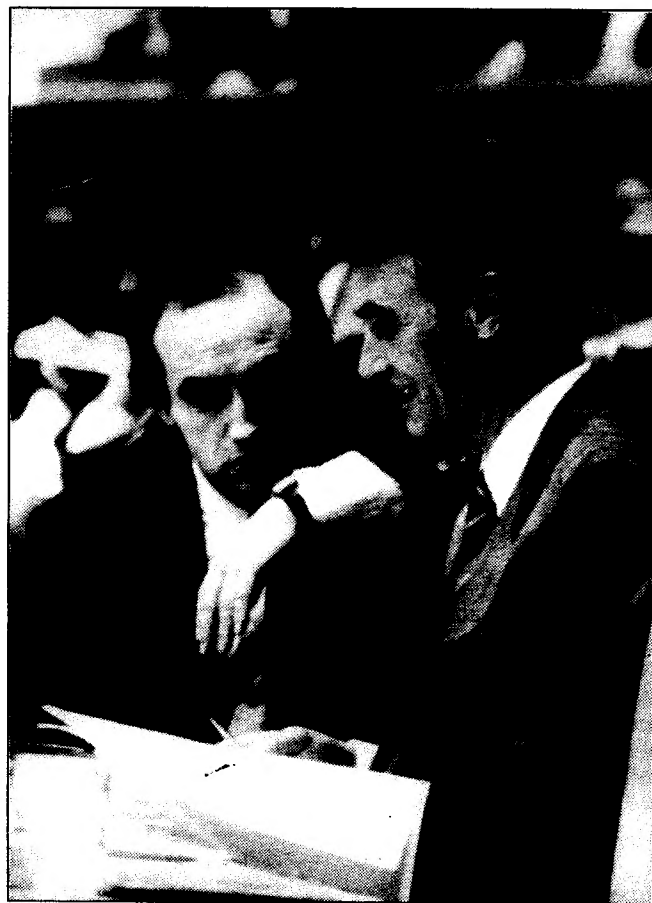
Isto é tanto mais óbvio quando se confronta o «duche escocês», recomendado por Miguel Beza, com as afirmações do primeiro-ministro sobre o Orçamento do 1991 (na ausência dos números deste...).

Dado que com uma taxa de inflação de dois dígitos é «muito difícil» entrar no SME - forma eufemística de dizer

«não se entra» - e dada a situação descrita, torna-se fácil a percepção da dificuldade de Beza conciliar o chapéu de político com o de economista e a de Cavaco compatibilizar políticas decorrentes da pertença à Comunidade e do objectivo, afirmado, da participação portuguesa nas suas instâncias com decisões orientadas para as eleições.

Não surpreende, pois, que Beza se fique por vacuidades quanto ao timing de entrada no SME: «Deveríamos aderir o mais depressa que fosse tecnicamente possível, que fosse viável e, sobretudo, que fosse credível». ("Cadernos de Economia").

Porém, como acrescenta: «Não é sem risco que se torna uma decisão como a de adesão ao SME. E porquê? «Porque, em minha opinião, é preciso manter durante algum tempo, embora pouco e com limitações, um instrumento que nos permita garantir a competitividade suficiente, uma vez que falta ainda reconverter sectores indus-



Como se adequará o economista Miguel Beza à convivência com o político Cavaco Silva?

triais, e não só, muito importantes». E sugere então a «versão teutónica do "duche escocês"»...

Mas como pôr a economia de molho, com eleições à porta?

R. N.



**LOJAS
GRULA**

**A MAIOR REDE
DE LOJAS DO RAMO
ALIMENTAR DO PAÍS**

**Em cada uma das 2300 lojas GRULA
compra melhor... e mais perto.**

Há uma loja perto de si:

**LISBOA • BEJA • BRAGA • COVILHÃ • SANTARÉM
SANTIAGO DE CACÉM • SETÚBAL • PORTALEGRE • VILA
VIÇOSA • AÇORES • MADEIRA**